

MURIÉLLE SILVEIRA BOEIRA BENTHIEN

**POLONESES DA COLÔNIA SÃO BENTO
(1870-1930)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em História no Curso do Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Professor Dr. João Klug.

Florianópolis
2005

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. João Klug, pela dedicada orientação deste trabalho.

A meus pais e irmãos.

Fernando Augusto de Andrade e Sheila Ojalvo.

À Fátima Regina Althoff, arquiteta da Fundação Catarinense de Cultura.

Às diretoras da Escola Básica Municipal Dalmir Pedro Cubas, no ano letivo de 2005.

Aos colegas de profissão pelo apoio.

Ao aluno José Ruda, da comunidade de Rio Natal, que cedeu material particular.

Fernando Dreveck, Tereza Kaszubowski e família, pela disponibilização de pequeno acervo particular.

Às funcionárias do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul, pelo auxílio.

Ao Senhor Mieceslau Kazsubowski, por ceder material particular.

À Sra. Eulália Dzięcz, pelo empréstimo de material particular, além da cuidadosa dedicação ao Museu Histórico em Bateias / Campo Alegre.

A todos os entrevistados pela paciência e acolhida.

A todos os imigrantes e descendentes de poloneses do nosso Estado.

Resumo

A dissertação apresenta um estudo realizado sobre a Colônia São Bento, no período que abrange desde sua fundação em 1873, a meados da década de 1930. A pesquisa foi efetivada principalmente através de fontes paroquiais. Localizado no norte catarinense, o atual município de São Bento do SUL/SC tinha sido criado no século XIX como uma colônia de extensão da sede Dona Francisca. Quando iniciou-se a medição das terras em São Bento, já havia na localidade algumas famílias de brasileiros estabelecidas com carta de posse cedida pelo governo do Paraná. Além deles, São Bento foi ocupada por imigrantes teuto-poloneses e boêmios em sua maioria, todos católicos. A convivência deu-se portanto entre três grupos principais: indígenas (já em minoria), brasileiros (chamados de “caboclos”) e europeus recém-chegados no núcleo. As póvoas polonesas foram constituídas pela abertura de novas linhas, como Rio Vermelho Povoadado e Rio Natal. Além dos dados paroquiais e oficiais, a análise foi possível através de entrevistas (História Oral) com descendentes, bem como da utilização de materiais disponibilizados de acervos particulares. Essa torna-se uma relevante contribuição aos estudos imigratórios em Santa Catarina, porque há uma escassa produção bibliográfica que envolvem grupos de poloneses e descendentes.

Palavras-chave: Poloneses; Imigração; São Bento.

Abstract

This dissertation presents a study made on São Bento Colony, from the period from its foundation in 1873, through middle of 1930's decade. The research was carried out mainly over parish sources. Located on North Santa Catarina, the present district of São Bento do Sul had been created in the XIX Century as an extension Colony of Dona Francisca headquarter. Whe the land measurement began in São Bento, there was already on the premises a few Brazilian families established with the property rights letter granted by the Government of Paraná. Beside them, São Bento had been occupied mostly by Teuto-Polonaise and bohemians, all Catholics. The cohabitation of these families came to be between three major groups: Indians (already as a minority group), Brazilians (called as "caboclos" – mixed blood), and Europeans recently arrived at the core. The Polonaise community was constituted by the opening of new lines, like the Rio Vermelho village and Rio Natal. Beside the parish's data and official records, the analysis came possible through interviews (Oral History) with descendants, as the proper use the materials available in private collections. Therefore, this becomes a relevant contribution in immigration studies in Santa Catarina, over the small bibliographic production involving Polonaise groups and its descendants.

Key-words: Polonaises; Immigration; São Bento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Convite para prestigiar a chegada do Papa.....	32
Figuras 02, 03 - Apresentações do grupo folclórico na cidade, na década de 1980.....	33
Figura 4 - Mapa da Polônia Ocupada.....	38
Figura 05 - Comunidades Polonesas em Santa Catarina.....	41
Figura 06 - Ocupações polonesas no Estado.....	42
Figura 07- Arquitetura polonesa – município de Itaiópolis/SC.....	43
Figura 08 - Cemitério dos imigrantes e descendentes em Rio Vermelho/São Bento do Sul/SC.....	43
Figura 09 – Mapa de São bento e Joinville elaborado pelo engenheiro provincial Henrique Keplin.....	45
Figura 10 - Mapa da Colônia.....	48
Figura 11- Localidades de São Bento.....	51
Figura 12 - Vila de Campo Alegre na década de 30.....	52
Figura 13 - Ferrovia em São Bento.....	56
Figura 14 - Trecho da estrada de Ferro em Rio Natal.....	57
Figura 15 - Relevo de Rio Natal , nas proximidades de Rio Vermelho.....	64
Figura 16 - Capela “Nossa Senhora da Medalha Milagrosa”.....	67
Figura 17 - Cemitério ao lado da capela.....	67
Figura 18 - Casa de Brunislawa Waltwan, uma das poucas ainda existentes.....	68
Figura 19 - Noivos – Bateias.....	68
Figura 20 - Festa de casamento – Bateias.....	69
Figura 21 - Capela de Rio Natal em 1930.....	71
Figura 22 - Czestochowa – Folhetim.....	73
Figura 23 - Grupo sob orientação dos padres e freiras – Bateias.....	74
Figura 24 - Casarão da Escola – Bateias.....	76
Figura 25 – Reunião de padres missionários – Campo Alegre	78
Figura 26 - Velha Capela de madeira – Bateias.....	79
Figura 27- Capela de alvenaria – Bateias.....	79
Figura 28 - “Póvoas” polonesas anexadas.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I – IDENTIDADE POLONESA	22
I. 1 O caso da Polônia.....	26
I. 2 Estudos sobre etnia.....	29
I. 3 Confusões que permeiam o termo “polaco”	31
Capítulo II – IMIGRAÇÃO POLONESA	36
II. 1 Emigração.....	36
CAPÍTULO III – COLÔNIA SÃO BENTO	44
II.1 Questão de Limites	50
II.2 O convívio e os padres missionários.....	57
CAPÍTULO IV – CONSIDERAÇÕES SOBRE RIO VERMELHO, RIO NATAL E BATEIAS	63
IV.1 Protestantes X Católicos	74
IV. 2 Escola.....	76
IV. 3 Elevação a Curato.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
FONTES E BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

Esta dissertação é fruto de intensa pesquisa e esforço com o objetivo de fornecer subsídios para estudos futuros quando se trata da colonização polonesa no Estado. Não é o primeiro. Nem se tem aqui, a pretensão de que seja o único. No entanto, é percebido como pequena contribuição aos estudos emigratórios que envolvem a transição do século XIX para o XX, na Província e posterior Estado de Santa Catarina com a Proclamação da República.

Infelizmente no nosso Estado ainda não dispomos de estudos tão detalhados sobre grupos étnicos em menor número e que situaram-se de modo mais disperso. Isto de certa forma dificulta o trabalho dos agentes governamentais quando optam pela defesa de nosso Patrimônio Histórico, sejam eles bens móveis ou imóveis.¹ A bibliografia de apoio para argumentar o tombamento arquitetônico nestes casos por exemplo, é escassa.

O espaço específico de análise é a Colônia (mais tarde Vila) de São Bento, que hoje é o município de São Bento do Sul. Esta idéia e opção partiu de experiências profissionais no decorrer da Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Estágios desenvolvidos junto ao IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e FCC (Fundação Catarinense de Cultura) levaram-me a refletir qual a função do historiador para com a sua comunidade local. Através do contato principalmente com pesquisas úteis ao auxílio de processos de tombamento, percebeu-se como lacuna de um modo geral, a pouca informação que as pessoas tem com relação a sua própria história local.

Hoje em sua maioria vinculada à produção acadêmica, a historiografia catarinense felizmente está constituindo-se cada vez mais pela variedade de foco em temas de pesquisas. Neste sentido, percebe-se uma favorável tendência à inovação e curiosidade por tópicos outrora não muito abordados.

Como um dos motivos para o aumento e acréscimo desses novos estudos, poderíamos elencar o surgimento na última década, de inúmeras faculdades. Descentralizando o ensino de História por todo o Estado, contribuíram para despertar nos acadêmicos o interesse pela própria região onde nasceram ou

¹ "Integram o patrimônio cultural do Estado, os bens móveis e imóveis que, pelo interesse público em sua conservação, venham a ser tombados pelo órgão competente". **Lei número 5846 de 22 de dezembro de 1980** Artigo 1º In: FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA - ESTADO DE SANTA CATARINA.

moraram. Além disso, nas Universidades Públicas temos atualmente mais estudantes advindos de lugares cada vez mais distantes.

Num sentido mais amplo, a ligação das abordagens com locais específicos constitui-se por grande mérito da investigação histórica, porque enlevam o orgulho e a valorização de sujeitos que descobrem-se como formadores “do processo”. Nas suas trajetórias de vida, o fator positivo de seu orgulho é a vontade de proporcionar às futuras gerações a manutenção dos próprios valores.

No entanto, esta dissertação diverge um pouco da maioria das motivações pessoais que levam escritores e pesquisadores a optar por um tema como no caso da descendência direta. É o produto apenas da vontade de estudar a imigração polonesa e da percepção desta lacuna historiográfica em Santa Catarina.

Como Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Poloneses do Rio Vermelho* (São Bento do Sul) já deu para se ter uma idéia do desafio que viria pela frente. Mas a pequena bibliografia de apoio motivou a intensa procura por novas fontes.

Há de se inferir numa relação causa/efeito, que o principal motivo para ínfima produção textual, são justo as escassas pesquisas realizadas e conseqüentes bibliografias. Maria Terezinha Sobierajski Barreto já havia observado que isto de certa forma intimida os atuantes da profissão, pois não têm subsídios suficientes que permitam novas abordagens.²

De fato, se compararmos com o Estado do Paraná ou Rio Grande do Sul os resultados são desfavoráveis. Como exemplo, podemos citar Henryk Siewierski. Num ótimo ensaio intitulado *Os poloneses nos 500 anos do Brasil*, fez alusão à inúmeros poloneses que inseriram-se no contexto de nossa História em distintos momentos, desde o século XVI. De escritores, viajantes, missionários, curiosos aventureiros, até exilados, o Brasil desde então já se relacionava com o atual país de predominância eslava. Por vezes, até intelectuais brasileiros mostraram-se solidários à causa pelo amor à liberdade do povo polonês.³

Todavia, por mais que se trate de um relevante trabalho de maneira geral a contribuição legada pelos poloneses, Santa Catarina é apenas citada em suas áreas

² BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski. **A Presença Polonesa em Santa Catarina**. Artigo não publicado. p. 2.

³ SIEWIERSKI, Henryk. Os poloneses nos 500 anos do Brasil. In: **Brasil 500, República das Etnias**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p. 75-81.

de ocupação. Quiçá então diríamos aqui, exista alguma menção bibliográfica a respeito.⁴

Apesar de aleatoriamente visualizarmos informações que enfatizam uma identidade única, sabemos que divergimos ao vivenciar uma diversificada herança étnica. Portanto nas regiões de imigração, algumas colônias não foram caracterizadas por homogeneidade cultural.⁵

E no caso das situações de convívio em meio à pluralidade, o relacionamento freqüente na Província de Santa Catarina nem sempre foi harmonioso entre os vários grupos, com relação à população local. É uma área sem dúvida muito carente de estudos a questão por exemplo, da relação entre os indígenas e imigrantes na Colônia São Bento. Há a lacuna que é o estudo da atribuição de valores e de como os próprios indígenas conviviam com os colonos.

Porém, dar-se-á forma à análise de como imigrantes europeus com características culturais tão particulares relacionaram-se. Isto ocorreu freqüentemente por necessidades comuns.

Afinal, construir a casa e ter condição de trabalho para sustentar a família era desejo de todos.⁶ A escola (paroquial) para os filhos também eram primordiais.

Portanto, tanto poloneses quanto os alemães, viveram a situação de sentimento de continuidade de seus valores identitários. Promovedor de sua auto-estima e união, estava o desejo imediato da construção de igrejas e escolas.

No final do Império e na república Velha vão ser formalizadas as identidades étnicas produzidas por diferentes grupos de imigrantes. De modo geral, alemães, italianos, poloneses, sírios, libaneses, armênios, judeus, portugueses, etc., localizados dentro do sistema colonial, criaram instituições comunitárias recreativas, culturais, assistenciais, de ajuda mútua, escolares e outras voltadas para os membros das respectivas “colônias” e operando com critérios étnicos bem definidos. A elaboração das etnicidades obedeceu códigos culturais relacionados à origem nacional – sistemas simbólicos assinalando pertencimentos primordiais e incluindo a experiência comum da imigração.⁷

Sob recorte temporal de 1873-1930 tem-se como ponto de partida para seu estudo, o momento de fundação da Colônia São Bento, que está diretamente ligada à Fundação da Colônia Dona Francisca. A proposta central é abordar o

⁴ Ibid., p. 83-84, 90.

⁵ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica, A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 12.

⁶ DIREÇÃO DA COLÔNIA DONA FRANCISCA. **Ofícios e Relatórios – 1872-1876.** In: **Revista Blumenau em cadernos.** v. 4, 1961. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1954-2001.

⁷ SEYFERTH, Giralda. **Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil.** In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). **Região e Nação na América Latina.** Brasília: UnB. s/d. p. 95.

estabelecimento de póvoas polonesas, bem como sua adaptação e convivência. Portanto, é dar ênfase e propor o quanto os grupos de imigrantes viveram recriações sócio-culturais necessárias às suas aspirações individuais e coletivas.

Estas identidades étnicas manifestadas na transição para a República Velha passaram a ser vistas como um problema, na medida em que a aspiração da maioria dos grupos era a de transmitir às futuras gerações os seus costumes, o que contrariava em muito a idéia da construção de uma Nação homogênea.⁸

À medida que as relações de poder predominantes se viram ameaçadas pela afirmação de práticas autônomas de grupos estrangeiros que ocuparam Santa Catarina, a imigração, na forma como se institucionalizara no sul do país, tornou-se incômoda e desafiadora.⁹

Tento em vista que analisar os momentos de confronto entre elites governamentais e a população no momento supracitado não faz parte do propósito, a década de 1930 foi escolhida como marco final para este trabalho.

A abordagem sobre o grupo de poloneses pode elucidar os conflitos e negociações sobre as reivindicações de interesse para seu grupo, mas a limitamos à investigação de sua inserção na sociedade catarinense. Conseqüentemente, proporcionará ao longo do trabalho a compreensão do processo de inserção dos imigrantes poloneses na sociedade brasileira.

Para permitir a compreensão desta dissertação, a pesquisa encontra-se estruturada em três capítulos. No primeiro, abordo a revisão bibliográfica a respeito dos elementos que compõem a identidade de um grupo e de quais categorias de análise disponho para pesquisa empírica. Além disso, fez-se necessário a análise de como os poloneses têm aparecido e sido abordados ao longo de outras pesquisas consideradas como relevantes para a elaboração deste trabalho.

No segundo capítulo, abordo em que condições procedeu-se a imigração polonesa, informando ao leitor também em que regiões brasileiras e mais especificamente catarinense inseriu-se.

No terceiro capítulo, abordo especificamente a Colônia São Bento. O enfoque será dado às localidades de concentração polonesa, face à diversidade social que permeiam as relações sociais do grupo.

⁸ CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - Florianópolis: Imprensa Universitária. 1998. p. 47.

⁹ Idem.

A análise reflexiva sobre as condições de convivência e as manifestações desenvolvidas nas diferentes localidades que ocuparam está reservada para o último capítulo deste trabalho. Nele é abordado o processo pelo qual as recriações sócio-culturais de poloneses foi tomando forma.

A abordagem deste tema partiu do contato com fontes principalmente paroquiais. Dentre estas (grande maioria coletados na Secretaria Paroquial no município de São Bento do Sul), destacam-se os Livros Tombos desde o ano de 1901 aos dias atuais, Livros de Óbitos (desde 1874), Livro de Registro de Casamentos (desde 1879) e de Batizados (desde 1896) que deram impulso à obtenção de informações que inferem a relação não só de alemães e poloneses, mas também de brasileiros.

Foi atribuído-lhes principalmente o cuidado em perceber primordialmente de que regiões ocupadas vieram os imigrantes, para apreender dados quantitativos e constitutivos de uma pequena estimativa de densidade demográfica. Na época colonial de São Bento, Livro de óbitos que evidenciam sua região de procedência, são os mais unânimes nesta forma de abordagem. Por exemplo, o termo “galicianos” comumente aparece, já que os primeiros grupos vieram em maioria da região da Galícia. Além disso, muitos casamentos com pessoas advindas do Paraná, evidenciam as reimplantações locais.

Nos manuscritos citados, constam transformações pelas quais passou a região norte do Estado, principalmente a Colônia São Bento. Os padres, nem sempre suficientes para o atendimento da população crescente, às vezes vinham de Dona Francisca e até de Curitiba (PR) para atender os colonos. Em algumas situações, a falta de pároco é percebida no registro de muitos batismos e casamentos acumulados para que fossem realizados no mesmo dia.

A principal transformação na esfera eclesiástica pela qual passa a região, ocorreu em 19 de março de 1908, quando a Diocese de Santa Catarina é desmembrada da de Curitiba. Tem-se então como sede diocesana a Capital do Estado, Florianópolis. Esta por sua vez, sob a condição de arcebispado, conta com outras duas Dioceses sufragâneas, a de Lages e a de Joinville.¹⁰ São Bento, junto a outros Municípios do Norte do Estado, pertencia à esta última.

¹⁰ PFEIFFER, Alexandre. **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999. p. 9.

Pudemos perceber que os tão citados Livros paroquiais constituem-se em fontes profícuas quando pretende-se estudar alguma comunidade católica no período imperial. Perpassam pela época de transição para a República, e são utilizados até os dias atuais, o que favorecem o acesso aleatório também à décadas posteriores. A opção por estas fontes foi o fator que motivou a realização da pesquisa.

Como os cartórios de Registro Civil só começaram a funcionar com o advento da república, e sendo que a maioria dos padres dominavam além de sua língua de origem, o latim e o português, tais registros constituem-se em importantes fontes acessíveis à investigação.

A riqueza de informações é significativa, abrangendo desde os simples atos de fé dos colonos, como batismos, administração da comunhão, festas religiosas, casamentos, visitas que os padres fazem aos enfermos, a mortes e sepultamentos com suas causas. Há também as informações sobre as provisões episcopais. Por fim, há indicações dos nomes dos pais (muitas vezes “germanizados” no caso dos poloneses), das profissões, naturalidade e domicílio das pessoas.

Na época, São Bento englobava ainda a região de Rio Negrinho. Campo Alegre já havia se emancipado.¹¹ Por isso, a região era maior, e os padres tinham de se desdobrar para atender toda esta população.

Pôde-se analisar o convívio realizado pelas festas, conflitos entre lideranças, associações de moradores organizadas pelos colonos. *Rio Vermelho*, por exemplo, era uma localidade muito movimentada, com vários pontos comerciais, e a Igreja do local, foi construída pelos próprios moradores. O povoado praticamente todo ocupado por poloneses, chegou a ser elevado à Curato, e desmembrado da Paróquia de São Bento em 1903.¹²

Ao investigar como o processo imigratório afeta a construção identitária destes grupos mencionados devemos compreender como brasileiros e estrangeiros viveram a experiência social numa permanente construção devido às suas necessidades de adaptação.¹³

¹¹ Campo Alegre emancipou-se em 1897, e Rio Negrinho nos anos 50 do século XX. VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. **São Bento, Cousas do nosso Tempo**. 2 ed. São Bento do Sul: dos Autores, 1991. 179, 193.

¹² PFFEIFER, Alexandre. **História da Igreja Católica de São Bento**. Pg 129.

¹³ CONZEN, Katheleen Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; et al. Forum – The Ivention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A. In: **Journal of American History, Fall 1992**. p. 4. Tradução de Ibid., p. 5.

Considerando que na época da emigração a maior parte dos colonos vieram da região integrada ao Império Austro-Húngaro, eles receberam a denominação de *Deutschpolen* (teuto-poloneses)".¹⁴ Certamente, a atribuição de *teuto-poloneses* era mais usual entre os imigrantes, para reforçar que eram poloneses mas que falavam ou entendiam o alemão.

O termo porém, não é muito encontrado em fontes impressas, como Jornais publicados em São Bento do Sul e norte catarinense, ou Ofícios da direção da colônia, que abrangem o período de transição entre os séculos XIX e XX.¹⁵ Menos ainda encontramos referências escritas nestas fontes, ao termo *polonês*. *Polaco* no entanto, ainda que aleatoriamente, é mencionado.

Quanto aos impressos, o Arquivo Histórico e Municipal disponibiliza em seu acervo os jornais da época. Eles foram em sua maioria redigidos e impressos no contexto de transição do período Imperial para a proclamação da República. Por isso, ao leitor mais atento, percebe-se a utilização de meio como veículo de divulgação de idéias arbitrarias e por vezes, agressiva. O Jornal *Tribuna da Serra*, apesar de ser do ano de 1957 à 1980, faz alusões ao século XIX; o jornal *O Catharinense* abre suas páginas no ano de 1891. Como nota introdutória do objetivo se sua circulação, escreve o autor:

O Catharinense será um órgão essencialmente político, servindo também sinceramente a causa do povo. Como político militará sem dubiedades covardes, definindo claramente o seu credo partidário e a sua atitude sincera de soldado leal do glorioso Partido Republicano.¹⁶

Segundo Henrique Fontes, o Dr. Felipe Maria Wolff foi o proprietário de maior parte dos jornais locais, porque era detentor de uma pequena tipografia. O *Der Volksbote* em versões portuguesa e alemã, foi fundado a 01 de julho de 1900, teve como redator o próprio dono.¹⁷

A liberdade também foi de cunho de republicano, de 01 de julho de 1890 a 25/03/1891. Durou até o número 13 e aparecia irregularmente duas vezes por mês. Seu redator era o senhor Francisco da Silva.¹⁸

A Legalidade era combativo aos federalistas. Sua publicação foi suspensa em outubro de 1893, porque o Dr. Wolff deixou São Bento pelo fato de que seus

¹⁴ VASCONCELLOS, Osny; et. al. Op. Cit. p 137.

¹⁵ Dentre os mais verificados estão: **Volks-Zeitung**, **O Catharinense**, **Der Volksbote** e **A Legalidade**.

¹⁶ **O Catharinense**. São Bento do Sul: 01/05/1891. s/a. n. 01. p. 01.

¹⁷ FONTES, Henrique. Através do Estado. In: **Der Volksbote**. São Bento do Sul: 12/02/1910. n. 39. p. 02.

¹⁸ Idem.

adversários tinham passado ao poder. Também de publicação irregular, reapareceu a 02 de maio de 1896, desapareceu a 29 de outubro de 1901.¹⁹

O *Volks-Zeitung*, foi outro jornal também redigido em alemão, com pequenos trechos, propagandas publicitárias e artigos em português. Apareceu em 01 de novembro de 1907, sob a direção de Carlos Urban.

Nestas fontes impressas, não raro encontramos também o tratamento dado como polacos para descendentes do grupo.

Outra fonte manuscrita, e posteriormente traduzida e impressa, é o diário de Josef Zipperer, que transmite uma visão geral sobre os aspectos da colônia, narrando sobre o estabelecimento e as dificuldades do cotidiano.²⁰ Foi o autor, um dos primeiros a ajudar na abertura de novas linhas coloniais, como *Bechelbronn* (o *Rio Vermelho*), uma espécie de “centro” das ocupações polonesas da época.

Para possibilitar a riqueza de dados e o cruzamento das informações, dispomos também de fontes oficiais e bibliográficas. Isto permite comparar por exemplo, como novidades e decisões administrativas ou políticas repercutiram ou interferiram no cotidiano da Colônia.

No que diz respeito a dados bibliográficos de outras regiões que sirvam como comparativos à menção da imigração especificamente polonesa, a obra *O camponês Polonês no Brasil*, de Ruy Christovam Wachowicz, aborda a transição/mudança, da relação de servidão na Polônia para as relações capitalistas, e posteriormente, da necessidade de emigrar na busca de melhores condições de vida.²¹

Influenciou na década de 1970 e 1980 vários outros estudos, como por exemplo, dissertações de mestrado que enfocavam a inserção do colono polonês e seu processo de recriação sócio-cultural à “realidade brasileira”.²² Seu estudo foi de grande importância porque traduziu também cartas e acrescentou e reuniu novos dados à temática imigratória.

Além disso, Ruy Christovam Wachowicz foi assíduo na temática cultural polonesa paranaense, sendo um dos que mais reuniu em sua Obra outros autores

¹⁹ Idem.

²⁰ ZIPPERER, Josef. **São Bento no Passado: reminiscências da época da fundação e povoação do município/ diários reunidos por Josef Zipperer**. Curitiba: s/n, 1951.

²¹ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.

²² KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **O colono-Polaco: A recriação do Camponês sobre o Capital**. Dissertação (Mestrado em História Econômica do Brasil) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1983.

que citaram algumas áreas de ocupação do norte catarinense. No que diz respeito ao estudo de “linhas” do antigo núcleo colonial *São Bento*, é citada por ele a localidade de *Rio Natal*, que faz parte hoje do atual município de São Bento do Sul/SC.²³ Também a religiosidade nos “povoamentos” de *Lucena* e *Alto Paraguaçu*, hoje município de Itaiópolis/SC.²⁴

Nas pesquisas elaboradas muito explorou da proximidade com o Paraná, como também por exemplo, estudos específicos sobre *Rio Vermelho* (São Bento do Sul/SC), que infelizmente não foram publicados, por mais que se tratem de breves análises.²⁵

Sua significativa contribuição não está restrita à essas publicações. Além disso, escreveu inúmeros artigos para os *Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa*.²⁶ Neles, constam suas próprias produções textuais, produções de outros escritores, bem como muitas cartas e textos traduzidos de autores poloneses que abordaram a imigração e divulgaram-na na Polônia e Brasil.

Numa dessas traduções, está a descrição de Antoni Hempel, um viajante a serviço da Sociedade Comercial Geográfica, que veio para o Brasil para conhecer as colônias polonesas, relatando sobre o que encontra em Santa Catarina. Na sua Pequena descrição intitulada *Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul*, o autor comenta sobre inúmeras regiões, dentre elas Joinville/SC, São Bento do Sul/SC, Itajaí/SC, Blumenau/SC, Orleans/SC, Criciúma/SC e Tubarão/SC.

Além dela, consta por exemplo traduções de inúmeras cartas de imigrantes enviadas para seus parentes da Europa, que sequer chegaram a recebê-las, porque foram confiscadas pelo Governo alemão e russo.

Dos Anais extraímos também a história de *Etti*, um padre polonês que foi o promovedor da imigração polonesa para Santa Catarina, ainda que posteriormente tenham reimigrado para o Estado vizinho.²⁷

²³ Op. Cit., p. 110.

²⁴ Ibid., p. 11,113.

²⁵ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Rio Vermelho**. Artigo não Publicado. Acervo do Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul.

²⁶ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. I v. Curitiba: Imprimex, 1970.

²⁷ Sobre a sua transferência, Wachowicz também faz um breve comentário. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná**. Curitiba: Ed. Dos Professores, 1967. Apud: BENTHIEN, Murielle. *Poloneses do Rio Vermelho (Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História)* - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Fevereiro de 2003.

Dentre os principais artigos de redação própria, convém destacar A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa, em que explica os motivos para tamanha mobilização de massas populares em torno do ato de emigrar.²⁸ No texto intitulado “As Escolas da Colonização polonesa no Brasil”, expõe ao leitor em que tipo de situações particulares deu-se a manifestação de se construir escolas e quais as regiões em que as mesmas foram construídas.²⁹

Esses Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa, são o reflexo de como no decorrer dos anos, foi-se atribuindo um diferente “olhar”, dirigido especialmente aos grupos de imigrantes poloneses e seus descendentes, no estado paranaense.

Habiéndose iniciado em ocasião de los preparativos Del Centenario de la Inmigración, celebrado em 1971, esta colección de los ANAIS (8 volúmenes lanzados entre 1970 y 1977) representa un marco na dirección a la visibilidad y a la valorización de la memoria (y de la documentación de la inmigración) y es referencia obligatoria para estudios sobre los polacos.³⁰

Esta comparação mostra-nos que escritores dos Estados vizinhos deixam sua parcela de contribuição. Sabe-se que o Estado Catarinense foi o que recebeu poloneses em menor número e talvez a forte fluxo de grupos imigrantes no Rio Grande do Sul e Paraná tenham influenciado nos resultados das pesquisas, por estarem em áreas limítrofes.

Contudo, existem regiões que seus valores são ainda tão fortes, que o polonês às vezes chega a ser mais falado que o próprio português entre os descendentes mais velhos.³¹ Existem entre eles também grupos musicais, folclóricos e associações que zelam pela sua valorização, realizando missas e festas tradicionais.³²

Quanto a bibliografia específica sobre a História do Município, o autor Carlos Ficker explorou uma multiplicidade de dados oficiais, proporcionando freqüente entendimento principalmente sobre o conflito entre o Estado de Santa Catarina e o

²⁸ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa. In: **Anais...**

²⁹ WACHOWICZ, Ruy Christovam. As Escolas da Colonização polonesa no Brasil. In: **Anais...**

³⁰ COSTA, Maria Cecília Solheid da. El Violin que solo tocaba em polaco: Del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos em Paraná. In: TORRE, Juan Carlos (Org.). **Desarrollo Economico – Revista de Ciencias Sociales**. Vol. 34. Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Economico y Social, enero-marzo, 1995. p. 41.

³¹ É o caso da atual localidade de *Rio Vermelho Povoado*, bairro de São Bento do Sul/SC.

³² Em Florianópolis/SC há a *Sociedade Polônia*; em Criciúma/SC, a *Sociedade Polonesa Águia Branca*; em Brusque/SC, a *Sociedade Imigração Polonesa no Brasil*; em São Bento do Sul/SC, a *Polska Orkiestra z Brasy lil/SC*. Algumas destas associações, organizam grupos folclóricos e festas anuais; as comemorações iniciam-se sempre com uma missa. SCHWINZER, Roberta; CUNHA, Iolita. Poloneses em Santa Catarina. In: **Revista Mares do Sul**. n. 36. Florianópolis: Ed. Mares do Sul, Abril/Maio 2001.

Paraná (Questões de Limites).³³ Nela constam também, informações diversas sobre a colônia, como a construção de Igrejas, a disponibilização de padres da Colônia Dona Francisca para São Bento, e como repercutiu a Revolução Federalista em São Bento.

A obra *São Bento, Cousas do Nosso Tempo*, trata de temas cotidianos. Baseada em relatos, no diário de Joseff Zipperer e fontes diversas, os autores cruzam informações de acontecimentos políticos e oficiais, sempre relacionando-os com o espaço urbano e rural.³⁴ Permitem compreender por exemplo, como ocorreu a primeira eleição em São Bento, e quem da população local de imigrantes participou ativamente dela. Constam variadas curiosidades também, como os casamentos realizados, os bailes e recreação, além de aspectos diversos. É um livro que portanto busca abranger a economia, política, religião e sociedade em geral.

Na obra *São Bento na Memória das Gerações*, o autor baseou-se muito do que escreveu, em informações procedentes do Arquivo Histórico de Joinville.³⁵ Constam listas completas de imigrantes estabelecidos na Colônia e sua procedência. Também busca abranger uma multifacetada visão do espaço que hoje constitui-se no município de São Bento do Sul. Como o título da obra pressupõe, o autor também aborda muitos “causos” relatados pela população local. Infelizmente não dispusemos das mesmas fontes de que dispôs o autor, já que o Arquivo supracitado, encontra-se temporariamente fechado para restauração de parte de seu acervo.

Uma publicação da série *Monografias de Municípios Brasileiros*, aborda São Bento do Sul com uma narrativa um tanto quanto eurocentrista. No entanto, não descartamos a leitura da mesma como parcela de contribuição acerca de dados informativos.³⁶

Outra obra muito utilizada para consulta quanto à religiosidade local, é *História da Igreja católica de São Bento*, escrita pelo mesmo autor.³⁷ Nela, dispôs de

³³ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para sua História**. São Bento do Sul: do Autor, 1973.

³⁴ Op. Cit.

³⁵ PFEIFFER, Alexandre. **São Bento na Memória das Gerações**. São Bento do Sul: do autor, 1997.

³⁶ OLIVEIRA, J. C.; CAMPOS, M. ; CHAGAS, H. Focalizando São Bento do Sul – Município do Estado de Santa Catarina. In: **Monografias de Municípios Brasileiros**. São Paulo: Janeiro de 1957.

³⁷ Op. Cit.

dados pesquisados na Diocese de Joinville, à qual São Bento do Sul está submetida hierarquicamente.

Maria Elita Soares também foi outra autora que escreveu sobre o município. No entanto, seu livro limita-se muito à citar uma seqüência de documentos presentes no acervo do Arquivo Histórico local.³⁸

Além de todas as fontes supracitadas, foi utilizada a metodologia da História Oral para a elaboração da pesquisa. O historiador que dispõe deste instrumento, abre espaço para novas perspectivas profícuas ao seu trabalho de investigação, porque pode confrontar dados, alcançando um número maior de informações a respeito da diversidade local.

A pesquisa com fontes orais apóia-se em pontos de vista individuais, expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas históricas – porque tradicionalmente relacionados apenas a indivíduos-, como a subjetividade, as emoções e ou o cotidiano.³⁹

Reportando-se à História Oral de acordo com sua finalidade social, ela pode estabelecer bons resultados, não descartando totalmente a subjetividade que se recebe em cada resposta. Isto porque se extrai desta, significações que revelam acontecimentos ou relações de conflitos. Ou seja, a cada pergunta que puxa da memória lembranças do passado, vem a resposta atribuída de significados e valores que correspondem ao presente, construídos socialmente e partilhados socialmente. “O desafio da história oral relaciona-se, em parte, com esta finalidade social essencial da História. Essa é uma importante razão por que ela tem excitado tanto alguns historiadores e amedrontado tanto outros”.⁴⁰

Com ela, gerações passadas tão acessíveis a uma História “vista de cima”, permitem-se compreender *que* e *como* também fazem parte da interação sócio-cultural partilhadas em sua comunidade.⁴¹

No entanto, é inegável que nós historiadores, ao fazermos a opção por um tema, automaticamente estamos “descartando” uma série de outras possibilidades. Constitui-se como inevitável esta premissa quando por exemplo, realizamos uma

³⁸ SOARES, Maria Elita. **São Bento do Sul: sua História, seus documentos**. São Bento do Sul: Pref. Municipal, 1992.

³⁹ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. XIV-XV.

⁴⁰ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 21.

⁴¹ Como sugestão de leitura para compreender as discussões que permeiam a historiografia catarinense nas últimas décadas, Cristina Sheibe Wolff propõe uma boa introdução. WOLFF, Cristina Sheibe. **Historiografia Catarinense: uma introdução ao debate**. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: UFSC, 1994.

entrevista em que conste a história de vida, e naquele momento nos deparamos com elementos na conversa que por vezes fogem à problemática pela qual nos envolvemos, mas que achamos que poderia em muito ser explorado sob outros pontos de vista.⁴²

Além disso, o desafio imposto por ela, ou ainda esta temeridade, talvez deva-se à sua fragilidade enquanto fonte oral, numa sociedade maciçamente alfabetizada à que estamos acostumados.⁴³ “Os historiadores vivem em sociedades alfabetizadas e, como muitos dos habitantes de tais sociedades, inconscientemente tendem a desprezar a palavra falada. Ela é o corolário de nosso orgulho em escrever e de nosso respeito pela palavra escrita”.⁴⁴

Mas a importância atribuída à história oral neste trabalho, é a de que baseando-se numa experiência pessoal de vida, permitimo-nos compreender como dentro de uma mesma região (a Colônia), ocorreram situações tão adversas.

O cuidado foi o de obter portanto, respostas baseadas em experiências que sejam próprias da pessoa entrevistada. Histórias de experiências repassadas de pai para filho, foram descartadas, tendo em vista que o modo como seriam contadas, nem sempre trariam a informação daquele que a experimentou de fato. “Tal evidência não passa de geração para geração, exceto de modo altamente esmaecido, como por exemplo em narrativas familiares privadas”.⁴⁵ Distinguimo-nos assim, da tradição oral, que mostra um relato apreendido automaticamente, ainda que adaptados a propósitos particulares.⁴⁶

Entretanto, mesmo que preocupados em valorizar experiências pessoais, estamos atentos à afirmação de Michael Pollak sobre os elementos constitutivos da memória do grupo. Dentre eles, estão os acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, vividos pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. “São acontecimentos dos quais nem sempre a pessoa participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”.⁴⁷

⁴² Gwyn Prins afirma que esta é uma evidência oral baseada na experiência de vida do informante. PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 172.

⁴³ Id., *Ibid.*, p. 163.

⁴⁴ Idem, p. 166.

⁴⁵ Idem, p. 173.

⁴⁶ Idem, p. 175-176.

⁴⁷ POLLAK, Michael. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Vértice, vol. 5, n. 10, 1992. p. 201.

São perceptíveis estas lembranças no caso de descendentes de segunda e terceira geração. Poderíamos afirmar, que o sentimento de humildade constitui-se por seu traço mais característico.

Podemos compreender como obtiveram reações distintas os descendentes, de acordo com a região em que se estabeleceram. Por exemplo no *Rio Vermelho*, o convívio com a diversidade era mais forte devido as práticas comerciais. No entanto, em *Bateias*, atualmente a impressão que se tem é que mesmo sendo também caminho de “caboclos” e comerciantes, as tradições polonesas são mais fortes.**

Dada a dificuldade imposta por uma língua estrangeira (polonês), fez-se necessária a ajuda de um tradutor. Não poderia deixar de manifestar aqui a importância não só da ajuda disponibilizada, mas também a empolgação dos descendentes face à elaboração da pesquisa. A repercussão que o trabalho gerou superou as expectativas. Dentre inúmeros colaboradores que cederam materiais particulares, está Eulália Dziedcz, curadora do Museu de Bateias, que permitiu-me a ajuda para traduzir documentos e manuscritos surgidos aleatoriamente.

Além da utilização dessa metodologia como suporte, faz-se necessário o estudo de categorias de análise como *etnicidade*, *memória* e *identidade*. Por serem fruto de discussão interdisciplinar envolvendo a História, Sociologia e Antropologia, torna-se muito importante considerar estas categorias analíticas.⁴⁸ Mais especificamente, no caso de estudos sobre religiosidade é muito freqüente a utilização das Ciências tidas por auxiliares, como a Filosofia, Antropologia, Sociologia e Psicologia.⁴⁹

Como a pesquisa empírica aqui constitui-se por essencial, o papel do historiador por vezes assemelha-se ao do antropólogo.

Esta parceria tem se revelado bastante frutífera, influenciando inúmeros trabalhos. As formas de apropriação assumidas pelos historiadores, entretanto, tem variado bastante; da mesma forma, inexiste uma matriz teórica e antropológica única. Também neste campo, de confluência entre história e antropologia, não há regras fixas ou modelos precisos a serem seguidos.⁵⁰

** Bateias e Rio Vermelho eram localidades de São Bento.

⁴⁸ Lynn Hunt, afirma que a partir de década de 60, a sociologia histórica tornou-se uma dos mais importantes subcampos da sociologia, e talvez tenha sido o que mais rapidamente se desenvolveu; ao mesmo tempo, a história social chegou a superar a história política. HUNT, Lynn. Apresentação – História, cultura e texto. In: HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

⁴⁹ DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 45-61.

⁵⁰ ESPIG, Márcia J. Limites e possibilidades de uma nova história cultural. In: Núcleo de História regional (org.). **LOCUS, Revista de História**. v. 4., n.1. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998. p.11.

Vejo na inexistência de uma matriz teórica única, a possibilidade de uma certa flexibilidade na pesquisa empírica. Tomada certa cautela com relação ao anacronismo, tornar o passado como totalmente estranho ou perfeitamente distinto seria muito difícil.

Em vez de pensar em termos de uma oposição binária entre Eu e o Outro, como fizeram tantas vezes os participantes de encontros culturais, talvez seja mais esclarecedor tentar pensar em termos de níveis de distância cultural. Poderíamos tentar adquirir uma visão dupla, ver as pessoas no passado como diferentes de nós (para evitar a atribuição anacrônica de nossos valores a elas), mas ao mesmo tempo como iguais a nós em sua humanidade fundamental.⁵¹

A aparente semelhança com o presente, não pode confundir o pesquisador atento à sua problemática. Por isto, pretendeu-se no decorrer do trabalho, analisar cada fonte no determinado contexto em que ela foi produzida.

Infelizmente, o cronograma previsto quando da elaboração do projeto de pesquisa não foi cumprido pela falta de disponibilização da Bolsa auxílio. Isto teria facilitado mais o acesso à pesquisa empírica. No entanto, mesmo que com o atraso na execução da mesma, novas possibilidades foram vislumbradas, como por exemplo, o tempo maior para conhecimento de mais fontes e o amadurecimento de idéias.

⁵¹ BURKE, Peter. Unidade e Variedade na História Cultural. In: BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira., 2000. p. 245-246.

Capítulo I

IDENTIDADE POLONESA

Não se pode negar a importância da História para compreensão do passado. Diante da premissa, historiadores debruçam-se sobre suas fontes, com os mais diversos propósitos. Poderíamos dizer, que a freqüente e múltipla busca pelo conhecimento é a conseqüência da curiosidade que nossa sociedade revela em graus variados pela História e pelo fascínio que ela exerce ou não como Disciplina. Neste sentido, nossas indagações sempre partem do presente, porque impomos problemáticas em torno das quais mais nos vemos desafiados a refletir.

Como o próprio conceito de História pressupõe reflexão, a busca pelo conhecimento dos novos valores construídos e partilhados socialmente, ela mesma se modifica nos seus métodos e vai inserindo em seu conceito as necessidades de cada momento. Afinal, defronte aos mesmos documentos, novas perguntas podem ser feitas ou reformuladas, mas o que prevalece é a curiosidade.

Seguramente, desde que surgiu, já há mais de dois milênios, nos lábios dos homens, ela mudou muito de conteúdo. É a sorte, na linguagem, de todos os termos verdadeiramente vivos. Se as ciências tivessem, a cada uma de suas conquistas, que buscar por uma nova denominação para elas, que batismo e que perdas de tempo no reino das academias! Mesmo permanecendo pacificamente fiel a seu glorioso nome helênico, nossa história não será absolutamente, por isso, aquela que escrevia Hecateu de Mileto; assim como a física de lord Kelvin ou de Langevin não é a de Aristóteles.¹

Portanto para Marc Bloch, a História não precisa mudar de nome para ser identificada “aos homens de seu tempo”, porque mesmo com todas as suas especificidades ligadas a orientações e preferências, a pesquisa é o primordial.²

Certamente, nem há tantas e tantas décadas futuras esgotariam nossas perguntas frente à enorme variedade de focos de investigação. E ao historiador atual, o que mais pode lhe servir como motivo para indagação é o incontestável mundo de diversidades culturais.

Nessa curiosidade de investigarmos nossas raízes e legar às futuras gerações os resultados das mesmas, nem sempre nós pesquisadores, nos damos conta do quanto às relações cotidianas entre todas estas diversidades fortalecem ainda mais suas existências.

E com a possibilidade de incentivo a futuros pesquisadores sobre os assuntos

¹ Bloch, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. p. 51.

² Ibid.

supracitados, convém afirmar que a relação entre os próprios imigrantes e sua pluralidade de modos de vida, não são muito comentados na historiografia catarinense.

Conforme a análise a que se propõe alguns autores numa abordagem de história temática, a ocultação ou o privilégio dado a alguns sujeitos, dá-se na maioria das vezes, por motivos particulares como descendência; políticos, como a divulgação do progresso econômico de uma região, com vistas a atrativos turísticos, que enfatizam e enlevam *um dos* grupos étnicos, parecendo que somente este faz parte do espaço em questão, e, conseqüentemente impressionam leitores pela “harmonia e desenvolvimento”.³

Dialeticamente, a ambição de se fazer uma história total seja qual for o tema de pesquisa, elencando absolutamente todos os grupos de uma localidade, pode encerrá-la numa simples sistematização ou enumeração dos fatos. Afinal, quando se trata de grupos étnicos em foco, a amplidão de fontes e de testemunhos, podem constituir em desprezo e descarte nem sempre objetivado e limitado pelo tempo disponível para a mesma.

Quando se abordam tópicos sobre a história brasileira então, pelo fato de estarmos nela inseridos, podemos ter novas oportunidades de compreendermos porque estamos mergulhados na pluralidade étnica.

No entanto, como historiadores ou brasileiros em geral, pode tornar-se muito corriqueiro para nós, acharmos que nunca nossa cultura foi tão comentada ou estudada como agora. Afinal, num turbilhão de acontecimentos mundiais, tantas mudanças econômicas, políticas, repercutem e atingem cada vez uma massa maior da população. A informação, contribui para acelerar o processo de conhecimento atual.

Isto deixa-nos a impressão de que as mudanças ocorrem muito rápidas, mas que também essa mesma informação é vantajosa no sentido de que permite-nos ver o que ocorre em outras regiões que outrora nem sempre estariam acessíveis.

Há propagandas veiculadas na mídia, há conexão mundial via *internet*, ou ainda há a televisão que também vai se adaptando para um público diverso, suas programações. Com tanta informação - ainda que possam chegar ao público deturpada ou manipulada por sujeitos com objetivos particulares -, as pessoas

³ WOLFF, Cristina Sheibe. Historiografia catarinense: uma introdução ao debate. In: **Revista Catarinense de História**. Florianópolis: UFSC, 1994. n. 2.

podem conhecer novas diferenças existentes dentro de seu próprio território nacional e mundial.

Porém, muitas vezes ávidas pelas opções e conforto que a tecnologia fornece, podem tomar para si, uma interpretação equivocada em relação ao que se debate sobre a história. Como motivos, os econômico-político são um dos principais fatores para esta fragilidade a que o público torna-se exposto. Podemos afirmar, por exemplo, que a importância atribuída à opinião pública dá-se no âmbito do apoio e adesão que a mesma provoca ou pretende.

Em particular tratando-se de nosso país, turismo é um setor muito visado para tal. Afinal, fazer com que as pessoas se interessem mais pela sua história na busca por alguma característica identitária, lhes confere um certo orgulho que até alimenta a esperança de conseguir suprir as lacunas do subdesenvolvimento.

Áreas de colonização européia, são exemplos de como recorre-se mais “facilmente” ao fator histórico. Isto porque há atribuições de elementos que conferem em alguns municípios, o argumento propício para a mobilização da população, às voltas com seus sentimentos de descendência à quaisquer que sejam os grupos almejados. Certamente, festas populares geram empregos (mesmo que temporários), aquecem a economia local, fortalecem o orgulho da pertença ao grupo que está sendo comemorado como o pioneiro.

Além dos fatores econômicos, num sentido bem mais amplo, pode-se afirmar que o fator político está intrinsecamente ligado a esse primeiro. Para isso também se utilizam da história.

Nações sem passado são uma contradição em termos. O que faz uma nação é o passado, o que justifica uma nação em oposição a outras é o passado, e os historiadores são as pessoas que o produzem. Assim, minha profissão, que sempre esteve misturada com a política, torna-se um componente essencial do nacionalismo.⁴

As críticas atualmente, - ainda que nem sempre de pessoas tão bem esclarecidas sobre a realidade além de suas fronteiras -, estão especificamente dirigidas à disputa por territórios com forte potencial comercial. Isto acaba por gerar conflitos entre multidões com interesses particulares já divergentes entre si e quiçá, entre seus próprios governos. Para isso a história parece-lhes uma “ferramenta”, que serve de reforço nos protestos e reivindicações a que se propõem.

⁴ HOBBSWAN, Eric J. Etnia e Nacionalismo na Europa hoje. In: BALAKRISHAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 271.

Afinal torna-se profícuo, por exemplo, argumentar os interesses antagônicos, quando a base para isso é o direito de posse, dada pela crença na sua suposta origem e/ou herança cultural. No entanto, o que têm em comum conflitos tão adversos além da premissa de estarem amparados pela história, e que vêm há muito mobilizando cientistas sociais, historiadores e antropólogos, é justo a questão da pertença, ou seja, os conflitos étnicos tiveram uma emergência muito grande.

No final da década de 1960, as reivindicações tidas por “étnicas” surgem nas sociedades industriais e nas sociedades do Terceiro Mundo simultaneamente.⁵ Daniel Bell, um dos teóricos da “sociedade pós industrial” citado por Jocelyne Streiff-Fenart, afirma que:

Com a destruição dos sistemas imperialistas nos antigos países coloniais e a erosão das antigas estruturas de autoridade nas sociedades ocidentais, a competição entre os grupos étnicos estava a partir de então em todos os lugares transformada na norma.⁶

Se cautelosamente observarmos ao longo de décadas, conflitos já tão considerados normais e corriqueiros, vêm há muito utilizando-se da etnicidade para delimitar quem são seus inimigos. É um fenômeno muito presente na época moderna.⁷ Aliás, o contato interétnico por si só, tem sido inegavelmente um processo contínuo.⁸ “É fato sabido que isso tornou-se possível graças à expansão das chamadas Civilizações e à diminuição do mundo pela modernização dos transportes”.⁹

Atreveria-me a afirmar aqui, que o desenvolvimento tecnológico na área da comunicação experimentado no século XXI, torna o mundo ainda menor, porque aproxima e torna solidárias pessoas separadas por continentes tão distantes. Isso as torna solidárias umas com as outras, pelo fato de que identificam-se de acordo com características que tomam em comum para si, apesar das distintas realidades.

Esta solidariedade manifestada, pode dar-se no âmbito das questões de conflito entre grupos. O que hoje está sendo intensamente abordado pela mídia e chamando a atenção da opinião pública são as questões diplomáticas que envolvem árabes e israelenses. Aparentemente, por muito ainda há de se brigar.

⁵ POUTIGNAT, Philippe; et. al. **Teorias da etnicidade. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p. 25.

⁶ Ibid.

⁷ Idem, p. 27.

⁸ Roberto C. De Oliveira, afirma que o contato interétnico são “as relações entre indivíduos e grupos de diferentes procedências “nacionais”, “raciais” ou “culturais”. OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. In: _____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, s/d. p.1

⁹ Ibid.

Considerada a devida cautela quanto às experiências vividas pelos grupos citados, os acontecimentos e conflitos repercutiram na maneira de pensar de seus povos e até mesmo na maneira de articular resistências. Em comum, podemos afirmar que por estarem os dois orientados ao passado para solidificar seus argumentos, estão legitimando uma identidade étnica e a diferenciando de outras formas de identidade coletiva.¹⁰

Diante deste quadro devemos, portanto, compreender o quão delicado é fazer uma abordagem histórica, se nos deparamos com a opção pela *etno-história*. Opções temáticas – imigração e religiosidade por exemplo-, abarcam em si um grande número de outros elementos presentes, nem sempre cogitados, mas propícios à investigação histórica.

No caso da Europa, porque esta foi palco de inúmeros acontecimentos que repercutiram particularmente na história da formação de alguns países no século XIX e XX. Alguns territórios, apesar do intento, tinham dentro de suas fronteiras, diversidades tão fortes, que não foram supridas pela idéia de Estado-Nação. Exemplos disso são pequenas regiões que brigaram para conquistar sua independência, como no caso da Bósnia-Herzegovina, a Croácia, a Sérvia e a Bulgária.

Por isso, contrariamente à crença numa uniformização e individualismo na modernidade, muitos autores observam que esta é a era do nacionalismo étnico e do racismo.¹¹ Ou seja, a intolerância à imposição de costumes tão adversos que não suprem o desejo de pertencer a identidade da maioria, gera cada vez mais conflitos.

I.1 O CASO DA POLÔNIA

Um exemplo muito forte de nacionalismo étnico resistente à imposição de novas características identitárias é a Polônia, que viveu uma ocupação estrangeira por 123 anos.¹² Sempre teve sua intenção de união enquanto povo. Mas emergiu mesmo enquanto um país delineado com suas fronteiras políticas em 1918, término

¹⁰ LAPIERRE, Jean-William. Prefácio. In: POUTIGNAT, Philippe; et. al. Op. Cit. p.13.

¹¹ Idem, p. 27.

¹² “Había dejado de existir el Estado, pero no el pueblo”. O autor refere-se à situação da época em potências estrangeiras ocuparam o território e subjugaram os poloneses. GIEŁ Y, Esbozo de La Historia de Polonia y de su Cultura. In: _____. **La Cultura en Polonia**. Warszawa: Zakłady, Dom Słowa Polskiego, 1997. p. 13.

da Primeira Guerra Mundial. Com a Segunda Guerra Mundial, perderam novamente sua autonomia.

A identidade de seu povo muito tem a ver com a religiosidade. O cristianismo renegou muitas festas pagãs, mas também preservou muitos costumes sagrados, dando-lhe simbolismo próprio.¹³

No século XIX, frente à ocupação por três potências estrangeiras, os poloneses viram no catolicismo uma maneira de confortar o espírito e de conformar parcialmente gerações futuras em relação a sua submissão.¹⁴

Quando fala-se de emigrantes católicos, muito observa-se e ouve-se dizer que são extremamente ligados às atividades religiosas. No que se refere aos poloneses, a Igreja foi uma instituição que mais exaltou o *sentimento de polonidade* do camponês, dando-lhe sentido de pertencimento a uma identidade, existente mesmo quando perseguido e humilhado.

O pároco, pois, tornava-se uma personalidade indispensável na vida do camponês. Isto não significa que, antes da ocupação estrangeira, o polonês não se caracterizasse por sua religiosidade. Os fatos históricos comprovam que sim, mas após a ocupação estrangeira, a luta da hierarquia eclesiástica contra as tentativas de imposição do luteranismo e da ortodoxia, respectivamente na parte prussiana e russa, fez o clero ser mais amado e respeitado. Os interesses do povo identificaram-se com os da hierarquia católica.¹⁵

Em território brasileiro, segundo Zuleika Alvim, “a possibilidade de se praticar a religião foi uma outra esfera a ser conquistada pelos imigrantes. A preocupação com o assunto se manifestava antes da partida para os países de adoção”.¹⁶ Os poloneses, carregaram consigo muitos objetos, como livros catequéticos, de rezas, além de pequenas fotos e quadros da padroeira da Polônia (Czestocowa). “Era uma questão vital para sua saúde mental, poder utilizar-se dos mesmos”.¹⁷

À luz da história da imigração, já afirmara Zuleika Alvim que:

¹³ SZCZEŚNIAK, Grażyna. *Polónia Hoje*. Tradução: Marek A. Bańdura. In: AGÊNCIA POLACA DE INFORMAÇÕES. *Polónia Hoje*. Varsóvia: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Departamento da Promoção e Informação. p. 1. Além disso, de um modo geral, ao terminar do século IV, a própria tolerância dos romanos com o paganismo estava diminuindo. In: READER'S DIGEST BRASIL LTDA. **Depois de Jesus, o Triunfo do Cristianismo**. Tradução de Bernardo Pinheiro de Melo. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999. p. 243.

¹⁴ Wachowicz já afirmara que o nacionalismo polonês significa um conjunto de sentimentos patrióticos “mais ligados a um amor próprio de povo ferido e humilhado, do que referente à defesa de interesses nacionais propriamente ditos.”. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 11.

¹⁵ Idem, p. 61.

¹⁶ ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁷ WACHOWICZ, Ruy Christovam. Op. Cit. p. 97.

“Na busca da pequena propriedade, resta ainda um capítulo, sem dúvida muito mal estudado, que é o das relações intergrupais”.¹⁸ Para a autora, sabe-se menos ainda, sobre como se relacionaram imigrantes, negros, caboclos e índios, que são nossos habitantes mais antigos.¹⁹

Quando comparada à italiana e alemã, a imigração polonesa não recebeu os mesmos cuidados, nem foi tão organizada. Segundo Maria Teresinha Sobierajski Barreto, isto se deve à falta de uma autoridade representante da sua etnia que realizasse a coordenação da colonização.²⁰

Sair da Europa e viajar longa distância requeria uma estrutura mínima para tal. Aos grupos poloneses, qualquer forma de organização seria reprimida porque estavam subordinados a potências estrangeiras. Se já havia dificuldades para a maioria dos grupos supracitados para saírem de seus territórios, a eles foi mais complicado ainda, restando-lhes o embarque em circunstâncias muito mais desfavoráveis.

A desorganização à que se refere à autora se deve, portanto, ao fato de que além da situação econômica desfavorável, grande parcela da população sofria com problemas de caráter particular, como perseguições políticas e religiosas. E ao emigrar, sendo numericamente minoritários em Santa Catarina, localizaram-se em áreas periféricas das colônias alemã e italiana.

Grande parte das colônias do Vale do Itajaí e do norte do Estado não formaram assim, uma área etnicamente homogênea,²¹ ou seja, o convívio pode não ter sido harmonioso em algumas colônias, mas a situação de alteridade a que se depararam não só entre os próprios europeus, mas também entre luso-brasileiros no caso da Colônia São Bento, os deixaram expostos à percepção dessa diferença.

A situação de liberdade usufruída por poloneses na Colônia, seria algo inédito, ainda que devessem prestar contas futuramente como cidadãos brasileiros. Aqui nos primeiros anos da Colônia, podiam falar livremente em seu idioma, sem se sentirem vigiados. Conviver com alemães, brasileiros e descendentes, lhes forneceu um motivo maior de solidariedade para com o seu próprio grupo, que viajou sob as mesmas condições dificultosas.

¹⁸ ALVIM, Zuleika. Op. Cit., p. 268.

¹⁹ Ibid.

²⁰ BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski Barreto. **A presença Polonesa em Santa Catarina.** Artigo não publicado, p. 2.

²¹ SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 12.

No caso de São Bento, a sociabilidade foi promovida ainda que com eventuais impossibilidades de comunicação e deslocamento ao “centro” da colônia - caso dos moradores de Rio Vermelho e Bateias -, o contato com brasileiros e alemães era freqüente. No centro do núcleo colonial também havia imigrantes poloneses, além dos que se estabeleceram em outras localidades adjacentes.

I. 2 ESTUDOS SOBRE ETNIA

No sentido das práticas humanas como produtoras de cultura, faz-se necessária a compreensão da noção de etnia. Segundo Poutignat, desde o século XIX, ela se encontra mesclada a outras noções conexas: a de povo, raça e nação. Elencando as preocupações de alguns autores em sua obra, propõe então que as principais seriam a de abranger princípios de atração e separação das populações.²²

No entanto, por muito tempo estudos que permeavam a temática da emigração e imigração presentes na historiografia, defendiam a conformidade e a rápida assimilação de grupos estrangeiros incorporados numa nova Nação.²³ A noção de identidade étnica neste sentido, sempre esteve muito confusa, quando da “interconexão entre grupo étnico e cultura”.²⁴

Veja-se por exemplo, que “se o mesmo grupo de pessoas com os mesmos valores e idéias, se defrontasse com as diferentes oportunidades oferecidas em diferentes meios, seguiria também diferentes padrões de vida e institucional diferentes formas de comportamento. Da mesma forma, devemos esperar que um grupo étnico espalhado num território de circunstâncias ecológicas variáveis apresente diversidades regionais de comportamento institucionalizado explícito, diversidades estas que não refletem diferenças na orientação cultural. Como deverão eles, então, ser classificados, se formas institucionais explícitas forem diagnosticadas?”²⁵

Portanto suas culturas ditas “tradicionais”, não permanecem inalteradas, mas também não devem ser questionadas quanto a sua assimilação, porque há esforços individuais ou coletivos pela manutenção da mesma.²⁶

Isso nos mostra, que a etnicidade como categoria pertinente para a ação social, mostra a tendência crescente de fazer derivar dela lealdades coletivas.²⁷ No

²² POUTIGNAT, Philippe; et. al. Op. Cit. p. 25-26.

²³ CONZEN, Katherine Nehls; GERBER, David A.; MORAWSKA, Eva; et al. Forum – The Invention of Ethnicity: A Perspective from the U.S.A. In: **Journal of American History, Fall 1992**. p. 4. Tradução de Ibid., p. 1.

²⁴ BARTH, 1969. p. 12. APUD: OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. In: _____ . **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, s/d. p. 3.

²⁵ Ibid.

²⁶ CONZEN, Katherine Nehls; et. al. Op. Cit., p. 1.

²⁷ Idem, p. 26.

que diz respeito aos estudos sobre ela, evidencia-se que implica uma percepção contrastiva, dicotômica. Ou seja, segundo Barth, “Ela não pode ser concebida senão na fronteira do “Nós”, em contato ou confrontação, ou por contraste com Eles”.²⁸

Portanto, esse estudo implica na análise de uma identidade contrastiva. Como algo que parece constituir-se na essência da identidade étnica, caracteriza-se por identidade que surge por oposição. Ou seja, por meio de diferenciação a alguma pessoa ou grupo em que se foi defrontado.²⁹

No caso da identidade étnica ela se afirma “negando” a outra identidade, “etnocentricamente” por ela visualizada. Nesse sentido, o etnocentrismo, como sistema de representações, é a comprovação empírica da emergência da identidade étnica em seu estado mais “primitivo” – se assim podemos nos expressar. Através dos “nossos valores não julgamos apenas os dos outros, mas os “outros”.³⁰

Na relação da alteridade estabelecida entre os imigrantes, puderam perceber-se como sendo *alemães* e *poloneses*, além dos *brasileiros*. Primordial para esta análise, podemos dizer que a consciência de fronteiras sócio-culturais na memória destes grupos, estabelecidos através do sentimento de pertencimento, é o que lhe confere uma identidade.³¹

Esses grupos étnicos, constantemente estavam recriando-se como reação às mudanças vividas por eles na sociedade que os acolheu. Portanto, nossa definição de etnicidade passa pela concordância de que seria

um processo de construção ou invenção que incorpora, adapta e amplia as solidariedades comunitárias, características culturais e memórias históricas preexistentes. Ou seja, ela é fundamentada no contexto da vida real e da experiência social.³²

No caso do atual município de São Bento do Sul, o contato entre grupos étnicos, segundo Osny Vasconcellos e Alexandre Pfeiffer, caracteriza-se principalmente por uma pirâmide, em que de um lado, estariam os alemães, de outro os poloneses, e no “3º tripé da pirâmide”, elementos nativos como grupos indígenas Xokleng e Kaingang, e alguns descendentes de bandeirantes.³³

²⁸ Idem, p. 152-153.

²⁹ OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Op. Cit., p. 5.

³⁰ Ibid., p. 5-6.

³¹ POUTIGNAT, Philippe; et al. Op. Cit., p. 162.

³² CONZEN, Katheleen Nehls; Op. Cit., p. 2.

³³ VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. **São Bento, Causas do nosso Tempo**. 2 ed. São Bento do Sul: dos Autores, 1991. p. 42.

I. 3 CONFUSÕES QUE PERMEIAM O TERMO “POLACO”

A emergência e reversão do termo “polaco” - que estava carregado de carga negativa - para o “polonês”, teve por seus principais motivos impulsionadores, não só a criação dos Anais, mas também a visita do Papa, que passou por Curitiba em 1980 quando veio para o Brasil.³⁴

Na época, a recepção festiva criou muita expectativa entre os paranaenses. De São Bento do Sul, muitos descendentes partiram para assistir a missa festiva realizada por ele.³⁵

Este momento tornou-se enfático no que se considerou a oportunidade para reverter a situação dos poloneses e descendentes no Brasil. Com uma emergente visibilidade, passa-se a não mais considerá-lo pejorativamente como o “polaco”, mas sim o “polonês”. Ou seja, de agricultor que outrora havia sido tão estigmatizado como alguém inferior porque trabalhava na roça, à margem social, passa a ser considerado como o europeu, digno de atenção e de orgulho por sua herança cultural, como qualquer outra etnia que imigrara para o Brasil.³⁶

Segundo Maria Cecília Solheid da Costa, autora que dedicou um detalhado estudo que resultou na elaboração de artigo de sua autoria, não só a visita do papa repercutiu para isso. Pouco anteriormente, os primeiros estudos promovidos no Paraná que culminaram na publicação dos *Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa*, também tiveram cunho de divulgação para valorização da imagem dos poloneses como grupo étnico que teve sua parcela de contribuição para o progresso.³⁷

Sua presença no Paraná contribuiu para enlevar o orgulho do povo eslavo que integrava a identidade curitibana. Com isso, a primeira imagem do “polaco”, é substituída pela de um polonês civilizado, urbanizado, culto e loiro.³⁸

³⁴ Idem, p. 52.

³⁵ KAZSUBOWSKI, Mieczslau. **Entrevista concedida a Murielle Benthien**. São Bento do Sul: 18 de maio de 2005.p. 9,10.

³⁶ COSTA, Maria Cecília Solheid da. El Violin que solo tocaba em polaco: Del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos em Paraná. In: TORRE, Juan Carlos (Org.). **Desarrollo Economico – Revista de Ciencias Sociales**. Vol. 34. Buenos Aires: Instituto de Desarrollo Economico y Social, enero-marzo, 1995.p. 39.

³⁷ Idem, p. 41.

³⁸ COSTA, Maria Cecília Solheid da. Op. Cit., p. 52.

Figura 1- Convite para prestigiar a chegada do Papa



FONTE: Acervo particular Mieceslau Kazsubowski

É inegável, que perante o povo brasileiro, este papa foi não só um conciliador entre povos, mas também o que contribuiu também para motivação da continuidade religiosa, da continuidade da fé cristã entre descendentes. Além disso, sua visita contribuiu significativamente para uma abertura que garantiu maior espaço a os descendentes polacos no Brasil.

Assim, as décadas posteriores a 1980, constituíram-se pelo assinalar da multiplicidade de análises, sob aspectos não mais apenas daquele imigrante que veio para trabalhar no campo. Estudos por exemplo, de muitos aspectos atrelados à etnicidade, propõem a enorme contribuição para compreensão da riqueza cultural brasileira.

Em São Bento do Sul em meados de 1985, motivados pelo orgulho de sua descendência, um pequeno grupo formou a Polska Orquiestra (orquestra polonesa), além de uma Sociedade Polonesa, responsável pela manutenção de um grupo de dança folclórico.³⁹

³⁹ KAZSUBOWISKI, Mieceslau. **Entrevista...** p. 2.

Figura 2- Apresentação do grupo folclórico no centro da cidade, na década de 1980.



FONTE: Acervo particular Mieceslau Kazsubowski

Figura 3 – Mesma apresentação



FONTE: Acervo particular Mieceslau Kazsubowski

Segundo alguns autores, estimam-se que hoje no Brasil cresceu massivamente a quantidade de grupos e associações valorativas da descendência polonesa.

Nos últimos anos observa-se uma intensificação da vida cultural dos descendentes dos imigrantes poloneses no Brasil, assim como da cooperação entre as suas instituições e as instituições da Polônia. Em 1900 foram fundadas duas novas organizações, a Polbras, presidida por Anísio Olesky, e a Braspol, presidida por Rizio Wachowicz. A Braspol congrega

atualmente mais de trezentas entidades polono-brasileiras espalhadas pelo Brasil, aproximando-as e contribuindo para a intensificação das suas atividades.⁴⁰

Muitas tradições são pelo grupo de poloneses ainda cultivadas. Além de um museu, há também uma filial de Braspol,^{**} que relata suas atividades, promove encontros entre os descendentes, missas festivas, e grupos como o dos “Reis Magos”. São netos dos primeiros imigrantes, que moravam em Bateias, e que acordavam de madrugada, para ir rezar e acompanhar a missa com padres no Rio Vermelho. Mas hoje, a comunidade local manifesta sua alegria em poder realizar festejos religiosos e levar para outras comunidades a apresentação dos reis magos, em época de páscoa ou de comemoração do natal.

Como a maioria aqui não se dedicou à atividades ligadas ao comércio profissional, e sim mais à agricultura, o gosto pelo cultivo da terra ainda é muito evidente.⁴¹ O orgulho de prover seus próprios alimentos e desempenhar bem suas atividades aqui no Brasil, geraram-lhe o orgulho de sua origem.

(...). O polonês, apesar de seu atraso com relação aos moldes da Europa ocidental, sentiram sua superioridade técnica, e isto os satisfaz em seu orgulho. Onde quer que as populações agrícolas nativas brasileiras entrassem em concorrência, os poloneses se impuseram na agricultura.⁴²

Era e ainda é muito comum confundir o termo “polaco”, com a forma de um estereótipo negativo e humilhante. “O termo polaco, durante algum tempo, foi usado no Sul do Brasil para agredir e ofender os imigrantes e seus descendentes”.⁴³ No entanto, no Brasil, estudos da reversão do termo para “polonês” atribuídos por grupos de convívio, demonstram a grande confusão que girou (e gira) em torno dessa nomeação. Afinal, polaco era o termo correto, a identificação de alguém nascido na Polônia.⁴⁴

Esta atribuição correta não só em colônias paranaenses, mas na Colônia São Bento também, parecia entretanto, ser entendida somente entre o próprio grupo. Ou seja, para eles, ser polaco era motivo de orgulho.

⁴⁰ SIEWIERSKI, Henryk. Os poloneses nos 500 anos do Brasil. In: **Brasil 500, República das Etnias**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p. 88-89.

^{**} Associação Brasileiro-Polonesa, organização à qual existem muitas entidades em todo o Sul do Brasil, como por exemplo, nos municípios de Campo Alegre, São Bento do Sul e Criciúma.

⁴¹ SIEWIERSKI, Henryk. Op. Cit., p. 85.

⁴² WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês...** APUD SIEWIERSKI, Henryk. Op. Cit., p. 13.

⁴³ IAROCHINSKI, Ulisses. Polaco ou Polonês? In: _____. **Saga dos Polacos, a Polônia e seus emigrantes no Brasil**. Curitiba: U. Iarochinski, 2000. p. 78.

⁴⁴ Ibid.

Após a morte do Papa João Paulo II, homenagens feitas na Polônia certamente mais uma vez emocionaram muitos expectadores brasileiros, e mais ainda, os polônio-brasileiros. Repercutindo mundialmente, a morte de um ídolo considerado herói, exprime o quanto os olhares de muitos países estiveram voltados nas últimas décadas, para os poloneses. Afinal, não só em nossas fronteiras nacionais, mas além dela, houve mobilizações das mais diferentes crenças, ideologias políticas ou sistemas econômicos.

Desde o início do velório até o funeral do papa passaram pela Praça São Pedro mais de 4 milhões de pessoas de todo o planeta. Ao lado dos italianos e das gigantescas delegações de poloneses (estima-se em 2 milhões o número de conterrâneos do papa presentes em Roma), havia franceses, espanhóis, mexicanos, sul-africanos, australianos, vietnamitas, brasileiros etc. Eram católicos na maioria, mas havia também protestantes, judeus e budistas.⁴⁵

O primeiro papa eslavo eleito, foi considerado o que mais fez e lutou por seu povo, o que causou uma reversão de valores e o orgulho de sua origem.

Após sua impactante morte, logo surgiram não só afirmações, mas demonstrações na Polônia, do afeto por seu mais importante líder religioso, aquele que por muito tempo homenageou seu povo. Certamente para o povo polonês, a eleição do representante, tinha sido a atitude de triunfo na representação de sua etnia perante todo o mundo. A nação que reagiu bravamente numa repressão histórica, aferiu novos olhares a si mesma.

No entanto, antes das homenagens dedicadas por sua morte, outrora, este João Paulo II, já havia sido considerado o símbolo da reversão de valores quando trata-se de um olhar voltado ao povo eslavo. Por fazer inúmeras viagens ao longo do mundo, dedicar-se à missão conciliativa e tentar promover soluções para conflitos, este “papa peregrino” levou a pregação da simplicidade e humildade por muitos países do mundo pelo qual passou.

Sob aspecto de “efeito psicológico”, podemos afirmar com isso que os poloneses reforçaram ainda mais sua crença no catolicismo.

⁴⁵ VELLOSO, Beatriz; CAVALLARI, Marcelo Musa. A Igreja sem João Paulo II. In: **Revista Época**. São Paulo: Globo, 11 de abril de 2005. p. 68.

Capítulo II

IMIGRAÇÃO POLONESA

II. 1 EMIGRAÇÃO

A principal razão pela qual milhares de pessoas deslocaram-se no século XIX foi a conjuntura econômica européia, desencadeada por mudanças que desfavoreceram principalmente a mão-de-obra camponesa.

Neste contexto, a crise agrícola e artesanal foram o pior agravante. Com o impulso da produção industrial, as pessoas buscavam nas cidades, novas oportunidades de emprego sem sucesso algum, por não serem mão-de-obra qualificada para funções especializadas.

Famílias inteiras acreditaram que o ato de emigrar seria a saída mais viável para a resolução dos problemas vividos, como o crescimento demográfico por exemplo. Uma família com muitos filhos e pouca terra disponível para o plantio, conseqüentemente ocasionaria a diminuição da oferta de serviços.. “Os países que contribuem mais substancialmente para este movimento de emigração são os mais atingidos pela falta de trabalho e pela miséria”.¹

É claro que em meio há tantos migrantes, alguns vinham para o Brasil por curiosidade, ou porque seus parentes e amigos lhes mandavam notícias através de cartas e o convite para que decidissem também pelo mesmo.² Mas isto foi uma minoria.

Mas, em se tratando da Polônia, qual era a situação vivida por seu povo antes da partida?

É bem delicada e adversa.O Hino Nacional da Polônia demonstra o quão delicada estava sua situação, no momento de ocupação por potências estrangeiras que durou 123 anos

A Polônia não desaparecerá
Enquanto nós estivermos vivos
O que os estrangeiros nos tiraram
Com sabre reaveremos.
Marche, Marche Dombrovski
Das terras italianas para a Polônia
Sob teu comando

¹ REMOND, René. **O século XIX, 1815-1914**. São Paulo: Cultrix, 1976. p. 198.

² ZIPPERER, Josef. **São Bento no Passado: reminiscências da época da fundação e povoação do município**. Diários reunidos por Josef Zipperer. Aus der vergangenheit São Bentos: erinnerungen aus der zeit der grundung und besiedlung des munizips. Curitiba: s/n,1951. p. 17-18.

Nós nos uniremos com a Nação
Atravessaremos o Vístula,
Atravessaremos o Warta
E seremos polacos.
Deu-nos o exemplo Bonaparte
De como devemos vencer
Marche, Marche Dombrovski...
Lá o pai para sua Bárbara
Disse todo choroso:
“Ouça são os nossos
eles estão batendo tambores.
Marche, Marche Dombrovski...”³

Na época da emigração, grande parcela de sua população viveu perseguições políticas e religiosas. Dependendo da região, não permitia-se uma mobilidade ou ascensão social (caso da ocupação sob o Império Austro-Húngaro) Quiçá então, atividades cotidianas como rezar ou comunicar-se em sua língua.

A década de 1870 foi tratada por Wachowicz, como a “febre da imigração”,⁴ ou seja, foi o período que mais pessoas deslocaram-se fugindo da submissão. Além da Áustria, Prússia e Rússia contribuíram para a ocupação e fragmentação do território polonês.

Desde a primeira partilha da Polônia em 1772, seu povo passou a sofrer com a disputa pelo poder estrangeiro e também por sua independência.⁵ Em certos momentos, o povo atento e desejoso do progresso e melhoria econômica, chegou a promover reformas. Mas quando da sua última partilha feita através da guerra declarada pela Czarina Catarina da Rússia, Prússia participou para ajudar a derrotar e acabar com a insurreição armada.⁶ Em 1795 a Rússia, Prússia e a Áustria realizaram a última partilha da Polônia. O Estado Polonês cessou de existir.⁷

À Áustria couberam os territórios que compreendem a região da Galícia e Ucrânia; à Prússia, a região da Pomerânia Ocidental, Posnânia e Silésia. A Rússia incorporou ao seu império, conhecido como o Reino da Polônia, territórios lituanos, bielorrussos e ucranianos que faziam parte da fronteira com o estado polonês.⁸

³ IAROCHINSKI, Ulisses. **Saga dos Polacos, A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.p.52.

⁴ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. I v. Curitiba:1970.

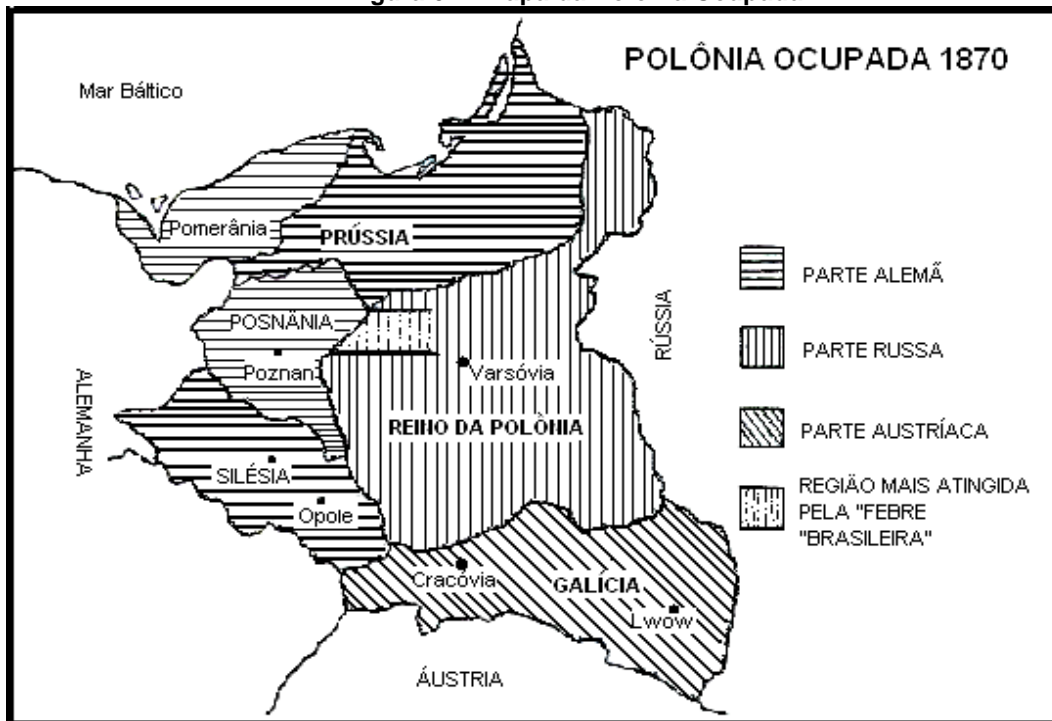
⁵ POLSKA AGENCIA INTERPRESS. Mil anos de história do Estado Polonês. In: **Polônia – Os Fatos**. pf. I.3.2.

⁶ Ibid.

⁷ Ibid.

⁸ ARNOLD, Stanisław; ZYCHOWSKI, Marian. **Esbozo de Historia de Polonia. Desde los orígenes hasta nuestros días**. Varsovia: Ediciones “Polonia”, 1963. p. 77. Apud: BENTHIEN, Muriéle. **Poloneses do Rio Vermelho (São Bento do Sul) – 1870-1920**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.p.

Figura 04 - Mapa da Polônia Ocupada



FONTE: WACHOWICZ, R. C. *O Camponês Polonês no Brasil*.p. 18.

Aquele que não colaborasse com o governo estrangeiro, era severamente punido. O povo polonês existia, mas não o país que conhecemos hoje. E essa colaboração consistia em aceitar a imposição de uma identidade que não lhes era a original. Ser e agir conforme seu desejo não era possível. Por isso, aspectos do cotidiano como rezar em polaco eram reprimidos e quando manifestados, eram de maneira muito tímida, podendo variar a intensidade de acordo com a região.

Por exemplo, na parte abdicada pela Rússia, não se podia conversar na sua língua materna.⁹ Algumas perseguições ocorriam para intimidar os demais do grupo.¹⁰

Trata-se de uma situação muito delicada abordar o caso da identidade polonesa. Por exemplo, numa época em que a Alemanha recém estava se unificando, sentia-se a necessidade de que o povo compreendesse que o estado era um só (Estado-Nação) e de que a nação consistia na união deste. Mas com pessoas falando dialetos diferentes e muitas vezes mal conhecendo a própria localidade em que nasceram, conscientizar-se disto já era uma dificuldade.

13.

⁹ Ibid., p. 140.

¹⁰ Ibid., p. 77.

Quiçá, então, exigir que poloneses abdicassem de suas próprias raízes para viver sob ocupação estrangeira, algo não desejado por eles. A Prússia por exemplo, forçou uma germanização, queria que vivessem e agissem como germânicos.¹¹

Segundo Ruy C. Wachowicz, poloneses sob a ocupação do governo prussiano até tiveram a oportunidade de reforma agrária, mas as propriedades distribuídas eram pequenos lotes que não permitiam a possibilidade de manter uma família numerosa, como eram geralmente as famílias camponesas.¹²

Provavelmente, à primeira impressão, este germanismo foi bem-sucedido, mas em se tratando de algo indesejavelmente reprimido, deve-se levar em consideração que o povo polonês não cessou de existir de um dia para o outro, bem como sua identidade.

Quando a imposição não acontecia pela repressão psicológica, medidas econômicas eram adotadas para manter a submissão e não permitir alguma possibilidade ou esperança de autonomia. Na Galícia instituições como Escola e Igreja passaram para as mãos de alemães que receberam cargos de confiança e promoviam sua própria administração.¹³ Esta foi a região mais visada pelas altas taxas de impostos, pela exploração do campesinato e decadência da atividade artesanal. A cada novo grupo que fugia e optava por emigrar, recaía sobre os que ficavam a exigência do trabalho em dobro para recompensar a falta de mão-de-obra.¹⁴

Por isso os problemas econômicos eram uma situação geral europeia, mas de uma maneira ou de outra, poloneses que emigravam sempre estavam em busca de liberdade.

Na saída da Europa, a integração dos pequenos grupos eslavos foi sendo desmotivada pela existência dos grandes escritórios e agências propagandistas “genuinamente alemães. À exemplo, destacou-se a “Sociedade Colonizadora de 1849 em Hamburgo”, uma das que mais prosperou com a atividade de recrutar pessoas que se dispusessem a emigrar.¹⁵

¹¹ Ibid., p. 78.

¹² WACHOWICZ, Ruy Christovam. Situação no domínio Prussiano. In: **Anais...** II v. p. 14.

¹³ ARNOLD, Stanisław; et. al. Op. Cit. p. 78.

¹⁴ Idem.

¹⁵ Segundo João Klug, é porque ela tinha uma das melhores condições para o empreendimento colonizador no Brasil. KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 39.

A organização e promoção do deslocamento de grandes grupos foi muito bem divulgada.

Espalharam-se artigos, livretos, brochuras, comunicados, etc. sobre as condições oferecidas pelo Brasil. Tal propaganda não tardou em cair em excessos lamentáveis, explorando eficientemente a psicologia do camponês. O Brasil passou a ser apresentado como continuação do paraíso bíblico, terra onde corria leite e mel. A fertilidade do solo era apresentada como espantosa. Os frutos tropicais como laranjas, abacaxis, bananas etc., tidas então na Europa como acessíveis apenas aos ricos, eram apresentados em tamanho fora do normal e colhidos no Brasil numa profusão tal, que era possível alimentar-se somente com elas durante o ano inteiro. A tropicalidade do clima brasileiro era por sua vez apresentada como fator de economia, pois dispensava os pesados e caros agasalhos europeus usados durante o inverno.¹⁶

Em virtude da situação especificamente vivida na Polônia, o “clima da atuação” dos agentes era muito bem aproveitado.¹⁷

Bem como muitas outras regiões, Santa Catarina foi escolhida, porque o Império do Brasil pretendia povoar extensas áreas com tal mão-de-obra, para ali desenvolver uma agricultura variada.¹⁸

Em solo Brasileiro, instalaram-se nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em muitas destas áreas, já havia imigrantes de outras etnias européias.

As primeiras colônias foram fundadas no Estado do Paraná. “Curitiba constituía uno de los principales centro de la vida polaca”.¹⁹ Posteriormente, Rio Grande do Sul e Santa Catarina também acolheram polacos.²⁰

Em Santa Catarina, Sebastião Edmundo Wos Saporski e Antonio Zielinski buscaram trazê-los inicialmente para a Colônia príncipe Dom Pedro. Posteriormente, devido a mal-sucessão do empreendimento, reemigraram para o Paraná.²¹

Nas primeiras décadas do século XIX, não se tinha ainda uma definição oficial de fronteiras com o Paraná. Por isso, quando trata-se de abordar a história da imigração européia, o freqüente deslocamento de pessoas pelo território devido as atividades econômicas deve ser levado em conta. Houve contato entre brasileiros e

¹⁶ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa. In: **Anais...** I v., p. 31.

¹⁷ Idem, p. 32.

¹⁸ BENTHIEN, Muriéle. **Poloneses do Rio Vermelho (São Bento do Sul) - 1870-1920**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. p. 10.

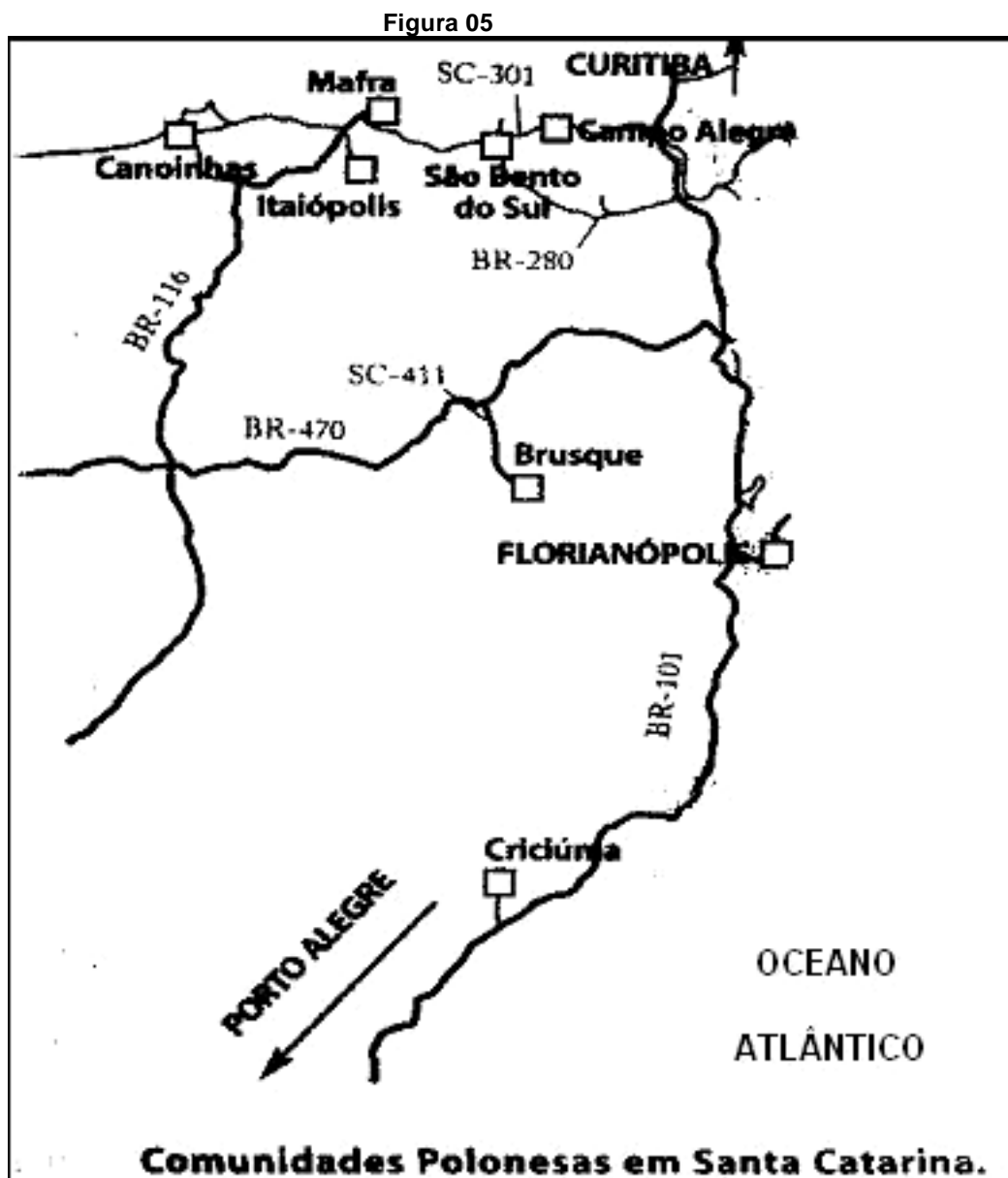
¹⁹ ARNOLD, Stanislaw; et. al. Op. Cit., p. 146-147.

²⁰ Idem.

²¹ SAPORSKI, Sebastião Edmundo Wos. Memórias. In: **Anais...** p. 37. Saporski tinha se estabelecido no Brasil como professor na Colônia Blumenau/SC, e Zielinski era professor em Gaspar/SC. In: WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Arquivo da Paróquia de Santa Anna de Abranches**. Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1972. p. 10.

imigrantes, e algumas reemigrações tanto do estado vizinho para o catarinense, quanto vice-versa.

Através do mapa a seguir, pode-se ter uma idéia de onde concentraram-se e estão seus descendentes:



FONTE: SCHWINZER, Roberta; et. al.. Poloneses em Santa Catarina. In: *Revista Mares do Sul*.n.36. Florianópolis: Ed. Mares do Sul, Abril/Maio 2001.p. 53.

No território catarinense, suas colônias localizaram-se na periferia das colônias de origem alemã e italiana, à exemplo de Blumenau e Nova Trento.²² Na

²² BARRETO, Maria T. S. *Poloneses em Santa Catarina: a Colonização do Alto Vale do Rio Tijucas*. Florianópolis: EDUFSC, Lunardelli, 1983. p. 16.

região Norte, temos a fundação da Colônia São Bento em 1873, em que também houve forte concentração de polacos nas áreas periféricas. De um modo geral, a imigração estava baseada em pequenas propriedades rurais”.²³ Por isso, as atividades econômicas que promoveram a sociabilidade local estavam ligadas ao cotidiano da colônia.

No quadro a seguir, pode-se observar melhor as ocupações do Estado.²⁴

Figura 06

Vale do Itajaí-Mirim	Brusque, Guabiruba (1875, 1888, 1890, 1896); Blumenau, Indaial, Rio dos Cedros, Benedito Novo (1877, 1890 e 1900).
Região Norte	São Bento do Sul, Rio Negrinho, Campo Alegre (1873, 1875, 1878); Papanduva (1880); Itaiópolis (1889); Mafra, Três Canoinhas, Major Vieira, Monte Castelo (1891).
Alto do Rio Tijucas	Nova Trento, Major Gercino (1891).
Foz do Rio Itapocu	Corupá, Massaranduba, Guaramirim (1890).
Região Sul	Cocal do Sul, Jacinto Machado, Criciúma, Orleans, Grã-Pará (1882, 1885, 1887, 1890, 1891, 1892, 1893, 1896).
Vale do Rio do Peixe	Porto União, Irineópolis, Rio das Antas, Ipoméia, Caçador (1911, 1926).
Vale do Rio Uruguai	Itá (1929).
Alto do Vale do Rio Itajaí	Rio do Oeste (1937), Presidente Getúlio (1939).
Meio Oeste	Faxinal dos Guedes, Nova Erechim (1938).
Extremo Oeste Catarinense	Descanso (1934).
Vale do Rio Itajaí	Pouso Redondo (1948).

Imigrantes poloneses deixaram-nos um rico legado cultural. A culinária, a religiosidade, a arquitetura e os grupos folclóricos são exemplos dessas manifestações culturais.

O norte do estado está repleto de patrimônios culturais tombados oficialmente, no intuito de promover sua manutenção ou restauração quando necessário.

²³ KLUG, João. Op. Cit., p. 29.

²⁴ IAROCHINSKI, Ulisses. Op. Cit., p. 72.

Figura 0 7- Arquitetura polonesa – município de Itaiópolis/SC



FONTE: Acervo da Fundação Catarinense de Cultura

Figura 08



**Cemitério dos
imigrantes e
descendentes –
Rio Vermelho/São
Bento do Sul/SC**

FONTE: Acervo da Fundação Catarinense de Cultura

Capítulo III

COLÔNIA SÃO BENTO

A Colônia São Bento não foi planejada como se fez com os primeiros projetos coloniais do Império. Bem como localidades que serviam de extensão e mais tarde acabavam ficando independentes do projeto original, a região serviu inicialmente para comportar um grande e crescente número de imigrantes.

Estes, cada vez mais chegavam pelo Porto de São Francisco, e desejavam dirigir-se à Colônia Dona Francisca.⁵² Mas como a população cresceu e a região desenvolveu-se rapidamente, sua capacidade de acomodar novos moradores se esgotou.⁵³

A solução imediata encontrada pela Direção da Colônia foi a exploração de novas áreas. Portanto, a 22 de abril de 1867, a “Sociedade Colonizadora de Hamburgo”, negociou um novo contrato com o Governo Imperial para a aquisição de uma área de 147 Km quadrados de terras devolutas nos Campos de São Miguel situados à distância de 61 Km de seu núcleo originário, além da Serra Dona Francisca, cuja estrada ainda estava em construção.⁵⁴

Em ofício de 29 de outubro de 1869, já se podia perceber que a Direção da Colônia Dona Francisca “agonizava” na expectativa de acomodar os novos imigrantes esperados na recém-criada colônia de extensão.

Explorando os Campos de São Miguel e terras devolutas anexas em sentido oeste, forneceram lotes demarcados aos arredores do rio São Bento, vale do Rio Negro.⁵⁵

Como tinham ainda que limpar seus terrenos para o plantio, a Direção forneceu-lhes mantimentos para suprir a necessidade de três semanas, e os donos dos futuros lotes trabalharam na construção de estradas para comunicação, angariando assim, o sustento das famílias.⁵⁶ Em setembro de 1873, o Engenheiro Diretor

⁵² KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994. p. 18.

⁵³ DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Ofícios e Relatórios – 1872-1876. In: **REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS**. v. 4, 1961. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1954-2001.p.96.

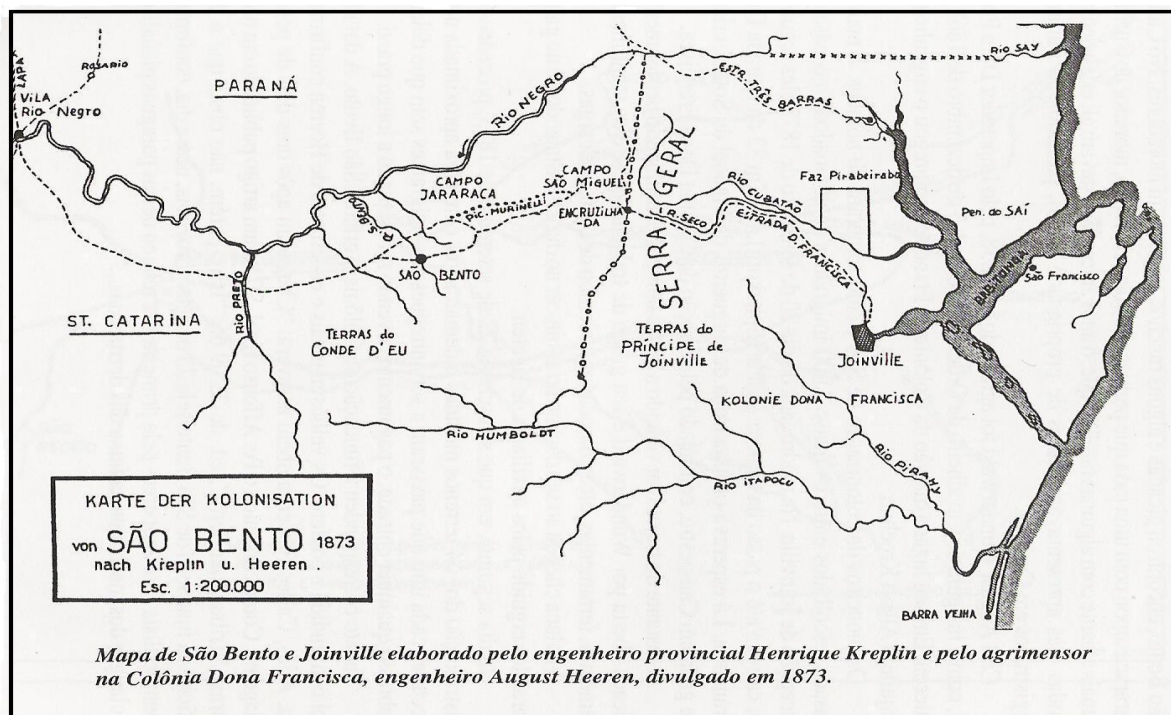
⁵⁴ Idem, p. 96-97.

⁵⁵ Idem, n. 6, 7.

⁵⁶ Idem.

Eduardo José de Moraes, segue com a primeira turma de imigrantes que pretendiam tomar posse dos lotes demarcados, e a 30 do mesmo mês, é Fundada a *Colônia Agrícola São Bento*.⁵⁷

Figura 09



FONTE: FICKER, Carlos. *São Bento do Sul: subsídios para sua História*. São Bento do Sul: do Autor, 1973.

Em 30 de maio de 1874, através do Diretor da Colônia Dona Francisca, têm-se notícia de 84 lotes distribuídos, com 81 famílias e mais de 330 pessoas. Já em novembro do mesmo ano, chegaram à Colônia mais de 125 colonos, originários da Áustria e da Bavária.⁵⁸

Joseff Zipperer, um imigrante da região da Boêmia que escreveu um diário posteriormente traduzido e publicado como obra póstuma por seus filhos, menciona que desde a primeira leva partida da Europa, estavam os poloneses. Entre eles estavam também austríacos, pomeranos e dinamarqueses.⁸

No que diz respeito ao locais de seu estabelecimento, obras como a de Pfeiffer, consideram que os poloneses ficaram com os locais mais periféricos:

⁵⁷ Idem, n. 7 e 8, p. 98.

⁵⁸ Idem, n. 10 e 14, p. 157-158.

⁸ ZIPPERER, Josef. *São Bento no Passado: reminiscências da época da fundação e povoação do município/ diários reunidos por Josef Zipperer*. Curitiba: s/n, 1951. p. 12.

Casual ou não, a predominância da etnia polonesa na região serrana a leste de São Bento, trouxe com ela uma aura de vigor e firmeza. Na primeira distribuição dos lotes, ainda em 1873, os poloneses preferiram a estrada Wunderwald, onde ficaram em maioria, a ponto desta estrada ser mais conhecida por Estrada dos Polacos (Polenstrasse). Na sua caminhada para leste e para as escarpas da serra, eles foram maioria também em Rio Vermelho e Rio Natal. Seria coincidência ou foi o sentimento atávico de sua origem na Galícia polonesa, situada nas encostas das Montanhas Carpáticas? Fica aqui a dúvida.⁹

Questionamos a preferência por estas terras, porque os grupos de imigrantes que chegavam, ocupavam as terras de acordo com a possibilidade da distribuição. Porém, levadas posteriores de imigrantes e o conseqüente aumento da colônia, fez com que outras localidades fossem ocupadas. Estabeleceram-se em regiões como *Rio Vermelho*, *Rio Natal*, e nas estradas *Banhados*, *Rio Negro*, *D. Francisca*, *das Neves*.¹⁰

O *Rio Vermelho*, depois da construção da estrada de ferro recebeu o nome de *Rio Vermelho Povoado* para ser diferenciado do *Rio-Vermelho-Estação*. Na localidade em que estabeleceu-se uma maioria polonesa, havia alemães protestantes também. Em busca de outras terras, ocorreu posteriormente uma “reimigração” para a atual região de *Bateias*, hoje distrito do Município de Campo Alegre.¹¹

Conforme o capítulo anterior, a Região da Polônia esteve submetida durante muito tempo a austríacos, prussianos e russos. Portanto, é muito comum encontrarmos nas fontes de pesquisa não a referência a poloneses, mas sim a austríacos ou galicianos,¹² prussianos, e ainda mais raramente, russos.¹³ Carlos Ficker cita muitos casos em que eles são referidos apenas como “estrangeiros”.¹⁴

Em “linhas polonesas” como o Rio Vermelho ou localidades como Bateias, é mais fácil delimitar sua identidade enquanto grupo étnico pelo fato de serem a maioria. Mas quando se analisa outros espaços da colônia, as dificuldades são maiores.

Levando sempre em consideração a sua presença junto aos outros imigrantes que se estabeleceram em São Bento, Osny Vasconcellos afirma que entre 1873 a

⁹ VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. **São Bento, Causas do nosso Tempo**. 2 ed. São Bento do Sul: dos Autores, 1991. p. 130.

¹⁰ Idem, p. 130, 137.

¹¹ Os primeiros colonos residentes em Bateias deslocaram-se de *Rio Vermelho* e *Rio Natal*. AUGUSTIN, Márcio. A chegada dos colonos. In: **O que já foi Bateias**. Campo Alegre: Do autor, 1997. p. 12.

¹² ZIPPERER, Josef. Op. Cit., p. 12.

¹³ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro de Óbitos**. São Bento do Sul: 1897-1920. p. 3, 4,5.

¹⁴ FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para sua História**. São Bento do Sul: do Autor, 1973. p. 254.

1938, a proporção na região serrana é: 46% de boêmios, 36% de boêmios do norte, 13% de poloneses da Galícia e 1,5% de pomeranos.¹⁵

Curioso por especificar ainda mais a procedência dos europeus, Carlos Ficker afirma que:

Nas primeiras levas de imigrantes que foram estabelecidos em São Bento, predominavam os povos das regiões prussianas e Polônia, da Saxônia, dos vilarejos do Erzgebirge e Vogtland, das vizinhanças de Chemnitz, Leipzig e Dresden, da Boêmia do Norte e do Boemerwald, assim como da Bavária e as regiões da hoje Checoslováquia e norte da Áustria.¹⁶

Em meados de 1911 chegou a ser interesse do Governo Federal fazer um recenseamento da população brasileira, nomeando para São Bento, Manoel Gomes Tavares como agente municipal para desenvolver a atividade. O crescente município foi dividido em dois distritos para facilitar o trabalho.

No entanto, o serviço que tinha sido planejado para o mês de junho de 1911, por motivos desconhecidos, logo foi suspenso.¹⁷

Mesmo com uma crescente população, grande pluralidade de idiomas, gostos e sentimentos particulares, o princípio da vida na colônia destacou uma situação muito similar entre eles. Advindos dos países europeus, com pobreza e miséria, já não se percebia diferenças em seus anseios.¹⁸

Além disso, solidificaram a imagem do “ser estrangeiro” perante a sociedade brasileira.

No Sul, os grupos imigrados construíram suas identidades étnicas como *alemães (ou teuto-brasileiros)*, *italianos*, *poloneses* (para citar os grupos mais numerosos) baseados na percepção das diferenças em relação à sociedade brasileira. Essas diferenças estão referidas, em primeiro lugar, às respectivas culturas de origem; nesse caso, a língua materna, os hábitos alimentares, a moradia, as especificidades de organização social, características fenotípicas (ou não) que invocam pertencimento racial, entre outros itens, são diacríticos importantes na demarcação de limites grupais. Mas em relação ao brasileiro genérico, todos têm em comum a experiência compartilhada de colonização.¹⁹

¹⁵ Idem, p.19.

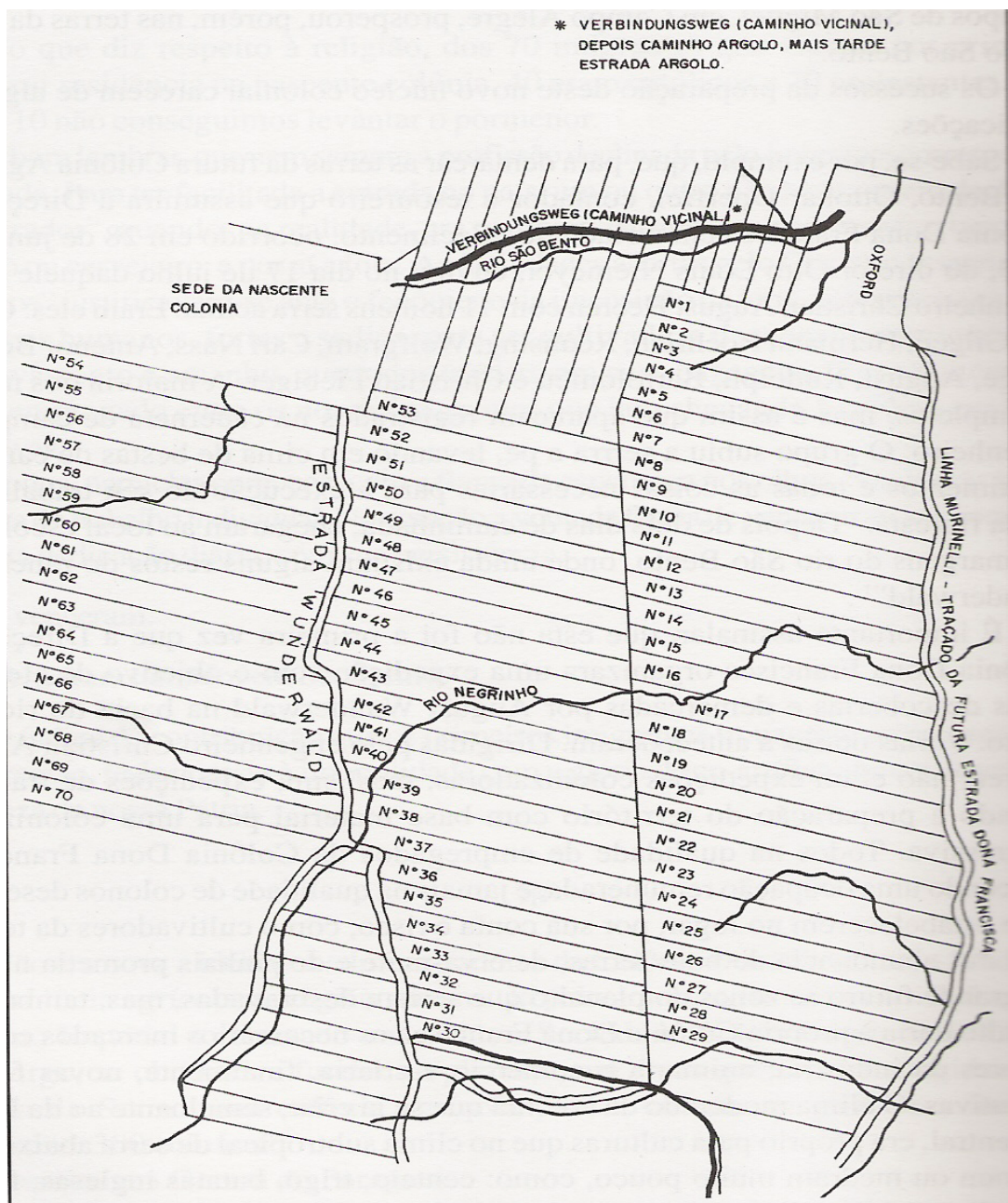
¹⁶ Idem, p. 55.

¹⁷ Recenseamento. In: **O Catharinense**. São Bento do Sul, 01 de maio de 1911. n. 01. p. 02; 30 de junho de 1911.

¹⁸ ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 223.

¹⁹ SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). **Região e Nação na América Latina**. Brasília: UnB, p. 97.

Figura 10 - Mapa da Colônia



FONTE: PFEIFFER, Alexandre. **São Bento Na Memória das Gerações**. São Bento do Sul: do autor, 1997. p. 18.

Ao estabelecerem-se no Brasil, ressaltou-se a situação comum de *ser europeu* como primordial, quando da reivindicação de melhorias para a região. Com os mesmos objetivos, as diferenças parecem ser momentaneamente esquecidas:

À minha pergunta, o que fosse seu pedido verdadeiro? Se ouviram as mais diversas pretensões. Um pretendeu a criação de escolas, outro a entrega dos títulos das terras, o terceiro queria igreja e pároco, o quarto a remoção dos intrusos etc. Entretanto, estes vários pedidos finalmente uniram-se, que imediatamente eu deveria mandar um telegrama, cuja resposta eles queriam esperar aqui. Mostrei à gente o nenhum proveito deste pedido, ainda

mais que eles mesmos não bem sabiam, o que devia conter o telegrama e à quem era para dirigir. Então um homem natural da Boêmia, de nome Dietrich e sapateiro de profissão, se levantou e falou mais ou menos assim: “Irmãos Europeus! Nós somos fraternalmente unidos em angústia e morte no mesmo ânimo e com a mesma etc.etc. (sic.) O que resolvemos entre nós, n’isso deve ficar. O telegrama deve sair e não nos retiramos antes até que recebemos a respostas”. Aplauso geral surgiu a estas palavras. Enfim foi me anunciado o seu verdadeiro pedido: que eles todos queriam ser reenviados para a Europa.²⁰

Dos tempos iniciais na Colônia, alguns voltaram para a Europa, principalmente alemães e descendentes.²¹ Depois destas queixas registradas em ofícios, o argumento em resposta encaminhado pela Direção da Colônia, em abril de 1875, era de que não havia em São Bento, número expressivo de colonos para construir Igreja e Escola.

Não é possível construir Igreja em cada lugar para dois ou três centenos de moradores, como também não pode haver vigário especial para custas do primeiro estabelecimento de colonos no núcleo de São Bento foram tão elevados que apenas era possível satisfazer as primeiras necessidades materiais dos colonos.²²

A “exaltação dos ânimos” e o aumento da agressividade é unânime nos ofícios da Colônia nos primeiros anos de estabelecimento.* De acordo com Carlos Ficker, o que causou tamanho crescimento, foi justo o sentimento de abandono. “Fato indiscutível era o de que a imprevidência por parte da Direção da colônia Dona Francisca em relação à igreja e escola motivou o alto índice de criminalidade em São Bento”.²³

Independentemente da falta de assistência estar ou não diretamente relacionada com a criminalidade, há de se considerar que a religiosidade era algo que fazia parte do cotidiano do imigrante. Portanto, seu sentimento de necessidade imediata ultrapassava até mesmo seu entendimento do que isto implicava. Afinal, para o colono recém-chegado, pouco importava se deveria existir uma quantidade suficiente de pessoas à qual a Direção julgasse suficiente para iniciar as construções reivindicadas por ele.

No ano de 1876, já havia-se encaminhado plantas de uma Capela Católica e de uma casa de oração protestante, para o Ministro e Secretário do Estado dos Negócios da Agricultura.²⁴ No entanto, no ano de 1878, Frederich Bruestlein, diretor

²⁰ DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Op. Cit., p. 164 -165.

²¹ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista concedida a Muriéle S. B. Benthien**. Rio Vermelho - São Bento do Sul, 02 de fevereiro de 2005. p. 3.

²² DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Op. Cit., p. 166.

* Com relação ao numerário ou dados quantitativos relacionados ao aumento da criminalidade, não dispomos de um estudo mais detalhado.

²³ FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 59.

²⁴ DIREÇÃO DA COLONIA...., n. 24, p. 192.

da Colônia, observou que ainda não havia ganho do Governo Imperial, nenhuma ajuda para a construção da Capela e Escola em São Bento.²⁵

III. 1 QUESTÃO DE LIMITES

Na amplidão da Colônia que envolve todos os imigrantes e que incluía interesses em comum, havia outro agravante. Era o conflito entre as Províncias do Paraná e Santa Catarina, que disputavam limites territoriais, gerando uma grande perturbação aos moradores locais. Por isso, Igreja e Escola eram necessidades imediatas, mas não as únicas preocupações:

A Colonia Dona Francisca, de que São Bento forma uma parte inerente, é assim cortada em duas metades. Demais esta incerteza dos limites faz, que nenhuma autoridade judiciária e policial esteja (sic.) competente em São Bento. A consequência é, que a justiça ali é nula e o distrito e a população fica turbulenta e pouco respeita as leis e as autoridades. Este estado das coisas não pode durar sem males funestos, e de certo o Governo Imperial em sua sabedoria não se descuidará de tomar as providências para remover os embaraços que muito obstem a prosperidade do novo núcleo colonial de São Bento.²⁶

Portanto o sentimento de falta de assistência do poder público tornou-se mais tenso.

Essa disputa entre Santa Catarina e o Paraná pela demarcação da divisa entre os dois territórios já existia anteriormente à imigração. E já havia também influenciado na ocupação de suas áreas fronteiriças. Isto é, no caso da parte catarinense, São Bento antes mesmo de ser delimitada enquanto colônia, já tinha “brasileiros” morando em suas terras.

Por brasileiro, refiro-me aos nascidos no Brasil, em sua maioria descendentes de lusos ou miscigenados, antes da colonização europeia efetivada.

Não poderia deixar de mencionar também os muitos indígenas que transitavam por ali, como os *Kaingang* e *Xokleng*.²⁷ Houve conflitos entre eles e os colonos.²⁸ No entanto, infelizmente, não há estudos com abordagens detalhadas sobre a convivência entre indígenas e estrangeiros na região.

Os brasileiros que já habitavam áreas limítrofes de São Bento, estavam instalados em sua maioria no que hoje constitui-se o Bairro de Oxford e de Lençol.

²⁵ Idem, n. 26, p. 193.

²⁶ DIREÇÃO DA COLONIA..., n. 15, p. 164.

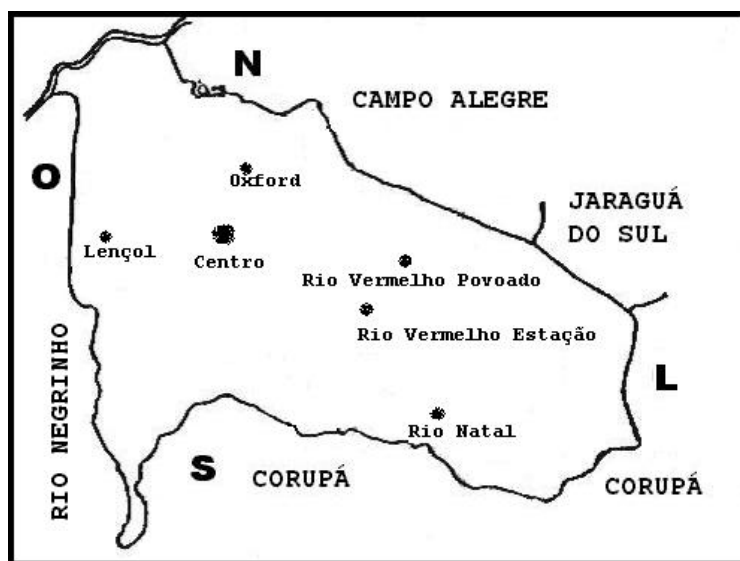
²⁷ AUGUSTIN, Márcio. **O que já foi Bateias**. Campo Alegre: do autor, 1997. p. 7.

²⁸ KORMANN, José. Casos de Imigrantes. In: _____. **Um ano de Jornal Evolução**. Volume I. São Bento do Sul: do Autor, - 1997. p. 131.

Atribui-se a ocupação inicial de Oxford, ao fato de que tinha sido explorada por um engenheiro chamado Ochz, contratado pelo Paraná para fundar uma colônia inglesa na localidade. Com a demarcação das terras por engenheiros responsáveis em fundar São Bento, Ochz não persistiu nas negociações.²⁹ Contudo, até predominar o interesse catarinense, já tinham sido deslocadas e instaladas algumas famílias. Os primeiros moradores eram pessoas que haviam adquirido lotes concedidos através de escritura oficial do Governo paranaense.

Muitos conflitos ocorridos com os colonos foram fruto da convivência com estes brasileiros, que reivindicavam a qualquer custo, para si a posse das terras. Mais tarde, o representante da Colônia São Bento, Miguel de Leiva Argolo, conseguiu um acordo com algumas pessoas da região, para permuta de terras ao norte do rio Negro, ou indenizações pecuniárias.³⁰

Figura 11- Localidades de São Bento



FONTE: Arquivo histórico Municipal de São Bento do Sul

No sentido Leste, habitavam famílias abastadas de latifundiários, em terras que atualmente fazem parte do Município de Campo Alegre.** Inicialmente havia na época, cinco famílias, e o principal latifundiário havia adquirido terras, com o intuito de não permitir o assentamento dos europeus colonos. Em Bateias, parte do território campo alegreense, houve mais tarde uma forte reimigração de colonos

²⁹ VASCONCELLOS, Osny; et. al. Op. Cit., p. 29.

³⁰ Ibid., p. 50.

** O município de Campo Alegre é uma região que na época da Fundação de São Bento, ainda não havia se emancipado, constituindo-se como parte do território são-bentense.

oriundos de Rio Vermelho e Rio Natal, que na época era caminho obrigatório para carroceiros que intencionassem escoar a produção de mate para Campo Alegre. Este era o produto mais comercializado na época.

Figura 12- Vila de Campo Alegre na década de 30



FONTE: Acervo Particular de Eulália Dciziecz

Portanto, bem como em muitas outras áreas fronteiriças, a recém-instalada colônia constituiu-se por mais um motivo de briga na “questão de limites”. Num primeiro momento, a mudança de idéia de assentar colonos não mais nos Campos de São Miguel, mas nas terras adjacentes ao Rio São Bento, pode ter sido uma tentativa de manter a colônia afastada de intervencionismo paranaense.

Num segundo momento, depois da decisão de abrir um caminho que ligasse Dona Francisca (Joinville) a Rio Negro, para facilitar o escoamento da produção, optaram por fazê-la de maneira que não se passasse pelo centro de São Bento.

Não fosse a mudança nos planos, outrora teria-se permitido um contato maior entre Dona Francisca e o além da serra. Sobremaneira, a atitude refletiu num certo protecionismo e tentativa de evitar interferências advindas do Paraná.

“Até parece, e é provável ser, que houve uma política, à socapa, visando esconder, pelo menos inicialmente, este povoado aos olhos do Paraná e de outros interesses, pelo menos em seus primeiros anos de vida”.³¹

A estrada Dona Francisca fora motivo de briga entre as duas províncias. No início das obras, os primeiros planos eram o de fazer com que seu ponto terminal

³¹ KORMANN, José. **São Bento do Sul**. Florianópolis: IOESC, 1990. p.19.

chegasse à Rio Negro (Paraná). No entanto, da parte catarinense, queriam que ela chegasse ao fim em Curitiba para melhor poderem controlar o escoamento da produção de erva-mate e o trânsito do gado.³² Estas atividades econômicas, principalmente o mate, eram muito importantes para a região, o que acarretaria uma disputa cada vez maior pelas regiões de fronteira.

A imprensa da época em São Bento defendia o lado catarinense. O jornal *Der Volksbote* por exemplo, afirmou que entre o povo catarinense, 1/3 era indiferente as decisões de limites e outros 2/3 aguardavam a posse. Além disso, reforçou a defesa de que o povo catarinense estava cansado e sobrecarregado de impostos cobrados pelo governo paranaense. Citou Santa Cruz, São Lourenço, Papanduva, Lucena, Rio Preto (regiões limítrofes) como lugares em que não houve adesões ao rebelde movimento advindo do Paraná.³³

Após a solicitação oficial frente ao Gabinete dos Ministérios do Governo Imperial, o encarregado do governo para fiscalizar a obra decidiu-se por Curitiba. No entanto, estudos sobre a exploração do traçado, acabaram invertendo a situação, e o Governo finda a sua decisão pelo Rio Negro.³⁴

O Paraná, por sua vez, transferiu um de seus postos de fiscalização, que antes era em Ambrósios (pertencente à Vila de São José dos Pinhais), para a encruzilhada na direção de Rio Negro. Essa atitude para não comprometer a arrecadação, em nada agradou o governo catarinense.³⁵ Santa Catarina temia que o Paraná alegasse posse das terras.³⁶

Tornou-se inquietante a situação, quando o Paraná instalou na estação fiscal um destacamento de força policial. “Os fatos exaltaram os ânimos dos catarinenses quando as primeiras tropas de carga e mercadorias desceram em direção a Joinville e foram interceptadas pelos policiais paranaenses, em pleno território catarinense”.³⁷

A construção da estrada Dona Francisca tinha impulsionado o convívio entre pessoas das mais diversas procedências. Mas uma das mais graves situações foi quando paralisaram-se as obras, devido a Guerra do Paraguai. Muitas famílias nos primeiros anos dependiam do trabalho para se sustentarem.

³² FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 26.

³³ **Der Volksbote**. São Bento do Sul, 26 de fevereiro de 1910. n. 41. p. 02.

³⁴ FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 27.

³⁵ Idem, p. 27-28, 35.

³⁶ Idem, p. 28.

³⁷ Idem, p. 35.

O descaso e abandono do Governo, que já os movia a construir suas próprias escolas para os filhos e igrejas, tornara-se desesperador com a negação a eles da concessão de posse dos terrenos.

A falta de igreja e escola e a insegurança nas próprias terras, a negação das autoridades em fornecer títulos de propriedade em consequência da questão de limites e das terras contestadas, finalmente a fome e a miséria eram, realmente, bastante motivo para revolta.³⁸

Portanto, a revolta era grande nos primeiros anos de convivência da Colônia. Brigavam entre si, e isto reflete a sensação de abandono perante as autoridades. Fortes discussões e agressões, além de assassinatos, eram muito comuns.³⁹ Sabiam que a impunidade era grande, que fugir e voltar muito tempo depois era uma saída para não serem considerados culpados dos crimes cometidos, muito menos pegos em flagrante.

No dia 15 do corrente o valentão Jorge Schroeder que se julgou prejudicado com o tempo perdido em desviar os animais do seu carro, irrompeu em insultos terríveis contra o seu desconhecido colega, que lhe fez ver não ser culpado do que acontecera. Ditas estas palavras, Jorge que não se podia conter de fúria arremessou-se sobre o polaco, espancando-o com um chicote e mandando que não dissesse nem mais uma palavra. O polaco intimidado com a ordem do seu contendor e receando nova dose de chicotadas, abandonou o carro e procurou fugir, quando Jorge Schroeder alvejou-o pelas costas com um tiro de pistola, prostrando-o por terra mortalmente ferido. Não satisfeito ainda o assassino desfechou novos tiros sobre os cavalos do polaco, fugindo para a mata em seguida, a fim de furtar-se à ação da Justiça. Jorge Schroeder é austríaco e mora na povoação de Lençol deste município, onde tem boas terras e muitos animais. O polaco que veio a falecer momentos depois, era do lugar chamado Canoinhas.⁴⁰

Em 1875 foram indicados nomes para sub-delegado e suplente que cuidassem da segurança das pessoas, mas ainda que amparados pelo Ministro da Agricultura, e as questões litigiosas entre Paraná e São Bento (SC) tivessem diminuído, o descaso com a Colônia não tornou-se menos evidente.⁴¹ Houve o caso em que o primeiro destacamento policial teve até seu delegado August Heeren feito refém quando dirigiram-se até a sede Dona Francisca para solicitarem seu pagamento pelos trabalhos que tinham feito.⁴² O índice de criminalidade estava acentuadamente relacionado à falta de assistência que almejavam os imigrantes.

“Religião e Escola, os elementos básicos na formação moral de uma coletividade e colônia, em 1879, portanto seis anos após a povoação de São Bento,

³⁸ Idem, p. 123.

³⁹ KORMANN, José. Casos de Imigrantes. Op. Cit., p.129-130, 133,137.

⁴⁰ Assassinato de um polaco. Evasão do assassino. In: **Volks Zeitung**. São Bento do Sul: 24 de abril de 1910.

⁴¹ DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Op. Cit., n.17, 25, 26. p. 165,192 e 193.

⁴² PFEIFFER, Alexandre. **São Bento Na Memória das Gerações**. São Bento do Sul: do autor, 1997. p. 54.

ainda continuavam na estaca zero”.⁴³

A falta destas duas instituições era um caso urgente a ser resolvido. A agressividade impulsionada pela embriaguez era muito comum, e sob o aspecto religioso, festas de casamentos, batismos e nem mesmo os velórios eram poupados.⁴⁴

O Livro de Posturas da Câmara Municipal de São Bento de 27 de agosto de 1898 , em seu título “Religião” já havia estabelecido no Artigo IV que quem por palavras ou ações ridicularizasse ou faltasse com respeito à celebração de ofícios divinos ou funerais de qualquer religião, seria multado em 20 a 40\$000 réis.⁴⁵

Mas na prática, não se respeitava muito os costumes de outrém. Os brasileiros por exemplo, metiam-se nas festas. O choque entre eles e imigrantes em se tratando de costumes tornara-se acirrado por esse motivo. Os imigrantes, extremante religiosos e muito conservadores, não admitiam afronta aos seus modos de viver.

Durante uma festa de casamento vieram, entre os convidados da noiva, algumas moças caboclas que trabalhavam em Curitiba. Estas quiseram-se mostrar-se mais modernas que as demais moças e vieram à festa de saias mais curtas e, além disso, dançavam uma dança considerada escandalosa pelos imigrantes. Deu briga. Os brasileiros buscaram a polícia. Os alemães nunca gostaram das autoridades policiais em suas festas.⁴⁶

A preocupação com a entrada de pessoas não convidadas nas festas de casamentos chegou aos jornais, vista como recurso preventivo. Quem fosse casar, logo propunha a publicação de nota como aviso de que somente aos convidados seria permitido a entrada na sua festa.⁴⁷

Brigas ocorreram também entre os funcionários que trabalhavam para a construção da estrada de ferro, na parte que passaria por São Bento em direção a Corupá. As condições de trabalho não eram adequadas e o despreparo era comum em alguns casos.⁴⁸ Uns, queriam greve, e outros discordavam:

Uns não estavam porque haviam fugido, outros queriam trabalhar e os grevistas não deixavam, os encarregados tentavam explicar aos revoltosos mas foram impedidos pelos mais atrevidos que, finalmente, foram isolados a fim de dialogar, se dizia; mas logo que separados, foram mortos a tiros, facadas e pauladas. Todos eles eram jogados ribanceira á

⁴³ FICKER, Op. Cit. p. 159.

⁴⁴ KORMANN, José. Casos de Imigrantes. Op. Cit., p.129,133.

⁴⁵ Livro de Posturas – Religião. In: **Jornal Legalidade**. São Bento: 1897-1899. n. 18.

⁴⁶ KORMANN, José. Casos de Imigrantes. Op. Cit., p.133.

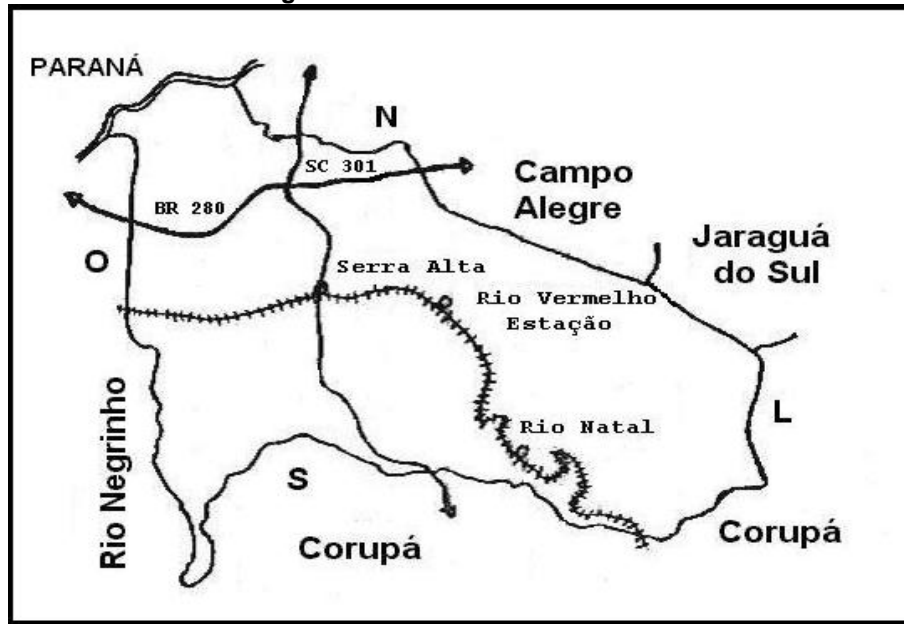
⁴⁷ Declaração. In: **Volks-Zeitung**. São Bento do Sul: 10 de fevereiro de 1912. n. 13. p. 04, 06; 20 de abril de 1912. n. 24. p. 04.

⁴⁸ Facilitava por exemplo, acidentes como desabamentos de terra ou choque elétrico. In: **O Catharinense**. São Bento do Sul: 01 de janeiro de 1911. n. 01. p. 01.

baixo para serem simplesmente enterrados pela continuação dos trabalhos. Muitos dos que haviam fugido, voltaram dias depois.⁴⁹

A estrada de Ferro foi inaugurada em 1910 em Corupá, vindo de São Francisco do Sul, onde a construção tinha começado em 1905. Em São Bento do Sul, é inaugurada em 1913.⁵⁰

Figura 13- Ferrovia em São Bento



FONTE: Arquivo Histórico Municipal de São Bento do Sul

A seguir, pode-se observar uma imagem do trecho que passava por Rio Natal:

⁴⁹ KORMANN, José. A Estrada de Ferro. In: _____. **Um ano de Jornal Evolução**. Volume I. São Bento do Sul: do Autor, - 1997. p. 80.

⁵⁰ Idem., p. 75.

Figura 14



FONTE: Acervo particular Mieceslau Kazsubowski

III. 2 O CONVÍVIO E OS PADRES MISSIONÁRIOS

Além da aquisição de terras na Colônia por alguns brasileiros e a construção da estrada Dona Francisca terem permitido o convívio frente ao comércio que vinha então se praticando, a estrada de ferro surgira como novidade para os são bentenses.

Por onde o trem passava, a paisagem mudava: fábricas prosperavam, o movimento intensificava-se, as matas tombavam, os carroções diminuía e muitos carroceiros entraram a falir; aldeias apareciam, pensões, sapatarias, barbeiros e comerciantes mudavam-se para junto das estações. A própria Estrada Dona Francisca, a segunda estrada de rodagem do Brasil, tornou-se, em muitos trechos, intransitável e abandonada, esperando uma futura e promissora ressurreição que viria mais tarde, com a vinda da era dos caminhões.⁵¹

Por isso, nem só de briga viviam brasileiros e colonos. Josef Zipperer relata em alguns trechos de seu diário, como alguns "caboclos" foram solidários nas dificuldades vividas pelos colonos. "São os brasileiros, mesmo os mais pobres caboclos, gente muito hospitaleira. Oferecem tudo que possuem, comida e cama, sem aceitar qualquer pagamento".⁵² Outro momento em que o autor observara a solidariedade do povo "nativo", foi quando das primeiras mortes ocorridas na colônia.

⁵¹ KORMANN, José. A Estrada de Ferro. Op. Cit., p. 76.

⁵² ZIPPERER, Josef. Op. Cit., p. 97.

Foi justamente naquela noite, em que velamos o corpo do falecido, que vieram tropeiros pousar conosco e viram a grande mágoa daquela gente estranha que não conheciam. Sem poderem uns se entender com os outros, também este homens do mato participaram do velório e acompanharam o morto a seu túmulo procurando expressar, por todos os meios possíveis, o seu pesar.⁵³

Através da solicitação realizada pelo Padre Boegershausen que atuava na Colônia Dona Francisca, conseguiu-se um padre natural da Polônia. O Revmo. Padre Adalberto de Leliva Bukowski, primeiro pároco a residir em São Bento, ganhou muita simpatia dos colonos poloneses, porque organizou o ensino da povoação. Até então o ensino vinha sendo ministrado apenas em alemão, o que provocava resistência dos escravos em aprender.⁵⁴

No entanto, este padre que tinha licença por seis meses, não teve permissão para continuar apesar dos inúmeros pedidos dos são bentenses:

...como sua provisão não foi prolongada pelo Bispo da Corte, por informações de Boegershausen, o padre Bukowski seguiu viagem apesar das petições de alemães e polacos de São Bento para que seja mantido o sacerdote que fala ambas as línguas. Devo-lhe dizer porém, que Boegerhausen, apesar de ter para si a orelha do Bispo, não parece ser muito amado por seus fregueses e fiéis em São Bento, onde dizem que aparece somente para chupar dinheiro. Não creio que Boegershausen tão cedo voltará para lá e portanto seria muito necessário e útil ter outro padre que falasse polaco, o que me parece muito difícil de achar.⁵⁵

Numa colônia de maioria alemã, para os poloneses o fato do primeiro padre da colônia ter sua origem, dever ter se constituído em motivo de orgulho de sua origem, reforçado pelo fato de poderem usufruir da presença de um estudo em sua própria língua, mas a curiosa versão que acusa o padre de estar mais atento ao dinheiro do que das suas obrigações, muitas vezes pode ser explicada pelas grandes mudanças na mentalidade do colono que já não sente-se tão inibido em cobrar seus direitos. Na Polônia, o sacerdote era um líder inquestionável, no Brasil fatores conjunturais abalaram esta liderança, porque parte do clero ligado aos grandes proprietários, opunha-se à emigração:

Os proprietários e os padres, embora lessem nos jornais artigos sobre quão grande era o Brasil, e quão grandes propriedades distribuía para os emigrantes europeus, nada diziam ao povo. Sabiam que no Brasil já havia poloneses, bem como outras nacionalidades e entre nós ninguém sabia nada.⁵⁶

Portanto, aliou-se à independência de decidirem seu rumo, o desapontamento em relação às autoridades clericais.⁵⁷ Mudou-se talvez a relação com a ordem

⁵³ Idem, p. 38.

⁵⁴ FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 160.

⁵⁵ Ibid., p. 189.

⁵⁶ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A "Febre Brasileira" na Imigração Polonesa. In: **Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa**. I v., Curitiba: Imprimax, 1970. p. 34.

⁵⁷ A exemplo da independência do colono, temos a criação de novas instituições criadas ao lado

clerical, mas a idéia de que os atritos eram resolvidos sempre visando a coesão do grupo permanece.⁵⁸

Padres missionários da Congregação do Coração de Jesus já visitavam a região para atender o crescente número de fiéis, mas faltava-lhes ainda, Igreja e padres definitivos.⁵⁹ A população da colônia organizou-se então, e enviou pedido ao Bispo requerendo a criação de uma Paróquia e a nomeação de um sacerdote para dirigi-la.⁶⁰

Padre João Stolte, um dos principais missionários que atendera a população local, observara que:

Os longos anos de completo abandono não ficaram sem vestígios em São Bento e ainda serão necessários alguns anos até que na árvore danificada frutifiquem novamente deliciosos frutos divinos. Como em toda parte na igreja, assim também aqui colocamos nossa esperança no coração divino de Jesus.⁶¹

Atuante por vários anos, João Stolte esforçou-se muito para dar impulso à intenção dos fiéis de se edificar a igreja e fundar a escola paroquial.⁶²

Basta lembrar que a escola católica na cidade é, sem dúvida, excelente; para aumentar sua influência, nós mesmos trabalhamos nela como professores auxiliares e, além dos muitos trabalhos na cura d'almas, assumimos também as aulas de português. A aula de religião propriamente dita, que é muito bem freqüentada, nós damos duplamente, tanto na cidade como também nas colônias.⁶³

No entanto, as crianças atendidas pela escola paroquial eram alemãs.⁶⁴ Com esforços dos paroquianos, festas católicas, com bazares beneficentes à Igreja foram realizados.⁶⁵

As visitas dos padres missionários eram muito bem recebidas pelos fiéis. Vinham por vezes, até três padres de uma só vez.⁶⁶

...A concorrência foi extraordinária, excedendo a toda e qualquer expectativa; a igreja achava-se repleta de fiéis, consecutivamente, desde que apareciam os primeiros clarões da alvorada,

da paróquia, como a escola-sociedade, que resultou da ausência de escolas oficiais. WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 108.

⁵⁸ ALVIM, Zuleika. Op. Cit., p. 231.

⁵⁹ Visita do Padre Henrique Moeller. In: **O Catharinense**. n. 3. São Bento do Sul: 14 de maio de 1891. s/a. Este padre era membro superior da Congregação de Jesus e acompanhava o movimento religioso em algumas partes de Santa Catarina, como Brusque por exemplo.: *Hospedes e viajantes*. In: **O Catharinense**. São Bento do Sul: 14 de maio de 1911.n. 3, p 02.

⁶⁰ Representação. In: **Legalidade**. São Bento do Sul: 24 de setembro de 1898. s/a.

⁶¹ DIRKSEN, Valberto. **Presença e Missão Dehoniana no sul do Brasil (1903-1913)**. Florianópolis: Lagoa, 2004. p. 200.

⁶² Feliz regresso. In: **Volks Zeitung**. São Bento do Sul: 13 de dezembro de 1908. p. 7. s/a.

⁶³ DIRKSEN, Valberto. Op. Cit.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Festa Católica. In: **Volks Zeitung**. São Bento do Sul: 7 de maio de 1909. p. 2. s/a.

⁶⁶ Visita dos padres missionários. In: **Volks Zeitung**. São Bento do Sul: 18 de abril de 1909. s/p; s/a.

até as 9 horas da noite, durante os dias em que foram pregadas as santas missões, foi a mais fulgurante prova do que pode a palavra divina, quando verberada por sacerdotes abnegados e zelosos pelo serviço de Deus.

Ajuntando à palavra o exemplo, os dignos missionários conquistaram para santa causa todos, os católicos d'esta Vila, e aí está para comprovar exuberantemente, uma esplêndida procissão, onde se via para cima de 3000 fiéis e 2597 comunhões. Era emocionante contemplar a esplêndida procissão do santíssimo sacramento, dirigida por seis padres; os sacros cânticos, o perfume do incenso; a harmonia suave do musical, os semblantes compungidos dos devotos, acompanhando o Rei dos Reis, Jesus sacramentado, impressionavam indivizivelmente a todos, elevando a lama a nossa população composta de brasileiros, alemães e polacos, as práticas eram feitas simultaneamente n'esses idiomas, o que muito contribuiu para a extraordinária concorrência do povo a igreja, durante todo o tempo das missões.⁶⁷

O fato da diferença do modo de vida entre os colonos na desenvolvida Dona Francisca, com maioria protestante, e os de São Bento, com sua origem católica, gerou uma certa desunião segundo Carlos Ficker. Afinal, num meio onde o catolicismo era religião oficial, os são bentenses não foram muito compreendidos pela “inclinação ao ambiente nacional”⁶⁸ Antonio Hempel, refere-se à problemática: “Na província de Santa Catarina, que os alemães consideram sua, as colonizações polonesa e italiana, não são vistas com bons olhos. Acredito que no futuro, haverá maiores divergências”.⁶⁹

A pluralidade existente na colônia São Bento, evidenciam a contraposição religiosa de *Católicos X Protestantes*. Em São Bento, a maioria era católica, e na colônia Dona Francisca, a maioria era protestante.

Nunca os colonos de Joinville e de São bento formavam uma “família” para lutar, unidos, contra as privações do novo ambiente. Ao contrário, a bipartição religiosa dos colonos “de cima” e dos antigos colonos da Dona Francisca, foi um dos fatores mais importantes da diferenciação cultural e social que motivou os acontecimentos dramáticos de 1875 a 1878.⁷⁰

Num período em que a religião católica era hegemônica, Lauri Emilio Wirth afirma que a possibilidade de tolerância religiosa era determinada pela necessidade de mão-de-obra nos países receptores de imigrantes protestantes.⁷¹

Quanto à distribuição dos primeiros lotes, grupos iguais juntaram-se e escolheram seus lotes na mesma linha de colonização. Levando em consideração o objetivo de

⁶⁷ As missões em São Bento. In: **Der Volksbote**. São Bento do Sul: 10 de abril de 1909. p.2. s/a.

⁶⁸ FICKER, Carlos. Op. Cit, p. 55.

⁶⁹ HEMPEL, Antônio. Os Poloneses nas Províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Lwów, 1893. In: **Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa**. Tradução: Francisco Dramka. Curitiba: 1973. VIII v., p. 76. É comum também, encontrar estes pedidos nos livros tombos da Igreja do Rio Vermelho. PARÓQUIA RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1929 p. 81.

⁷⁰ Idem, p. 55.

⁷¹ WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e Associação Nacional de História, 1998. p. 21.

coesão e reforço do sentimento de união entre os grupos, Carlos Ficker justifica que tal ato faz parte da maneira de pensar dos imigrantes, que entre eles próprios se consideravam estrangeiros, enumerando etnias da porção Oriental da Alemanha, da Áustria, da Bavária, Saxônia, Pomerânia, Silésia, além da Prússia Oriental, Polônia, Galícia e Boêmia.⁷²

Por haver muitos poloneses na estrada Wunderwald, esta recebeu a denominação alemã de *polenstrasse*.^{***} Sobre ela observara Antonio Hempel que:

Os lotes mais próximos da cidade, encontram-se na Wunderwald Strasse. As choupanas dos colonos encrustam-se entre os morros. Eles chegaram, há 14 ou 18 anos. São em número de umas 50 mais ou menos distantes entre si e espalhadas ao longo da linha. São galicianos e prussianos.⁷³

Na região central, residiam apenas algumas famílias. O núcleo central habitados por poloneses de onde partem as linhas como a Wunderwald, era o *Rio Vermelho*, que fica 20 Km de distância de São Bento. Devido à dificuldade de assistência aos colonos, o povoado foi desmembrado da Paróquia de São Bento, a 14 de março. Por ficar sem ligação com São Bento até o ano de 1888,⁷⁴ os colonos ficavam sobre a orientação dos padres poloneses da colônia Lucena.⁷⁵

Já São Bento, estava sobre os cuidados dos padres Dehonianos, que vieram pela primeira vez ao sul do Brasil em 1903.⁷⁶

Até 1912, o padre responsável por Rio Vermelho, José Góral, não registra a procedência das pessoas mais idosas, com exceção dos recém-nascidos na colônia. Segundo o Livro de óbitos, a maior parte dos colonos procedem da região da Prússia, Galícia e Polônia.⁷⁷

Rio Natal, uma localidade fundada em 1905 e povoada também por poloneses,⁷⁸ situava-se mais abaixo, e seus mortos eram todos enterrados no Rio Vermelho também, representando quase a metade dos lá enterrados.⁷⁹

Com alemães na colônia, o número significativo de poloneses marcou

⁷² FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 53.

^{***} Consta no capítulo IV uma melhor explicação sobre esta estrada.

⁷³ HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 162.

⁷⁴ FICKER, Carlos. Op. Cit., p. 162.

⁷⁵ PARÓQUIA RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1909. p. 5.

⁷⁶ O padre José Thoss foi o iniciador e organizador do projeto de preparar padres novos para exercerem as atividades pastorais entre os imigrantes alemães e descendentes. Dentre eles, Padre Dehon foi o indicado a assumir o projeto da missão e passou por São Bento, que na época estava submetida à Diocese de Curitiba. SCHMIDT, Padre José Francisco. **Dehonianos do Sul do Brasil, 100 anos de presença e missão 1902-2003**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 23-24.

⁷⁷ PARÓQUIA RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1929. p. 6.

⁷⁸ VASCONCELLOS, Osny; et. Al. Op. Cit., p. 138.

⁷⁹ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro de Óbitos**. São Bento do Sul: 1897-1920. p. 3-12.

fortemente sua presença. No Rio Vermelho, a primeira Igreja católica, data de 1881.

Considerando que em São Bento, a maioria dos poloneses vinham da parte austríaca, em que o analfabetismo chegou a atingir 70% da população, mesmo com liberdade de ser administrado em língua polonesa. Nesta parte da Europa na época da emigração, os conhecimentos sobre a realidade política e social do aldeão, não ultrapassava às vezes, a sua região de origem.⁸⁰

No Rio Vermelho, a construção da escola partiu de sua própria iniciativa,

Construíram uma casa de material que deve servir de escola. Ali freqüentam crianças polonesas e alemãs. As polonesas estudam polonês e português e as alemãs, o alemão e o português. O professor é o Senhor Wielewski. É pago pelos colonos. Dedicar seu tempo à escola e à casa comercial. A grande distância entre as colônias é o maior obstáculo para a educação. Por isso a freqüência às aulas é irregular.⁸¹

Esta escola era paroquial e ficava no terreno adjacente ao da igreja, sob direção de religiosas vindas da Polônia. Além disso, a escola era freqüentada por alunos de outros lugares, como Bateias, Avenquinha e Fragosos.⁸²

Talvez o ensino em polonês na Colônia não tivesse tanta importância para os austríacos que já estavam acostumados à uma certa autonomia na região de origem, mas para os prussianos, o gosto pela língua materna era mais animado:

A Bismark strasse (sic.) toma rumo oposto, em direção oeste. É também polonesa. Os nomes alemães chocam. Trata-se de um germanismo artificial. Nossa gente mantém a língua castiça e não tem nenhum contato com eles. Reina uma vida polonesa, segregada. Os imigrantes afirmam que aprendem a falar melhor o polonês do que na Prússia Ocidental (os ensinamentos na escola tem sua influência). São bons e hospitaleiros.⁸³

As manifestações culturais, apreendidas através da língua e religiosidade, evidenciam a continuidade e valorização de seu sentimento de polonidade.

⁸⁰ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **O Camponês...** p. 34, 35 e 59.

⁸¹ HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 76.

⁸² PFEIFFER, **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999. p. 131.

⁸³ HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 77.

Capítulo IV

CONSIDERAÇÕES SOBRE RIO VERMELHO, RIO NATAL E BATEIAS

Um dos primeiros espaços do empreendimento colonial a abrigar famílias polonesas foi a Estrada *Wunderwald*. Recebeu este nome em homenagem a August Wunderwald que foi uns primeiros a explorar a região para a abertura de novas “picadas”.⁵⁹ No entanto, vulgarmente era conhecida como *Polenstrasse* (estrada dos Polacos).⁶⁰ Ainda que poloneses em sua maioria, nela instalaram-se também outros grupos. A estrada constituiu-se por longos anos, como único acesso ao centro de São Bento.⁶¹

Os descendentes de poloneses nascidos e criados ao longo desta estrada, aprendiam e sabiam comunicar-se tanto em seu idioma, quanto um pouco em alemão. Mais tarde quando iam para a escola, é que aprendiam então o português.⁶² Pela proximidade com o centro da cidade, sempre deslocavam-se para estudar e freqüentar a Igreja.⁶³

Por muito tempo, outras terras da região foram objeto de especulação para estabelecer novas levas de imigrantes que estavam a caminho, alguns em espera na sede Dona Francisca.

Nesse interim, as localidades periféricas do município foram exploradas para atender a crescente demanda populacional. Alguns autores, afirmam que *Bechelbronn* - o Rio Vermelho - foi aberto sob intenções de viabilizar a comunicação entre as ocupações centrais com terras de posses do Conde D’eu, no Vale do Itapocu.⁶⁴ Segundo eles, a intenção era tirar proveito econômico semelhante aos outros empreendimentos coloniais já solidificados.

Josef Zipperer conta-nos em seu diário, sobre vários aspectos do cotidiano pelos quais passou. Como participante do grupo de expedição que almejava conhecer de perto as terras e analisar as possibilidades vislumbradas, comenta

⁵⁹ Wunderwald tinha descoberto em 1855, o acesso ao planalto na latitude Joinville - São Bento. In: VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. **São Bento, Causas do nosso Tempo**. 2 ed. São Bento do Sul: dos Autores, 1991. p. 53.

⁶⁰ *Ibid.*, p. 49.

⁶¹ PFEIFFER, Alexandre. **São Bento Na Memória das Gerações**. São Bento do Sul: Ed. do autor, 1997. p. 249.

⁶² GIELINSKI, João; GIELISNKI, Maria. **Entrevista concedida a Murielle Benthien**. São Bento do Sul, 17 de agosto de 2005. p. 3.

⁶³ GIELINSKI, João; GIELISNKI, Maria.. **Entrevista...** p. 2, 5.

⁶⁴ VASCONCELLOS, Osny; et. Al. Op. Cit., p. 128. A denominação em alemão para Rio Vermelho (Bechelbronn) comumente aparece nos livros paroquiais utilizados na época. IGREJA MATRIZ . **Livro de Casamentos I**. São Bento do Sul: 1879-1883. p. 56.

muito sobre a vegetação local e as dificuldades fisiográficas. O mais importante, era a abertura de uma “picada” nas proximidades do leito do Rio Itapocu, que proporcionaria a exploração futura dos recursos naturais face ao objetivo de instalar ali mais moradores.

Chamou tanto a atenção, que por longas décadas posteriores, instalou-se na localidade uma empresa que soube aproveitar as quedas d’água e transformar este recurso hídrico em eletricidade.⁶⁵

Com relação ao relevo, a região era densamente formada por morros íngremes.

Figura 15 - Relevo de Rio Natal , nas proximidades de Rio Vermelho



FONTE: Acervo particular: Mieczslau Kazsubowski

Osny Vasconcellos, chama a atenção para a coincidência de ali ter se estabelecido uma maioria polonesa acostumada ao mesmo tipo de formação geológica de onde eram originários.⁶⁶ No entanto, nem todos na Polônia, viviam na região dos Cárpatos, pequena cadeia montanhosa. A maioria vivia em regiões de planície. Além disto, estar acostumado ao relevo da terra natal não significava estarem acostumados às grandes dificuldades de derrubada da mata, construção de casa e até mesmo dos móveis que foram fabricados artesanalmente. Também o

⁶⁵ PFEIFFER, Alexandre. **São Bento...** p. 383.

⁶⁶ VASCONCELLOS, Osny; et. al., . Op. Cit., p. 42.

cultivo da terra nos primeiros anos não deve ter sido uma tarefa nada fácil de desempenhar.

Além de grande parcela que morava na localidade ter sido polonesa, estabeleceram-se também alemães de religião protestante. Alexandre Pfeifer chega a afirmar que eles foram os primeiros a estabelecerem-se no Rio Vermelho.⁶⁷

Mas quanto à qualidade das terras distribuídas para ambos os grupos étnicos, tanto as famílias alemãs quanto as polonesas adquiriram lotes considerados ruins quando comparados aos do centro colonial.

Quanto ao convívio, é de se indagar como seria o futuro dali para frente. Afinal como famílias com diferentes costumes, ainda que sob semelhantes condições, conviveriam tão próximas? Acresce-se ainda, a questão de que nos primórdios não havia estrada de ligação total partindo de Rio Vermelho ao centro colonial. As necessidades básicas teriam de ser improvisadas por ali mesmo. Com o passar dos anos, todas elas seriam sanadas, tendo em vista que na localidade registrava-se um razoável número de estabelecimentos como armazéns, moinhos e marcenaria.

Pela distância entre Rio Vermelho e a região central, criou-se uma certa independência, que até hoje seus descendentes às vezes referem-se à localidade como se esta não fizesse parte do município de São Bento do Sul.⁶⁸

A construção da primeira Capela, data de 1881, feita em madeira pelos próprios moradores católicos, dentre eles Pedro Bineck.⁶⁹ Como esta era a religião oficial do Império, os alemães só tinham permissão para reunir-se na casa de alguém da comunidade e organizar assim grupos de orações.

Mas essa capelinha era provisória. Com o passar dos anos não comportava mais o número crescente de fiéis. Por isso, foi lançada em 1911, uma festa para realizar o lançamento da “pedra fundamental”, da nova Igreja que pretendiam erigir no mesmo local.⁷⁰

⁶⁷ PFEIFFER, Alexandre. **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999. p. 126.

⁶⁸ GIELINSKI, João; GIELISNKI, Maria. **Entrevista concedida a Murielle Benthien**. São Bento do Sul, 17 de agosto de 2005. p. 1.

⁶⁹ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista concedida a Murielle S. B. Benthien**. Rio Vermelho - São Bento do Sul, 02 de fevereiro de 2005. p. 22.

⁷⁰ PEDRA fundamental. **Volks-Zeitung**. São Bento: 5 de novembro de 1911. n. 52. p. 4. Apud: BENTHIEN, Murielle. **Poloneses do Rio Vermelho**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: fevereiro de 2003.

Rio Vermelho era bastante movimentado em dias de festas religiosas.⁷¹ A nova Igreja construída, ainda existe na localidade. O cemitério atual ao lado dela, era o local da anterior que foi demolida.⁷² Tombada como patrimônio Histórico Catarinense, a igreja atual já foi restaurada na sua fachada externa. Na parte interna, um dos costumes mais fortes poloneses está caracterizado pelas flores pintadas nas paredes. É um costume polonês muito antigo comemorar a primavera, porque além da época de colheitas que permitia a sobrevivência entre os camponeses, justifica a renovação e celebração da vida.⁷³

Tudo no vestuário entre os poloneses é muito colorido e lembra a primavera, como os xales que até hoje tanto no Brasil quanto na Polônia as mulheres usam.

Brunislawa Waltwan, moradora na região, também já teve em casa as flores todas pintadas na parte da sala. Era uma característica original, que, no entanto, desconfigurou-se por reformas posteriores. Segundo a entrevistada, as famílias mais abastadas eram as alemãs, que moravam em casas maiores e mais confortáveis. Elas já tinham vindo da Europa com uma certa quantia de dinheiro, fruto de suas economias para investir aqui.⁷⁴ Com o passar das décadas, muitas casas antes grandes e espaçosas para abrigar famílias numerosas, já foram demolidas. Por isso, parte do patrimônio arquitetônico já não existe mais.

No entanto, muitos dos jovens descendentes de alemães nascidos em solo brasileiro optaram por voltar para a Europa e abandonaram os pais idosos.⁷⁵

Os poloneses eram menos favorecidos financeiramente, porque em sua maioria procediam da região da Galícia, mais “atrasada” e constituída de camponeses arrendatários. Além disso, entre os alemães havia pessoas com mais instrução, com profissões, como por exemplo, carpinteiros, sapateiros, marceneiros, alfaiates.⁷⁶

Apesar de não viverem em fartura, era um povo muito festivo. Na localidade, havia três salões para animar bailes.⁷⁷ As festas de casamentos, por exemplo, eram

⁷¹ GIELINSKI, João; GIELISNKI, Maria.. **Entrevista...** p. 2.

⁷² WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 22.

⁷³ SZCZEPANIAK, Grażyna; BĄK, Marek A. Bańki i tańce. In: AGÊNCIA POLACA DE INFORMAÇÕES, **A Polónia Hoje**. Varsóvia: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Departamento da Promoção e Informação. s/d. p. 1.

⁷⁴ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista concedida a Murielle S. B. Benthien**. Rio Vermelho - São Bento do Sul, 02 de fevereiro de 2005. p. 3.

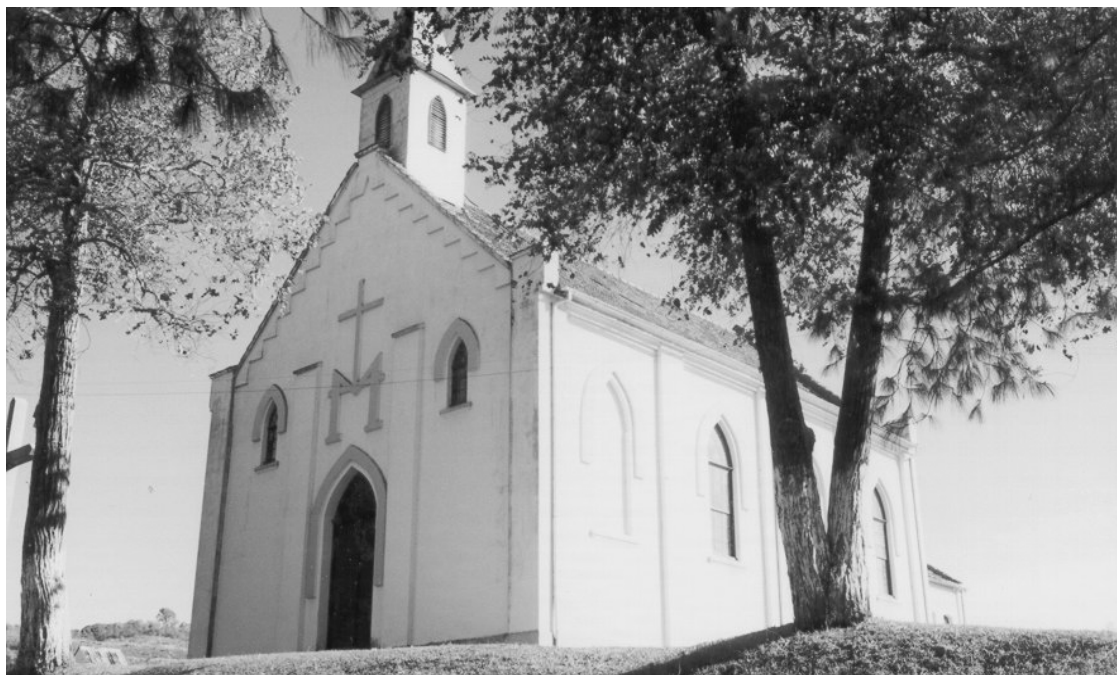
⁷⁵ Idem.p.2.

⁷⁶ KAZSUBOWISKI, Mieceslau. **Entrevista concedida a Murielle Benthien**. São Bento do Sul: 18 de maio de 2005.p. 2.

⁷⁷ Idem, p. 1.

muito alegres e fazia-se questão da abundância de alimentos para servir aos convidados.⁷⁸

Figura 16- Capela “Nossa Senhora da Medalha Milagrosa”



FONTE: Acervo da Fundação Catarinense de Cultura

Figura 17- Cemitério ao lado da capela



FONTE: Acervo da Fundação Catarinense de Cultura

⁷⁸ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista concedida a Murielle S. B. Benthien**. Bateias – Campo Alegre, 08 de Fevereiro de 2005. p. 3.

Figura 18 - Casa de Brunislawa Waltwan: uma das poucas ainda existentes.



FONTE: Acervo Particular de Fernando Dreveck

Figura 19 - Noivos na década de 1920 – Bateias



FONTE: Acervo particular de Eulália Dziecz

“A festa era três dias, de duração”.⁷⁹ No primeiro dia era a festa na casa dos noivos. No segundo, o casamento, em que partiam juntos até a Igreja,⁸⁰ e no terceiro, música e dança em comemoração à união.⁸¹

“Casavam-se já de manhã quando vinha um padre, porque era difícil antigamente, não tinha padre sempre. Só quando o padre vinha, aquele dia daí fizemos o casamento. Às vezes tinha dois juntos, três”.⁸² Segundo o costume, usava-se um laço de fita, para destacar os noivos e os convidados.

Na região de Bateias, apesar de haver Igreja, era raro conseguir padre para realizar as cerimônias. Muitos fiéis buscavam a Capela de Campo Alegre para unirem-se em matrimônio. O casamento civil era feito muito tempo depois. Alguns deixavam passar até alguns anos para a união, porque os Cartórios eram muito distantes.⁸³

Figura 20 - Festa de casamento na década de 1920 – Bateias



FONTE: Acervo particular de Eulália Dicziewicz

Outras procuravam pelos casamentos na Igreja Matriz. Muito comum era também os padres missionários realizarem as cerimônias. Eles visitavam as regiões

⁷⁹ Idem, p. 2.

⁸⁰ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 7.

⁸¹ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p.2.

⁸² WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 7. No Livro Paroquial da Igreja Matriz encontramos até 4 casamentos realizados no mesmo dia, aproveitando o padre e os fiéis, a proximidade das regiões. IGREJA MATRIZ . **Livro de Casamentos I.** São Bento do Sul: 1879-1883. p. 45-46.

⁸³ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 3.

e os párocos aproveitavam para solicitar o matrimônio.⁸⁴

Com relação à falta de ligação inicial com centro de São Bento, Antoni Hempel chega à desenhar nas linhas de sua observação, a imagem de uma Colônia totalmente autônoma.⁸⁵ Não raro obtivemos a mesma impressão quando se trata de bibliografias sobre a região. Entre o período de 1871 a 1914, dos 91 núcleos brasileiros citados como ocupações polonesas, Rio Vermelho apareceu em algumas delas, como povoação planejada e não como “linha” extensiva de sua parte central.⁸⁶

Sumariamente ao leitor, poderia parecer o mesmo quando Ruy Christovam Wachowicz afirmou que as missas dominicais em Rio Vermelho teciam uma paisagem polonesa no Brasil. Refere-se o autor, às numerosas carroças que ficavam todas “estacionadas” no pátio da Igreja, pertencentes a pessoas que vinham de lugares próximos.⁸⁷

Nesta época, a carroça era o meio de transporte mais freqüente, tendo os carroceiros fundado um sindicato. Com o tempo, estes carroções foram cedendo espaço aos caminhoneiros que surgiu como nova profissão.⁸⁸

Infelizmente, no caso de Rio Vermelho, a inauguração da estrada Dona Francisca fez com que lentamente evacuassem a região, já que não passavam mais por ali para trazer ou levar as suas cargas de Campo Alegre. Esta deixou de ser obrigatória, porque tiveram a oportunidade de fazer o caminho direto “serra abaixo”.⁸⁹

Portanto, as transformações da região foram significativas. Naquela época, era muito movimentada, com comércios, hospedaria, cervejarias, olarias, alfaiates, marcenarias, etc. Todo o transporte de madeira de região para comércio exterior era feito pela estrada que passava por Rio Vermelho para chegar à Estação ferroviária.⁹⁰

Pela facilidade de acesso, o motivo de poloneses de todas as localidades

⁸⁴ IGREJA MATRIZ . **Livro de Casamentos I**. São Bento do Sul: 1879-1883.p. 58.

⁸⁵ HEMPEL, Antônio. Os Poloneses no Brasil. Lwów, 1893. In: **Anais da sociedade Brasileiro-Polonesa**. Tradução: Francisco Dramka. Curitiba: 1973, VIII v. p. 77.

⁸⁶ SIEWIERSKI, Henryk. Os poloneses nos 500 anos do Brasil. In: **Brasil 500, República das Etnias**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p. 84.

⁸⁷ WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Rio Vermelho**. Artigo não publicado. Acervo do Museu Histórico de São Bento do Sul. p. 2.

⁸⁸ KORMANN, José. Carroceiros X caminhoneiros. In: **Um ano de Jornal Evolução**. Volume I. São Bento do Sul: do Autor, - 1997. p. 113.

⁸⁹ PFEIFFER, Alexandre. **São Bento...** p. 134.

⁹⁰ PFEIFFER, Alexandre. **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda.,1999. p.132.

acorrerem às missas dominicais estava no fato de ser uma espécie de “centro” daquela região. Umas das linhas de continuidade deste “centro”, era também Rio Natal: iam a pé até o Rio Vermelho assistir missa ou enterrar seus mortos, porque na localidade não havia capela nem cemitério.⁹¹ Por estar mais afastada, levavam uma vida mais tranqüila.

Defrontamo-nos com casas de colonos, quais ninhos de andorinhas, ornamentadas por jardins floridos e tiras verdes, onde viça o milho. Quanto mais descemos, maior é a mudança. É mais selvagem.⁹²

Mieceslau Kazsubowski afirma que na sua infância, levava-se uma vida muito pacata em Rio Natal, por ser um local inóspito.

Inóspito quer dizer, era difícil de se viver, tinha estradas muito estreitinhas e só tinha um ou outro comércio muito pequeno. Em 1929 foi construída ah, a primeira Igrejinha católica do Rio Natal, na qual eu fui batizado.⁹³

Em meados de 1930 havia cerca de 250 famílias em Rio Natal. Posteriormente além da mudança para outros locais da cidade como o Centro por exemplo, algumas famílias deslocaram-se para o Paraná.⁹⁴ Portanto, até a construção e inauguração de igreja própria à localidade, deslocaram-se ao Rio Vermelho.⁹⁵ Após a inauguração, vinham padres poloneses semanalmente rezar missa.⁹⁶

Figura 21- Capela de Rio Natal em 1930



FONTE: Acervo Particular Mieceslau Kazsubowski

⁹¹ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...**p. 17.

⁹² HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 77.

⁹³ KAZSUBOWSKI, Mieceslau. **Entrevista... concedida a Muriéle** p.1.

⁹⁴ Ibid., p.1.

⁹⁵ Ibid., p. 2.

⁹⁶ Ibid., p. 2.

Da região de Bateias, região muito mais distante, tinham de acordar de madrugada para dirigirem-se ao Rio Vermelho.

Pegávamos uma carroça madrugada, pelas quatro horas... Às 8 horas nós estávamos em Rio Vermelho. Pra se confessar na semana santa, era assim. A gente pegava a carroça e ia pra se confessar, em jejum. E assistia missa. De tarde, vínhamos embora.⁹⁷

Frente ao comércio concretizado e a necessidade de transporte madeireiro, o convívio com os brasileiros era assíduo em Rio Vermelho. Mais tarde, com a construção da estrada de ferro que propiciou o escoamento da produção por outro acesso, acrescentou-se o termo “Povoado” para distinguir da “Estação”.

Associações de moradores existiram em Bateias e no Rio Vermelho Povoado. Neste último, após o lançamento da Pedra Fundamental, organizaram uma espécie de associação para levantar fundos necessários à construção da Igreja.

Após inauguração da Igreja, os padres Lazaristas* responsáveis pelos paroquianos locais quiseram promover a devoção à *Nossa Senhora da Medalha Milagrosa*, e instalaram no altar a santa que a simboliza. Segundo a crença, a santa tem esse nome porque havia uma pequena medalha de ouro dentro dela. Infelizmente, para os fiéis a medalha já não existe mais porque foi roubada.⁹⁸ Bem se sabe que a padroeira da Polônia é *Nossa Senhora de Czestochowa de Jasna Góra*,⁹⁹ mas a medida tomada pelos Lazaristas teve receptividade. Entretanto, persiste até hoje também um belo quadro da Matrona Polonesa pendurada na mesma Igreja.

O altar da Igreja foi todo talhado em madeira, e dadas as habilidades do artesão que o esculpiu, cogita-se que o Cristo que faz parte do acervo do Museu de Bateias também foi confeccionado pela mesma pessoa. Além do quadro citado, há outros objetos e ícones, que levantam evidência de distintas origens.

⁹⁷ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 6.

* Congregação da Missão, que foi fundada em Paris em 1625 por São Vicente de Paulo. Chegaram ao Brasil em 1820 e fundaram o colégio do Caraça, sua primeira residência, em Minas Gerais. BRITANNICA. **Nova enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro: Britânica do Brasil Publicações Ltda, 1997.

⁹⁸ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 21.

⁹⁹ IAROCHINSKI, Ulisses. **Saga dos Polacos, A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 2000. p 49.

Figura 22- Czestochowa – Folhetim



FONTE: Museu Histórico de Bateias

Por exemplo, entre os poloneses, os livros de catecismo também foram assiduamente utilizados. A missa era rezada em latim, mas as orações e cânticos em língua habitual de origem.¹⁰⁰

Para os alemães, a recíproca é equivalente. No acervo desta mesma Igreja, permanecem livros escritos em alemão e polonês, que eram utilizados pelos padres, além dos párocos da comunidade que organizavam aulas de religião para os filhos. “A religião, o professor já ensinava na escola. Uma vez por semana era dia de ensinar o catecismo. Daí chegávamos já a fazer a primeira comunhão já pelo estudo do professor. Não tinha separação”.¹⁰¹

Era costume entre as meninas, vestirem-se de branco nas missas e formarem grupos para representarem a religiosidade, servindo na suas atitudes, como exemplo para os demais.

¹⁰⁰ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...**p. 20.

¹⁰¹ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 5.

Figura 23- Grupo sob orientação dos padres e freiras - Bateias



FONTE: Acervo particular de Eulália Dicziec

IV. 1 PROTESTANTES X CATÓLICOS

Os alemães que freqüentavam a Igreja também eram católicos. Os protestantes, no entanto, distanciavam-se quando a questão era religião. No dia-a-dia o comportamento era respeitoso entre todos, mas na hora de casarem-se, por exemplo, alemães escolhiam alemães, e poloneses, as polonesas. “Se davam muito bem com os poloneses, mas poucos casaram com polonesas, poucos... Nem os polacos casaram com as alemãs, nem casaram os alemães com os poloneses”.¹⁰²

O casamento entre alemães e poloneses não era muito bem visto, mas no entanto, mesmo que não desejados entre os pais, não era incomum.¹⁰³ Havia muitos casamentos entre pessoas de segunda e terceira geração, entre os quais, nascidos no Brasil.¹⁰⁴

O que certamente era mais criticado, eram os casamentos entre católicos e protestantes.¹⁰⁵ Nos livros de casamento, é mais comum, encontrarmos casamentos entre brasileiros e estrangeiros católicos, mas muito raro entre protestantes com católicos nas primeiras décadas do século XX.

Efetua-se toda uma formalidade quando o desejo era o matrimônio entre ambos. No Livro Tombo de Rio Vermelho, há alguns poucos pedidos de autorização para poloneses casarem-se com alemães.¹⁰⁶ A religião adquiriu neste aspecto a

¹⁰² WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 3.

¹⁰³ BOLMANN, Renato; BOLMANN, Maria. **Entrevista concedida a Murielle Benthien.** São Bento do Sul, 17 de agosto de 2005. p. 7.

¹⁰⁴ GIELINSKI, J.; GIELISZNIKI, Maria. **Entrevista...** p. 1, 3.

¹⁰⁵ BOLMANN, Renato; BOLMANN, Maria. **Entrevista...** P.7-8.

¹⁰⁶ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo.** São Bento do Sul, 1904-1909. p. 12, 13, 22, 23 e 24.

conotação de fronteira entre os dois grupos.

De acordo com Renato Bolmann, quando um dos membros do casal era protestante, optavam de comum acordo por casar ou numa ou n'outra Igreja. Depois de realizada a cerimônia, cada um seguia com as suas próprias crenças. Tudo isso, sempre com a autorização do padre ou dos pais.¹⁰⁷ Na igreja matriz, no período que compreende 1879-1883, foram realizados seis casamentos de católicos com protestantes.¹⁰⁸

Foram crescentes os pedidos de permissão para freqüentar a Igreja e pequenas agremiações quando organizavam festas e cuidavam de assuntos referentes a sociabilidade local. “Eles não vinham na Igreja católica não, mas eles ajudaram muito”.¹⁰⁹ Para isso, eram muito prestativos, porque na maioria das oportunidades proporcionavam-lhes lazer e distração após a fatigante semana de trabalho.

Como a religião oficial do Império era a católica, obtiveram os protestantes a liberdade de erguer seu templo em São Bento somente com o advento da República.

Mas isto não lhes causaria tanto impacto se comparado ao *sentimento de polonidade*. Segundo Lauri Emílio Wirth, a preservação da identidade étnica no que chama de *protestantismo de imigração*, não se explica apenas pela experiência religiosa nem pela vida cotidiana do imigrante alemão, mas sim também numa série de outros elementos.

A explicação da preservação da identidade étnica precisa ser buscada em ingerências exógenas. Essas ingerências estavam relacionadas a interesses políticos e econômicos, vinculados a disputas entre as potências expansionistas européias pela busca de novos espaços comerciais e territoriais, na segunda metade do século XIX, até os anos quarenta deste século (Segunda Guerra Mundial). É a partir deste pano-de-fundo histórico que o papel da religião na preservação da etnia foi imposta como canal de influência cultural e política sobre os imigrantes e seus descendentes. Não está na raiz da experiência religiosa do imigrante.¹¹⁰

Portanto, a cultura alemã não parecia estar ameaçada pelo fato de estarem entre poloneses na Igreja, ou pela demora na construção dos seus próprios templos.

¹⁰⁷ BOLMANN, Renato. p.7-8.

¹⁰⁸ IGREJA MATRIZ . **Livro de Casamentos I**. São Bento do Sul: 1879-1883. p. 18, 22 ,39 ,43 , 54, 56

¹⁰⁹ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 4.

¹¹⁰ WIRTH, Lauri Emílio. Protestantismo e etnia: sobre a preservação da identidade étnica no protestantismo de imigração. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e Associação Nacional de História, 1998. pg. 24.

IV. 2 ESCOLA

No Rio Vermelho, a escola polonesa era mantida pelos próprios moradores. Ali freqüentavam tanto crianças alemãs quanto polonesas, mas vigoravam estas últimas como a maioria. Algumas vinham de partes muito distantes para estudar, como Avenquinha, Bateias e Fragosos.¹¹¹ As meninas freqüentavam apenas nos primeiros anos a escola. Em sua maioria, tinham de cuidar dos irmãos mais novos.¹¹² “A justificativa para o abandono dos estudos é dada pela necessidade de cuidar de algum irmão menor ou auxiliar nas tarefas domésticas enquanto a mãe está na roça”.¹¹³

Em Bateias, as escolas também era freqüentadas em sua maior parte por poloneses. O professor era polonês, vindo de Curitiba. A população local é que mantinha financeiramente. “Tudo particular, o pai tinha que pagar e, se algumas pessoas eram mais pobres, que não podiam pagar tudo, eles faziam festa, pra arrecadar e repor este dinheiro, que faltava ao professor”.¹¹⁴

A casa para abrigar a escola foi construída pelos próprios moradores, com duas bandeiras, que representavam o orgulho de seu povo, mas que lembravam também a nova pátria.

Figura 24 - Casarão da Escola – Bateias



FONTE: Acervo Particular de Eulália Dicziecz

¹¹¹ VASCONCELLOS, Osny; et. al. Op. Cit., p. 131.

¹¹² WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...**

¹¹³ PARANÁ. **A represa e os colonos**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte; Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 1986. p. 54.

¹¹⁴ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 2.

Já os alemães, tinham escola separada em Bateias.¹¹⁵ Em Rio Vermelho também, e esta era mantida pela direção colonial.¹¹⁶ Posteriormente, a igreja protestante foi edificada no mesmo lugar. Esteve sempre ao lado do terreno, o seu cemitério. Inferimos aqui, uma sutil diferença entre o respeito aos mortos enterrados na Colônia Dona Francisca. Com ênfase na afirmação de Emílio Lauri Wirth (*Protestantismo de imigração*), lá todos os alemães eram enterrados no mesmo lugar independentemente de suas crenças, porque acima de tudo, estava a sua origem.

IV. 3 ELEVAÇÃO A CURATO

A colônia São Bento, difere-se pela dualidade que tende para o aspecto religioso. No cemitério central, por exemplo, descendentes de diversas etnias - boêmios, galicianos, pomeranos - por exemplo - eram enterrados num único espaço porque eram católicos. A urgência em dedicar um espaço a seus mortos, não lhes permitia a discussão de diferenças de origem.

Em 14 de março de 1903, a Igreja do Rio Vermelho foi elevada à Curato. Isto quer dizer que a região obteve total independência com relação a Paróquia de São Bento e podia ter padres efetivos respondendo apenas à comunidade local. Quando solicitado registro da novidade no Livro Tombo do Rio Vermelho pelo padre da secretaria do Bispado de Curitiba, encomendou-se avisar à todos na missa de domingo da Igreja Matriz da Paróquia de São Bento, para que ficassem sabendo.¹¹⁷

Em fevereiro de 1909, Dom João Becker da Diocese de Florianópolis fez uma visita pastoral:

O movimento religioso não foi grande, por falta de um sacerdote que falasse a língua polaca. O povo é muito religioso e conserva as tradições de seu país natal. Prometemos-lhe um sacerdote de sua nacionalidade, logo no-lo fosse possível. Logo de fato, providenciamos. Conseguimos dois distintos padres Lazaristas que fixaram sua residência no novo Curato de Massaranduba e assumiram a administração do Rio Vermelho.¹¹⁸

Era muito comum a falta de padres e também as dificuldades financeiras para mantê-los.⁶² Enquanto os padres de Massaranduba que iriam assumir não vinham, os Padres Lazaristas “polacos” de Lucena que visitaram várias vezes por ano o

¹¹⁵ Idem.

¹¹⁶ VASCONCELLOS, Osny; et. al. Op. Cit., p. 131.

¹¹⁷ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1909. p. 1.

¹¹⁸ Idem. p. 4-5.

⁶² Idem. p. 5.

Curato do Rio Vermelho, foram solicitados para prover emergencialmente a administração.¹¹⁹ Posteriormente padres missionários do Sagrado Coração de Jesus (alemães) e outros padres em sua maioria eram trazidos de Curitiba (poloneses), também atendiam os fiéis.¹²⁰ Na região de Bateias, quando não iam para o Rio Vermelho, concentravam-se em Campo Alegre, região que também tinha grande circulação de missionários.

Figura 25- Reunião de Padres Missionários – Campo Alegre



FONTE: Acervo do Museu Histórico de Bateias

Em Bateias havia Igreja. A população local também se organizou para conseguir a doação de um terreno, e transformaram a casa que servia de escola como capela provisória. Em 1920, foi inaugurada ao lado da antiga, a segunda Capela, de alvenaria.¹²¹ Mas padres para atender os fiéis, havia muito pouco. “Era só vez em quando. Uma vês por mês, duas vezes por mês, conforme o padre, que às vezes vinha para fazer casamentos”.¹²²

Depois que a Diocese de Florianópolis desmembrou-se da Diocese de Curitiba, tornaram-se submetidos hierarquicamente à Joinville como representantes

¹¹⁹ Idem. p. 5.

¹²⁰ WALTWAN, Brunislava. **Entrevista...** p. 2, 20.

¹²¹ BLASKOWSKY, Rufino. **Bateias de Baixo, 100 anos de História.** Campo Alegre: Fundação de Bateias de Baixo, 1970. p. 13.

¹²² WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 4.

catarinenses do planalto norte. Ainda que devessem à esta a satisfação de suas responsabilidades, a visita de padres vindos de Curitiba continuou.

Figura 26 - Velha Capela de madeira - Bateias



FONTE: Acervo particular de Eulália Dicziecz

Figura 27- Capela de alvenaria - Bateias



FONTE: Acervo particular de Eulália Dicziecz

A questão de Limites entre Paraná e Santa Catarina, foi um problema que de político-econômico transitou muito entre a esfera religiosa, quanto à reação desta hierarquia na discussões. Isto porque, longe dos casos das críticas dos jornais locais com relação ao monge João Maria, a preocupação maior era com o atendimento dos fiéis “catarinenses” em território paranaense.

Os poloneses principalmente tornaram-se “o objeto” da disputa, porque naturalmente estabelecidos no norte do Estado, nada mais queriam, do que assistir a missa em sua língua materna para conforto do espírito. E por vezes, como

acontecia de faltar padres no Curato do Rio Vermelho, recorriam às vilas e distrito pertencentes administrativamente ao Paraná (Guaratuba, Paranaguá, Pinhais, Lapa, Rio Negro, Lucena, União da Vitória e Palmas).¹²³ Logo chegou pedido formal de autorização do Bispo para que a Diocese de Florianópolis permitisse atender os fiéis advindos da região norte em confissão, casamento e demais sacramentos nas localidades “paranaenses”.¹²⁴ A permissão foi concedida aparentemente de forma amigável.

No entanto, em resposta “prática”, logo vieram as anexações de regiões que como Avenquinha, Bateias, Lucena e Massaranduba, ao Curato de Rio Vermelho. A medida tornava, portanto, subordinadas todas essas regiões povoadas por poloneses, na tentativa de que não fossem buscar no Estado vizinho a assistência paroquial. Mesmo havendo poucos padres, ainda assim eles se comunicavam em polonês, o que era muito valorizado pelos fiéis.

Esta situação conflituosa resume o desejo de se ver um padre que os entendesse. Não bastava ser católico, ainda que bem intencionados.

Rio Vermelho (Bechelbronn) é o verdadeiro centro. Dista 20 Km de São Bento. Localiza-se em magnífica baixada, entre serras altas e montanhosas. Possui igreja (sem sacerdote), escola, negócios, moinhos, etc.

Fomos ao negócio do Sr. Wielewski. Lá estavam alguns colonos, da Prússia Ocidental. Alegrou-se quando perceberam que falamos “tão fluentemente o polonês”. Estão bem, afirmam. Ressentem-se da falta de sacerdote polonês. Insistem para que escreva ao cardeal de Cracóvia, pedindo um “bom” sacerdote. Apontam para a Igreja, onde não se realizam ofícios religiosos. São obrigados a freqüentar São Bento. Lá o sacerdote é alemão e eles não o entendem. O padre é bem intencionado para com os poloneses.¹²⁵

Mas, sob a ótica de Antonio Hempel, o que significa ser um “*bom sacerdote*”?

Envolve o desejo de alguém que além de falar o polonês, conheça bem os costumes deste povo e seu sentimento de *polonidade*. Alguém que suprisse seus anseios de viver a mesma vontade de perpetuar seus valores, e que fizesse parte da comunidade, como uma grande família. Para eles não bastava, por exemplo, um padre que rezasse a missa se fosse ele *alemão*, ou *brasileiro*, porque depois seguiria seu rumo num itinerário de “idas” e “vindas” como se não fizesse de modo efetivo parte da comunidade. “Em Campo Alegre tinha padre, mas era alemão. Aquele padre Bernardo era alemão, então os poloneses não gostavam desse padre, e eles passavam por Campo Alegre e iam pra Rio Vermelho porque lá tinha padre

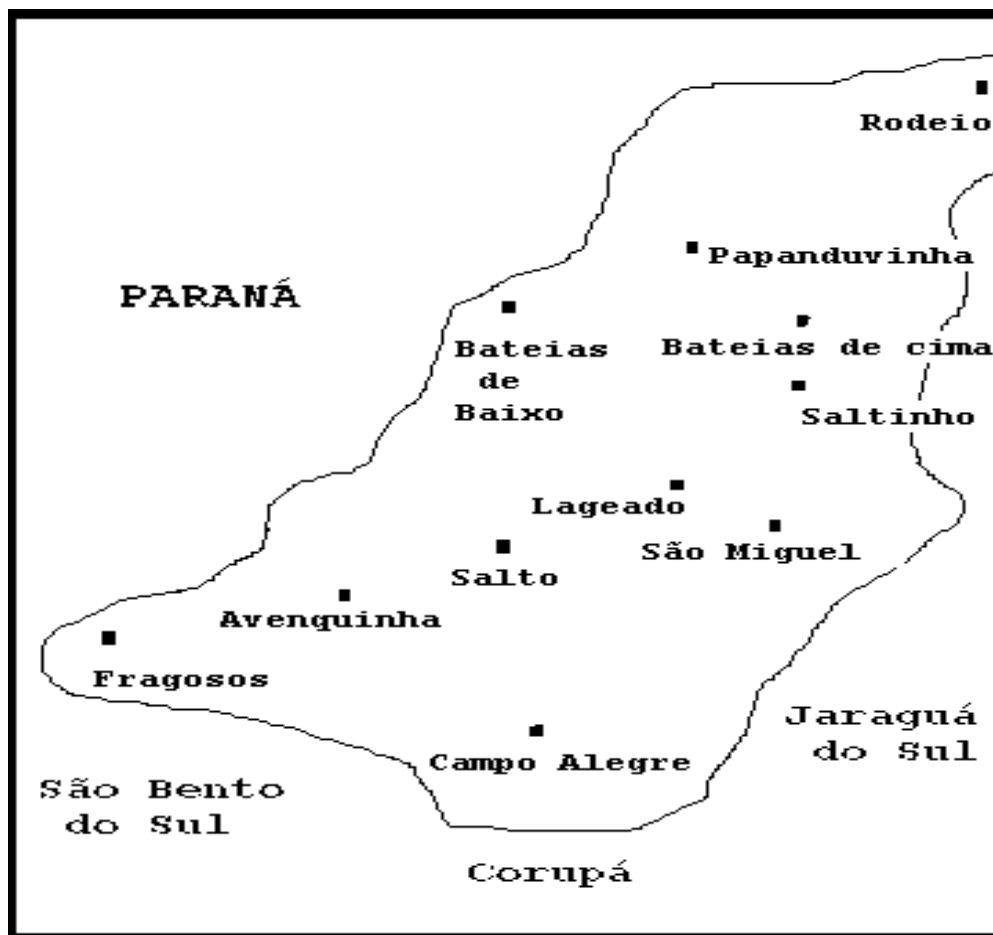
¹²³ PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1909. p. 8.

¹²⁴ Devido a incerteza quanto aos limites territoriais, a afirmação considera apenas as terras reivindicadas pelo Paraná.

¹²⁵ HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 76.

polonês”.¹²⁶

Figura 28 - “Póvoas” polonesas anexadas



FONTE: BLASKOWSKY, Rufino. **Bateias de Baixo, 100 anos de História**. Campo Alegre: Fundação de Bateias de Baixo, 1970. p. 04.

Deste modo, por mais que se esforçassem, padres brasileiros ou alemães não compartilhariam com eles o que viviam ou pensavam. Tarefa difícil e prolongada era suprir esta vontade. Em fins do império, porque não conseguiam convencer tantos padres a largarem da Europa para vir ao Brasil, e em início da República, porque não era interesse do governo brasileiro que perpetuassem a comunicação em língua materna. O nacionalismo brasileiro era contra manifestações de identidades coletivas que evidenciassem um pluralismo cultural.¹²⁷

¹²⁶ WIELECKI, Bárbara. **Entrevista...** p. 6.

¹²⁷ SEYFERTH, Giralda. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). **Região e Nação na América Latina**. Brasília: UnB, p. 81.

Quanto à situações de constrangimento ou conflito, segundo Zuleika Alvim, “toda e qualquer desavença entre os países de origem era transferida aos países de adoção, passando a fazer parte do cotidiano dos imigrantes como se estes ainda estivessem na própria pátria”.¹²⁸

De fato, se tomarmos por referencial o que vivenciaram sob o domínio prussiano e compará-lo com sua situação no Brasil, algo de semelhante percebe-se na relação entre alemães e poloneses, à exemplo da resistência em aceitar-se um padre alemão.

Contudo, a valorização do *ser alemão*, não abrange específica e somente atitudes contra o *ser polonês*. Segundo Giralda Seyferth, “a manipulação da identidade teuto-brasileira, inclui critérios de identificação contrastantes que colocam o grupo em oposição à todos os grupos que não façam parte dela”.¹²⁹

Inversamente, atribuindo o mesmo argumento aos poloneses, com o seu *sentimento de polonidade* intrinsecamente ligado à religiosidade, cada vez mais se reforça a percepção quando nos debruçamos aos dados empíricos.

Quando a continuidade desta religiosidade parece estar ameaçada, volta-se contra tudo aquilo que não seja o polonês. A concepção de religiosidade entre os poloneses assevera que o vínculo entre religião e *polonidade* representa um vínculo entre fé e patriotismo:

As conotações históricas da nação polonesa nos leva à compreensão da expressão *fé polonesa*. Refere-se o colono à linguagem, ao rito, aos dias santificados existentes na terra natal e que continuam a ser respeitados aqui, porém sem o correspondente respeito pelos brasileiros. Os sacramentos são considerados fundamentais na existência de um colono.¹³⁰

Portanto, para os emigrantes poloneses, não se aceitaria tão facilmente um padre não pelo fato de ser ele alemão ou brasileiro. Mas sim, por não ser polonês, e por não compreender o catolicismo polonês, os seus ritos e costumes.

Na *Gazeta Polska*, Ruy Christovam Wachowicz analisa argumentos utilizados pelos poloneses para legitimar o argumento de não aceitar padres brasileiros. Dentre eles, sobressai-se:

¹²⁸ ALVIM, Zuleika. Op. Cit., p. 12.

¹²⁹ À exemplo do Vale do Itajaí, SEYFERTH faz referências à situações em que o alemão “não se dá apenas com o polaco”, mas também com os irlandeses, luso-brasileiros, índios, caboclos e negros. SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981. p. 159. Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 165.

¹³⁰ WACHOWICZ, Ruy Christovam. A Fé Polonesa. In: **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 165.

- 1- Os colonos não entendiam nada do que os padres brasileiros lhe falavam. Sendo assim, não poderiam confessar-se com os mesmos.
- 2- Os costumes eram completamente outros: festas, dias santificados, canções etc.
- 3- Os poloneses na realidade não precisavam de auxílio da igreja brasileira, porque eles próprios sustentavam seus padres e por sua conta construíam as igrejas.¹³¹

Inserindo os argumentos à “realidade” da colônia São Bento, a situação seguinte chama-nos a atenção, quando da leitura do Livro Tombo da Paróquia do Rio Vermelho. Comparada a afirmação contida no item número 1, há a citação de um caso em que muito o padre se esforçou “para agradar à todos”, rezando missa em português e polonês. Ou seja, o padre comunicava-se com os poloneses, mas o que não os agradou, foi o fato de que este tratava com igualdade os luso-brasileiros.¹³²

Queriam dedicação exclusiva, queriam sentir-se exclusivos. No Paraná, a resistência por parte dos paroquianos, os mostrava como desejosos de ter um padre polonês, independente de isto ser feito até mesmo à força.

“Forçosamente é preciso conseguir, por qualquer caminho, que poloneses possam ter seus próprios padres, nem que fossem dependentes do bispo local; contanto que se lhes não opusessem dificuldades”.¹³³

No caso do argumento número 3, a questão de sustentar o padre, constituiu-se mais por questão de necessidades primordiais não assistidas. Posteriormente, pareceu aos paroquianos da Igreja de Rio Vermelho, uma das maneiras de demonstrar o seu descontentamento em relação às autoridades pela sua negligência em atenderem pedidos essenciais para os colonos.

Fazia-se intervenções em relação à solicitação de auxílio por parte do governo, mas estas solicitações teriam que ser atendidas de maneira que correspondessem às necessidades dos colonos. Reivindicar não parecia a eles uma questão de renegar sua nova pátria, mas sim de não se sentirem abandonados no quesito religiosidade.

No caso do Rio Vermelho, a Igreja era juntamente à escola. O único empecilho visto por Antonio Hempel, era a grande distância entre as colônias, que levou à uma irregularidade de frequência às aulas.¹³⁴

¹³¹ Ibid., p. 103.

¹³² PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo**. São Bento do Sul, 1904-1909. p. 27.

¹³³ Comentário de uma revista especializada em imigração. In: WACHOWICZ, Ruy Christovam. A Fé Polonesa. In: **O Camponês Polonês no Brasil**. Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981. p. 103.

¹³⁴ HEMPEL, Antônio. Op. Cit., p. 76.

Em visita do dia 28 de maio de 1915, o Bispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira, de Florianópolis, observara:

“Com exceção de poucas pessoas, é um Curato composto de famílias originárias da Polônia, boas e profundamente religiosas”.¹³⁵ Mesmo sem definição da possibilidade de se ter uma missa rezada em polonês, pelo movimento religioso neste ano observado pelo bispo, houve a aceitação quanto ao sacerdote escolhido.

¹³⁵ Idem, p. 8.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imigração polonesa em Santa Catarina ocorreu de maneira muito diferenciada. Não foi planejada tão rigorosamente se comparada com a experiência que se tinha anteriormente com outros grupos. Isto deve-se a situação política particular da região do atual país, Polônia. Seu povo estava submisso, não contando com uma boa liderança nem condições favoráveis ao embarque.

Neste contexto, de acordo com a região a que estavam submissos, podiam contar com pouco mais ou pouco menos de autonomia. De qualquer maneira e independente do tipo de submissão, via-se sua liberdade ser sufocada. Aliados às dificuldades econômicas pela qual a maior parte dos povos da Europa central vinham sofrendo, emigrar constituiu-se uma alternativa de fuga dos problemas enfrentados.

Foram principalmente os galicianos que deslocaram-se para a Colônia São Bento. Fundada em 1873, é um exemplo de Colônia em que os poloneses localizaram-se nas áreas periféricas. Além deles, russos e prussianos em menor número.

Isto não quer dizer que não houve casos no atual estado de Santa Catarina, de tentativas de assentamentos de colonos exclusivos da etnia polonesa. No entanto, estes não desfrutaram de um bom incentivo governamental. Por exemplo, anteriormente a fundação de São Bento, almejou-se um núcleo somente de polacos na Colônia Príncipe Dom Pedro. No entanto, o projeto mal sucedido (ainda que particularmente bem intencionado) ocasionou a sua transmigração para o estado do Paraná.

De maneira geral, os imigrantes saídos da Europa já viajaram em más condições. Não muito diferente e talvez até em situação mais precária ficaram os poloneses.

Temos várias partes do território de Santa Catarina que abrangem o assentamento de colonos nas áreas periféricas. No caso de São Bento, o embarque sucedeu-se junto à maioria alemã. Os poloneses concentraram-se principalmente na estrada Wunderwald, no Rio Vermelho e Rio Natal. Refere-se a elas como principais, porque ali adquiriam-se lotes em maior número.

Discorda-se que tenham vivido de maneira totalmente isolada. Rio Vermelho por exemplo, era o principal caminho de acesso a Campo Alegre e nele havia um

intenso movimento de comércio viabilizado pela estrada que servia para o transporte da madeira extraída na região. Posteriormente, a construção da estrada de ferro já era suficiente para dar suporte ao escoamento desta produtividade econômica, mas isto não significou um evacuação da região.

A intensa busca por assistência religiosa foi responsável também pela movimentação da localidade. Como Rio Vermelho era o núcleo central das linhas polonesas, a paróquia local foi elevada a Curato. Era uma maneira de facilitar o acesso às famílias. De Rio Natal partiam a pé em pequenos grupos para assistir a missa. De Campo Alegre, tendo em vista que a maior parte dos padres foram alemães, também tinham preferência pela paróquia vizinha, já que lá os padres missionários falavam em polonês, promovendo-lhes uma boa acolhida.

Era uma questão de identificação. No dia-a-dia, por mais que se convivesse com alemães por necessidades comuns de imigrantes, a religiosidade era algo que os destacava quando trata-se do Rio Vermelho. Isto porque em comparação com o centro da Colônia, lá eles conviviam maior parte com protestantes, que adquiriam terreno para construção de sua igreja e cemitérios próprios.

A Igreja Matriz central, de confissão católica, abrigou uma diversidade grande de etnias. Muitos casamentos consumados, bem como as romarias dirigidas até pelos padres visitantes neste centro colonial, eram realizadas sob olhares de pessoas advindas também do Paraná.

Podemos dizer que era a erva-mate e a extração madeireira eram as atividades que movimentavam a economia. O comércio e consumo de outros bens eram consequência delas. Também a construção da estrada de ferro trouxe muita mão-de-obra estrangeira para o núcleo. Afinal, muitas pessoas tinham nesta atividade seu principal sustento e transmigravam para onde a construção da mesma se estendia.

De Rio Vermelho, os caminhões carregados por ali passavam para transportar a erva-mate e abastecer os vagões para escoar toda a produção. Por isso, o Rio Vermelho viveu uma separação em duas localidades, intitulado “Rio Vermelho Povoador” para diferenciar-se do “Rio Vermelho-Estação”. Muitos casamentos mistos aconteceram nesta época, por causa destes “estrangeiros”.

No início, procurou-se manter a coesão, as tradições e o costume de casamentos entre si, mas verificou-se ao longo da pesquisa, uma abertura desta limitação. Também é o mesmo caso dos casamentos realizados na Igreja Matriz. As

pessoas vinham a trabalho ou a passeio, acabavam optando por fazer de São Bento a sua morada fixa.

Às vezes, por falta de pároco realizava-se muitos casamentos de uma só vez. Os missionários que podiam deslocar-se com mais freqüência, passavam por áreas mais afastadas, levando consigo os livros paroquiais e realizando missa entre muito brasileiros. Esta permissão lhes era concedida pelo pároco local.

As romarias eram comuns, levando a população protestante a um certo estranhamento. Nas épocas de visita dos missionários (alemães do Sagrado Coração de Jesus), aproveitava-se para realizar vários batismos e confissões. As festas e romarias tinham um grande número de fiéis, o que impressionou algumas vezes os padres residentes.

Inicialmente os protestantes não podiam construir seus templos de maneira evidente. Alguns de maneira tímida solicitavam permissão para freqüentar festas paroquiais ou missas. Apesar das crianças alemãs estudarem junto com polonesas em algumas escolas (caso do Rio Vermelho), não era muito comum ao menos “oficialmente” o casamento entre eles. Dos casamentos realizados (alemão com polaco), depois das cerimônias, era comum cada um continuar com seu culto de origem.

Os poloneses, muito católicos, buscavam sempre por uma assistência que lhes suprisse a manutenção dos valores. Por isso, o contanto com os moradores de Rio Vermelho e Campo Alegre por exemplo era freqüente, pois o Rio Vermelho era o núcleo de assistência religiosa com padres poloneses. Por mais boa vontade que os padres campo alegrenses tivessem, deslocavam-se para o Rio Vermelho porque eles melhor identificavam-se. Algumas poucas pessoas de São Bento casaram-se na paróquia de Campo Alegre.

A Questão de limites de certo modo interferiu nos aspectos sociais. Em certo momento, alegando-se falta de padre, submeteu-se algumas vezes a Paróquia do Rio Vermelho aos Padres de Lucena (Itaiópolis) e outra de Massaranduba. Isto gerou uma certa apreensão.

Por haver recebido Curitiba, um número superior e mais significativo de grupos de imigrantes, o desejo de se ter padre polonês foi suprido pela presença de vários missionários trazidos de sua terra natal. Outrora, submetiam-nos aos padres missionários vindos exclusivamente da Polônia, de acordo com a disponibilidade de

deslocamento destes padres. Por isso, pôde-se perceber que Rio Vermelho era uma área mais exposta à disputa dos limites entre Paraná e Santa Catarina.

Tendo em vista que era muito distante o centro da colônia, promoveu-se a elevação a Curato, em 1911. Assim, os fiéis tinham uma assistência religiosa mais próxima. Aos imigrantes, pessoas que no seu dia-a-dia almejavam continuar com seus costumes, talvez pouco importasse tal questão de limites, estendo-se ela mais para o campo político. Alguns imigrantes até interessaram-se e atuaram na política local, mas no quesito religião, a intenção era apenas de dispor preferencialmente de um padre que entendesse sua cultura, e que lidasse em condições igualitárias.

Moradores da Estrada Wunderwald conhecida como “Polenstrasse” por ter uma maioria polonesa, deslocavam-se ao centro para assistir missa, praticar o catecismo ou enviar crianças para a Escola, mas também recorriam ao Rio Vermelho, quando realizavam-se as tradicionais festas polonesas. Eles buscavam assistência religiosa no centro do núcleo, não só pela maior proximidade, mas também porque o acesso naquela época para o Rio Vermelho era dificultoso, tendo em vista a péssima qualidade da estrada de ligação (Alberto Torres).

Não devemos atribuir um certo determinismo geográfico na questão de escolhas das terras feitas por polacos. Por mais que os imigrantes fossem acostumados de um modo geral as dificuldades, isto não quer dizer que escolheram seus lotes por livre e espontânea vontade. Junto às suas famílias, iam adquirindo lotes de acordo com sua ordem de chegada e a disponibilidade.

O Rio Vermelho – levando-se em conta como núcleo de onde partiam as linhas polacas – foi aberto como póvoa mais tarde.

Os polacos, bem como maior parte dos grupos, almejavam um novo modo de sobrevivência nas novas terras. A subsistência era fundamental e com o passar dos anos, a transmissão das tradições aos descendentes também. Portanto, em maior ou menor grau de acordo com as localidades, as dificuldades existiram. Isto não quer dizer porém, que devemos caracterizar os imigrantes como heróis, como os que trouxeram o progresso acelerado para a região.

A década de 1980 foi uma época que mais motivou-os a revalorizar sua identidade. A visita do Papa ao Brasil, mais especificamente em Curitiba, foi um evento que promoveu a auto-estima do grupo. Muitos habitantes são-bentenses se mobilizaram para ir ao evento. Nesta época, fundou-se os *Anais da Sociedade Brasileiro-Polonesa*, para comemorar o centenário da imigração no Paraná. Em São

Bento do Sul organizaram-se grupos folclóricos e fundou-se uma Sociedade que visava promover também a valorização da cultura polaca.

Convém dar ênfase aqui, ao fato de que Santa Catarina é constituída por um mosaico de etnias. Cada uma a seu modo, deixa sua parcela de influência e contribuição. Não cabe a nós, promover e elencar um único grupo étnico como o principal, atribuindo-lhes atos de heroísmo, em detrimento de outros.

Além disso, temos de levar em conta que nem todas as etnias eram constitutivas de serem consideradas no Brasil como elementos ativos sociais. Temos de levar em consideração que nosso país tende aos poucos, de maneira positiva, trazer cada vez mais pesquisas para investigar identidades por vezes “silenciadas”.

Muito ainda há por se fazer nas áreas da pesquisa, felizmente. Seria muita ambição por exemplo, pensarmos que uma única identidade constituiria-se no ícone representativo de nossa sociedade tão plural em gostos, manifestações, gestos, atitudes, comportamentos e religiosidade.

Afora a situação tão crítica de tentar-se impor uma identidade que caracterizasse nosso estado como homogêneo, temos de levar em conta também, a questão das individualidades e do reconhecimento das mesmas dentro dos grupos.

A riqueza da história da imigração, é justo esta diversidade. A elaboração dessa pesquisa foi de suma relevância para possibilitar maior visibilidade em relação aos poloneses, em Santa Catarina especialmente.

Na colônia, sendo em menor número e não transitando muito das áreas periféricas para a região central, o tom pejorativo do ser “polaco” não parece ter interferido tanto num sentimento de inferioridade. Vê-se na empatia e religiosidade de seus descendentes, um fator muito positivo, ainda que dadas as oportunidades de humilhação que possam ter sofrido.

Atualmente, muito das fronteiras são bentenses mudaram. No século XIX, era Bateias uma forte região de reimigração, e atualmente esta faz parte do município de Campo Alegre. As famílias residentes em Rio Vermelho e Bateias principalmente, têm também um sentimento muito forte de união, humildade e religiosidade.

Busquei aqui, proporcionar ao leitor informações e análises abrangentes sobre descendentes de poloneses e seu processo de recriações sócio-culturais, quando ocorreu sua inserção na sociedade brasileira.

Poloneses e alemães era grupos étnicos em maior número, porém, mesmo entre os europeus, já havia uma certa diversidade de hábitos e costumes. Havia minorias de

dinamarqueses, letos, suíços, franceses..etc.

Muito desta riqueza ainda pode ser estudada, e esta foi uma pequena contribuição. Refletir sobre seus valores, como sujeitos não só participantes do desenvolvimento agrícola e urbano de São Bento, mas também como recriadores de seus valores, evidencia o quanto ainda pode ser explorado em pesquisas futuras. Portanto, a pesquisa não encerra o assunto.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

Entrevistas

BOLMANN, Renato. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. São Bento do Sul/SC: 17 de agosto de 2005.

GIELISNKI, José. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. São Bento do Sul/SC: 17 de agosto de 2005.

GIELISNKI, Maria. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. São Bento do Sul/SC: 17 de agosto de 2005.

KAZSUBOWSKI, Maria Teresa. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. São Bento do Sul, janeiro de 2003.

KAZSUBOWISKI, Mieceslau. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. São Bento do Sul/SC: 18 de maio de 2005.

WIELECKI, Bárbara. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. Bateias (Distrito) - Campo Alegre/SC: 09 de fevereiro de 2005.

WALTWAN, Brunislawa Bineck. **Entrevista concedida a Muriéle Benthien**. Rio Vermelho – São Bento do Sul/SC: 07 de fevereiro de 2005.

Iconografia

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SUL. Acervo. São Bento do SUL/SC.

DICZIECZ, Eulália. Acervo Particular. Campo Alegre/SC.

DREVECK, Fernando. Acervo Particular. Rio Vermelho Povoado - São Bento do Sul/SC.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. Acervo da Diretoria de Patrimônio Cultural. Floiranópolis/SC.

KAZSUBOWISKI, Maria Teresa. Acervo Particular. Rio Vermelho Povoado – São Bento do Sul.

MUSEU HISTÓRICO DE BATEIAS. Acervo. Bateias/SC.

Jornais

A LEGALIDADE – Villa de São Bento:1893-1901

DER VOLKSBOTE – São Bento: 1901-1910

GAZETA STO LAT - Curitiba : fevereiro de 2000.

O CATHARINENSE – São Bento: 1911-1919

VOLKS-ZEITUNG – São Bento: 1908-1920

Livros paroquiais

IGREJA MATRIZ . **Livro de Casamentos I.** São Bento do Sul: 1879-1883.

PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Casamentos I.** São Bento do Sul: 1896

PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro de Óbitos.** São Bento do Sul: 1897-1920.

PARÓQUIA DO RIO VERMELHO. **Livro Tombo.** São Bento do Sul, 1904-1909.

Manuscritos, Datilografados e Impressos

BARRETO, Maria Theresinha Sobierajski Barreto. **A presença Polonesa em Santa Catarina.** Datilografado. s/d.

DIREÇÃO DA COLONIA DONA FRANCISCA. Ofícios e Relatórios – 1872-1876. In: **REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS.** v. 4, 1961. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1954-2001.

HEMPEL, Antonio. Os Poloneses no Brasil. Lwów, 1893. Tradução: Francisco Dramka. In: **Anais da sociedade Brasileiro-Polonesa.** VIII v.Curitiba:1973.

MUSEU HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SUL. **Rio Vermelho – Povoado.** Datilografado.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Rio Vermelho.** Datilografado.

ZIPPERER, Josef. **São Bento no Passado: reminiscências da época da fundação e povoação do município. Diários reunidos por Josef Zipperer.** Curitiba: s/n,1951.

Mapas

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO URBANO DO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL – DEPARTAMENTO DE CARTOGRAFIA. **Acervo.** São Bento do Sul/SC.

ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL DE SÃO BENTO DO SUL. **Acervo.** São Bento do Sul/SC.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionários e Enciclopédias

BRITANNICA. **Nova enciclopédia Barsa**. Rio de Janeiro: Britânica do Brasil Publicações Ltda, 1997.

KAWKA, Mariano. **Dicionário Brasileiro Polônês-Português**. Curitiba: LUD, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 2. ed. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

POLSKIE PRZEDSIĘBIORSTWO WYDAWNICTW KARTOGRAFICZNYCH. **Atlas Geograficzny**. **Atlas**

Artigos

AGÊNCIA POLACA DE INFORMAÇÕES. **A Polônia Hoje**. Varsóvia: Ministério dos Negócios Estrangeiros; Departamento da Promoção e Informação.

ALVES, Débora Bendochi. A propaganda dos expedidores concessionários de Hamburgo e a emigração alemã para o Brasil no século XIX. Versão resumida de um capítulo da obra: *Das Brasilienbild der deutschen Auswanderungswerbung im 19. Jarhundert*. Berlin: Wissenschaftlicher verlag, 2000. In: **Fronteiras, Revista Catarinense de História**. Florianópolis: UFSC, Dez. 2001.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ARNS, Otilia. (org.). A Etnia Polonesa. In: **Criciúma 1880-1980, "A Semente Deu Bons Frutos"**. Florianópolis: IOESC, 1985.

CAMPOS, Cynthia Machado. Identidades e diversidades no sul do Brasil: as tentativas de homogeneização do espaço catarinense na era Vargas. In: **Fronteiras: Revista Catarinense de História**. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – DEPARTAMENTO DE HISTORIA - Florianópolis:Imprensa Universitária. 1998.

CONSULADO GERAL DA REPÚBLICA DA POLÔNIA. **Lendas Polonasas**. Curitiba: CGRP.

COSTA, Maria Cecília Solheid da. El Violin que solo tocaba em polaco: Del estigma a la reconstrucción de la identidad de los polacos em Paraná. In: TORRE, Juan Carlos (Org.). **Desarrollo Economico – Revista de Ciencias Sociales**. Vol. 34. Buenos Aires: Insituto de Desarrollo Economico y Social, enero-marzo, 1995.

ESPIG, Márcia J. Limites e possibilidades de uma nova história cultural. In: Núcleo de História regional (org.). **LOCUS, Revista de História**. v. 4., n.1. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA - ESTADO DE SANTA CATARINA. **Lei número 5846**. Florianópolis, de 22 de dezembro de 1980, Artigo 1.

GIEŁ
Z
Y
N
_____. **La Cultura en Polonia**. Warszawa: Zaklady,, Dom Słowa Polskiego, 1997. SKI, Wojciech. Esbozo de La Historia de Polonia y de su Cultura. In: GILLIS, John R. Memory and Identy: The History of a Relationship. In: **Commemorations: the politcs of a national identity**. Pincton: Princeton University Press, 1994.

HOBSBWAN, Eric J. Etnia e Nacionalismo na Europa hoje. In: BALAKRISHAN, Gopal (org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. In: _____. **Identidade, Etnia e Estrutura Social**. São Paulo: Pioneira, s/d.

KLUG, João. As razões da imigração. In: JOCHEM, Toni Vidal (org.). **São Pedro de Alcântara 1829-1999, Aspectos de sua História**. São Pedro de Alcântara: Coordenação dos Festejos, 1999.

PARANÁ. **A represa e os colonos**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte; Coordenadoria do Patrimônio Cultural, 1986.

POLAK, Michel. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**. vol. 5, n. 10. Rio de Janeiro: Vértice, 1992.

SAPORSKI, Edmundo Wos. Memórias. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Gráfica Vicentina, 1972.

SEYFERTH, GIRALDA. Identidade étnica, Assimilação e Cidadania, a imigração alemã e o Estado brasileiro. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. n. 26. São Paulo, outubro 1994.

_____. Identidade Nacional, diferenças regionais, integração étnica e a questão imigratória no Brasil. In: ZARUR, George de Cerqueira Leite.(Org.). **Região e Nação na América Latina**. Brasília: UnB. s/d.

SCHWINZER, Roberta; CUNHA, Iolita. Poloneses em Santa Catarina. In: **Revista Mares do Sul**. n. 36. Florianópolis: Ed. Mares do Sul, Abril/Maio 2001.

SIEWIERSKI, Henryk. Os poloneses nos 500 anos do Brasil. In: **Brasil 500, República das Etnias**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

VELLOSO, Beatriz; CAVALLARI, Marcelo Musa. A Igreja sem João Paulo II. In: **Revista Época**. São Paulo: Globo, 11 de abril de 2005.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. A “Febre Brasileira” na Imigração Polonesa. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. I v. Curitiba:1970.

_____. As Escolas da Colonização polonesa no Brasil. In: **Anais da Comunidade Brasileiro- Polonesa**. II v. Curitiba:1970.

_____. Conjuntura emigratória polonesa no século XIX. In: **Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa**. Curitiba: Imprimax, 1970.

Obras

ANPUH-SC. **Fronteiras, Revista Catarinense de História**.n.7.Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de História da UFSC (Imprensa Universitária) e Associação Nacional de História, 1998.

ARNOLD, Stanisław; ZYCHOWSKI, Marian. **Esbozo de Historia de Polonia, Desde los orígenes hasta nuestros días**. Varsovia: Ediciones “Polonia”, 1963.

AUGUSTIN, Márcio. **O que já foi Bateias**. Campo Alegre: do autor, 1997.

_____. **Contos e Causos da Nossa Gente**. Campo Alegre: do Autor, 2004.

BARRETO, Maria T. S. **Poloneses em Santa Catarina: a Colonização do Alto Vale do Rio Tijucas**. Florianópolis: EDUFSC; Lunardelli, 1983.

BENTHIEN, Muriéle. **Poloneses do Rio Vermelho** – Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: Fevereiro de 2003.

BLASZKOWSKY, Rufino. **Bateias de Baixo, 100 anos de História**. Campo Alegre: do autor, 1970.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. **Apologia da História, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BONILHA, Maria Paula; CUNHA, Iolita. São Bento do Sul, o charme serrano. In: Coleção Mares do Sul. Florianópolis: Mares do Sul, 1998.

BURKE, Peter. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.

- _____. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 1987.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro/Lisboa: Difel/Bertrand Brasil, 1980.
- COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL. **A Represa e os Colonos**. Curitiba: Secretaria da Cultura e do Esporte, 1986.
- DAMIÃO, Valdemir. **História das Religiões**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003.
- DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos e outros episódios da historia cultural francesa**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIRKSEN, Valberto. **Presença e Missão Dehoniana no sul do Brasil (1903-1913)**. Florianópolis: Lagoa, 2004.
- DUNSTAN, J. Leslie. **Protestantismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1964.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (org.). **História Oral, Desafios para o século XXI**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz; Hocruz; Fundação Getúlio Vargas.
- FICKER, Carlos. **São Bento do Sul: subsídios para sua História**. São Bento do Sul: do Autor, 1973.
- GARDOLIŃSKI, E. **Escolas da Colonização polonesa no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.
- GIEŰŃSKI, Wojciech. **La Cultura en Polonia**. Tradução: Anna Rossa. Redator da versão espanhola: Alvaro Peláez. Warszawa: Zakùady Graficzone „Dom Sùowa Polskiego, 1977.
- GOULART, Maria Carmo Ramos Krieger. **Imigração Polonesa em Brusque: um Recorte Histórico**. Florianópolis: do Autor, 1988.
- _____. **Anotações de uma Imigrante Polonesa**. Florianópolis: Lunardelli, 1998.
- _____. **A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro**. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1984.

HERBST, Eugênio. **Subsídios para a História de Campo Alegre**. Joinville: Ipiranga, 1994.

HUGHES, Philip. **História da Igreja Católica**. São Paulo: Dominus, 1962.

HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

IAROCHINSKI, Ulisses. **Saga dos Polacos, A Polônia e seus emigrantes no Brasil**. Curitiba: U. Iarochinski, 2000.

KERSTEN, Márcia Scholz de Andrade. **O colono-Polaco: A recriação do Camponês sobre o Capital**. Dissertação (Mestrado em História Econômica do Brasil) – Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1983.

KLUG, João. **Imigração e Luteranismo em Santa Catarina: a comunidade alemã de Desterro – Florianópolis**. Florianópolis: Papa-Livro, 1994.

KORMANN, José. **Um ano de Jornal Evolução**. Volume I. São Bento do Sul: do Autor, - 1997.

_____. **Histórico da Estrada Dona Francisca**. Florianópolis: IOESC, 1989.

_____. **São Bento do Sul**. Florianópolis: IOESC, 1990.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 4 ed.

LEÚNODORSKI, Bogustaw; HERBEST, Stanislaw; GIEYSTOR, Aleksander. **Um Milenio de História de Polonia**. Varsóvia: "Polonia", 1959.

MATOS, Odilon Nogueira de. **Páginas Catarinenses**. Campinas: Pontes, 1993. 3 ed.

NÚCLEO DE HISTÓRIA REGIONAL. (org.). **LOCUS, Revista de História**. V. 4, n.1. Juiz de Fora: EDUFJF, 1998.

OLIVEIRA, J. C.; CAMPOS, M. ; CHAGAS, H. Focalizando São Bento do Sul – Município do Estado de Santa Catarina. In: **Monografias de Municípios Brasileiros**. São Paulo: Janeiro de 1957.

PIAZZA, Walter Fenando; HÜBENER, Laura Machado. **Santa Catarina, História da Gente**. Florianópolis: Lunardelli, 1983.

PFEIFFER, Alexandre. **São Bento Na Memória das Gerações**. São Bento do Sul: Ed. do autor, 1997.

_____. **História da Igreja Católica de São Bento**. São Bento do Sul: SL Ltda., 1999.

_____. **História da Comunidade Evangélica e Luterana de São Bento**. São Bento do Sul: JL, 1999.

POUTGNAT, Philippe; SREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade, seguido**

de Grupos étnicos e suas Fronteiras de Frederik Barth. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

POLSKA AGENCIA INTERPRESS. **Polônia – Os Fatos.**

SCHMIDT, Padre José Francisco. **Dehonianos do Sul do Brasil, 100 anos de presença e missão 1902-2003.** São Paulo: Loyola, 1995.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e Conflito Social no Brasil: a Guerra sertaneja do Contestado.**

READER'S DIGEST BRASIL LTDA. **Depois de Jesus, o Triunfo do Cristianismo.** Tradução de Bernardo Pinheiro de Melo. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil, 1999.

REMOND, René. O Século XIX, 1815-1914. São Paulo: Cultrix, 1976.

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS. Blumenau: Fundação Cultural de Blumenau, 1954-2001.

REVISTA MARES DO SUL. Edição Especial. n.18. Florianópolis: Mares do Sul, Outubro 1997.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo étnico teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí.** Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.

SOARES, Maria Elita. **São Bento do Sul: sua História, seus documentos.** São Bento do Sul: Pref. Municipal, 1992.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História Oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VASCONCELLOS, Osny; PFEIFFER, Alexandre. **São Bento, Cousas do nosso Tempo.** 2 ed. São Bento do Sul: dos Autores, 1991.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **História do Paraná.** Curitiba: Ed. Dos Professores, 1967.

_____. **O camponês Polonês no Brasil.** Curitiba: Fundação Cultural; Casa Romário Martins, 1981.

_____. **Tomas Coelho – uma comunidade camponesa.** Curitiba: Real, 1977.

_____. **Arquivo da Paróquia de Santa Anna de Abranches.** Curitiba: Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1972.

_____. **Abranches: Um estudo de História Demográfica.** Curitiba: Vicentina, 1976.